

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS**



**A memória no resgate do passado –
a Rua Augusta em São Paulo**

Marina Almeida Ferraz de Arruda

Dissertação
Mestrado em Cultura e Comunicação

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**A memória no resgate do passado –
a Rua Augusta em São Paulo**

Marina Almeida Ferraz de Arruda

Dissertação de Mestrado orientada pela Prof^a Doutora Teresa Malafaia
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Cultura e
Comunicação

2016

“A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Universidade de Lisboa têm licença não exclusiva para arquivar e tornar acessível, nomeadamente através do seu repositório institucional, esta dissertação/tese, no todo ou em parte, em suporte digital, para acesso mundial. A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Universidade de Lisboa estão autorizadas a arquivar e, sem alterar o conteúdo, converter a tese ou dissertação entregue, para qualquer formato de ficheiro, meio ou suporte, nomeadamente através da sua digitalização, para efeitos de preservação e acesso.”

Arruda, Marina Almeida Ferraz.

A memória no resgate do passado – a rua Augusta em São Paulo / Marina Almeida Ferraz Arruda; orientadora: Prof.^a Doutora Teresa Malafaia. Lisboa, 2016.

120f.

Dissertação (Mestrado de Cultura e Comunicação) –
Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa

1. Cultura e Comunicação. 2. Memória coletiva.
3. Rua Augusta.

AGRADECIMENTOS

Realizar um mestrado não é uma tarefa fácil, ainda mais quando envolve uma mudança de país. Por esse motivo, seria necessário um grande espaço para agradecer nominalmente todos os que me ajudaram e incentivaram durante todo esse processo. No entanto, não posso deixar de registrar aqueles que são tão responsáveis quanto eu pela elaboração desta dissertação. Em primeiro lugar, meus pais, Rosângela e Rafael, e minha irmã, Flávia, que nunca duvidaram que eu conseguiria e me ofereceram um apoio incondicional, mesmo quando toda essa jornada não havia começado e sair de São Paulo para morar em Lisboa ainda era apenas uma ideia.

Preciso também agradecer aos amigos do Brasil, que desde o “até logo” nos meus últimos dias no país me incentivaram a ir atrás do que eu queria e, além disso, me ajudaram a controlar a saudade e me deram força para seguir em frente. Aos colegas do mestrado que dividiram as agonias e dúvidas de que a dissertação um dia ficaria pronta. Aos amigos de Portugal, que continuaram sendo amigos mesmo depois de meses em que respondia a todos os convites com “não posso, preciso escrever a tese”, obrigada pela paciência e por sempre me dizerem que faltava pouco, não me deixando desistir. Para finalizar, meu agradecimento especial à Prof.^a Teresa Malafaia, que acreditou no tema mesmo antes que eu decidisse escrever esta dissertação sobre a Rua Augusta. Obrigada pelas conversas, encontros e liberdade para que eu seguisse o caminho que eu desejasse, mas sempre me orientando para que eu fosse capaz de colocar no papel aquilo que havia imaginado, me auxiliando para que tudo fizesse sentido.

A todos vocês o meu mais sincero obrigado.

“As lembranças se apoiam nas pedras da cidade”.

Ecléa Bosi

RESUMO

Aliando a relação entre história e memória com a rua Augusta, em São Paulo, esta dissertação pretende analisar como o resgate do passado pode ser feito através das lembranças de quem o viveu e como isso pode auxiliar no ato de se registrar esse passado. A Augusta, uma das mais icônicas da cidade brasileira, passou por diversas transformações, sendo a rua do glamour, passando pela rua das putas até a rua das baladas (discotecas). Como sua história tradicional não foi escrita, esse passado existe principalmente nas recordações daqueles que o presenciaram. A proposta desse trabalho é enquadrar a história da Augusta através do conceito de memória (coletiva e urbana), uma vez que a rua é o que é hoje graças ao resgate da memória de seus agentes transformadores. Para tal, será feita uma exploração da relação entre memória e história para, posteriormente, enquadrar o caso da Augusta nesta análise. Assim, pretende-se compreender como a memória é essencial ao se resgatar o passado da via.

Palavras-chave: rua Augusta; São Paulo; memória; memória coletiva; jornalismo literário; história; resgate do passado.

ABSTRACT

Combining the relationship between history and memory with the case of Augusta Street in São Paulo, this dissertation aims to analyze how the past redemption can be done through the memories of those who lived and how those flashbanck can assist in the act of recording this past. The Augusta Street, one of the most iconic streets of the Brazilian city, has undergone several transformations. As its traditional history was not written, this past exists mainly in the memories of those who witnessed it. The purpose of this work is to frame the history of Augusta Street through the concept of memory (collective and urban), once the street is what It is today thanks to rescue the memory of their inhabitants. To this goal, the relationship between memory and history will be explored in first place and then the case of Augusta Street can be framed into the analysis. By doing that, it will be possible to understand how memory is essential when bringing back the past.

Keywords: Augusta street; São Paulo; memory; collective memory; new journalism; history; recalling the past.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa dos entornos da Rua Augusta. Fonte: Marina Arruda.....	30
Figura 2 - Anos 60 na Augusta. Foto: Arquivo Editora Abril	34
Figura 3 - Augusta nos anos 70. Foto: Arquivo Editora Abril	35
Figura 4 - Klara Jozsca com o troféu do Miss Augusta, em 1959. Foto: Arquivo pessoal, cedido para esta dissertação	366
Figura 5 - <i>American bar</i> Casarão. Foto: Blog SP 24 horas. Disponível em: < http://sp24horas.blogspot.pt/?view=flipcard >. Acesso em: 09 ago. 2016.....	399
Figura 6 - Discoteca Vegas. Foto: Divulgação Vegas	44
Figura 7 - Discoteca Vegas. Foto: Divulgação Vegas	44
Figura 8 - Fachada do Studio SP. Foto: Facebook Studio SP. Disponível em: < https://www.facebook.com/studiosp.sp/?fref=ts >. Acesso em: 08 ago. 2016.....	45
Figura 9 - Discoteca Studio SP. Foto: Facebook Studio SP. Disponível em: < https://www.facebook.com/studiosp.sp/?fref=ts >. Acesso em: 08 ago. 2016.....	46
Figura 10 - Loja colaborativa Endossa. Foto: site Endossa. Disponível em: < http://endossa.com >. Acesso em: 09 ago. 2016	49
Figura 11 - Cabeleireiro Retrô Hair. Foto: site Retrô Hair. Disponível em: < http://retrohair.com.br >. Acesso em: 09 ago. 2016	51
Figura 12 - Cabeleireiro Retrô Hair. Foto: site Retrô Hair. Disponível em: < http://retrohair.com.br >. Acesso em: 09 ago. 2016	51
Figura 13 - Frequentadora da rua Augusta, anos 2000. Foto: Roberto Assem, cedida para esta dissertação.....	52
Figura 14 - Beco do Batman, na Vila Madalena. Foto: Reuters	54
Figura 15 - Beco do Batman, na Vila Madalena. Foto: Reuters	55
Figura 16 - Fachada da loja Caos. Foto: Facebook Caos. Disponível em: < https://www.facebook.com/caosaugusta/?fref=ts >. Acesso em: 18 ago. 2016	56

Figura 17 - Um dos telefones públicos da Call Parade. Foto: site Vivo Call Parade.
Disponível em: <<http://callparade.com.br>>. Acesso em: 18 ago. 2016 56

Figura 18 - Bloco Acadêmicos do Baixo Augusta. Foto: Facebook Acadêmicos do Baixo Augusta. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Acad%C3%AAmicos-do-Baixo-Augusta-297699272455/?fref=ts>>. Acesso em: 18 ago. 2016 60

Figura 19 - Edifício entre as ruas Augusta e Paranaguá. Foto: Mapio. Disponível em: <<http://mapio.net/s/29937415/>>. Acesso em: 18 ago. 2016 87

Figura 20 – Gráfico sobre a quantidade de artigos disponível no acervo do jornal O Estado de S. Paulo. Foto: O Estado de S. Paulo. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/procura#!/rua+augusta/Acervo/acervo>>. Acesso em: 18 ago. 2016..... 91

SUMÁRIO

1. Introdução.....	15
2. Rua Augusta em São Paulo	21
3. Memória <i>versus</i> história e a memória das cidades	65
4. O jornalismo e o resgate do passado da Augusta	83
5. Conclusão	105
6. Bibliografia.....	109
7. Anexos.....	115

1. INTRODUÇÃO

A rua Augusta, em São Paulo, se tornou uma das mais icônicas da cidade. Seja por suas muitas mudanças ou pelo papel que desempenha dentro do imaginário social, ela é de vital relevância para a cidade. O objetivo desta dissertação consiste em analisar a importância da memória – em especial a coletiva e urbana – para a construção da história da via brasileira. A Augusta conta com traços que a fizeram se distinguir dentro do cenário urbano. Ao longo das pesquisas feitas, foi possível detectar três fases que, juntas, são capazes de englobar as transformações ocorridas ao longo de seus anos de existência. Aqui, serão analisados os seguintes períodos: glória, degradação e revitalização.

Inaugurada em 1897, a rua tem ainda hoje um valor fundamental para São Paulo. Parte disso se dá por conta da localização. Ela começa na região central, atravessa a avenida Paulista e vai para o bairro dos Jardins¹. A Paulista e seus entornos constituem uma parte expressiva da cidade, tanto para o turismo quanto para o cotidiano dos moradores. É onde estão as sedes de empresas, bancos, hotéis, hospitais e instituições culturais. Além disso, o Centro é onde se localizam as edificações que construíram a maior cidade do Brasil, como, por exemplo, a faculdade de direito do largo de São Francisco, o Vale do Anhangabaú e o Theatro Municipal.

Ainda que atravesse a Paulista no sentido dos Jardins, este trabalho se concentrará principalmente no trecho Centro / Avenida Paulista. Isso porque, ao longo dos anos, foi a parte onde as fases acima delimitadas se manifestaram de maneira mais intensa. Isso não quer dizer que o sentido Paulista / Jardins não seja significativo, pois abriga a Galeria Ouro Fino² e é caminho para lojas mais procuradas pela elite paulistana na atualidade. No entanto, é ainda um trecho visto como de passagem e que agrega muito das demais vias que a rodeiam, perdendo parte das características que

¹ O bairro dos Jardins é hoje um dos mais luxuosos da cidade e concentra inúmeras lojas, restaurantes e outros estabelecimentos que atraem os moradores e visitantes.

² A Galeria Ouro Fino é uma das galerias mais conhecidas do Brasil. Desde a década de 70, o local tem papel de destaque na moda.

são relevantes para a análise que se pretende aqui fazer. A Augusta que se encaminha para o Centro ficou popularmente conhecida como Baixo Augusta, uma vez que, ao vir da Paulista, ela é uma descida. É essa a morada das muitas lojas *hipsters*³, de bares e *inferninhos*⁴, que fazem com que seja uma das mais heterogêneas da cidade. Durante o dia, são essas lojas que atraem os visitantes, além de restaurantes destinados principalmente aos trabalhadores da região. Entretanto, a vida da Augusta se mostra mais ativa durante a noite, quando a mistura de grupos chama a atenção dos visitantes. A zona é famosa por ser reduto da comunidade LGBT⁵, com diversas discotecas destinadas a esse público. O cenário ainda se completa com a grande quantidade dos *inferninhos* que, entre outras coisas, prometem shows eróticos e o melhor em entretenimento adulto. Ainda que a prostituição não seja ilegal no Brasil, existem diversos recursos na lei que punem a atividade. Por exemplo, não é permitido que se mantenha um local destinado para a prática do sexo ou que se faça a intermediação no que é chamado de tráfico de mulher. A lei existente no Brasil é tão defasada que especifica apenas a prostituição feminina, sem mencionar homens ou travestis. Com uma constituição que não condena a prostituição ou não abrange todas as suas nuances, raramente algo é feito e a Rua Augusta se tornou um famoso local da prática.

Esse é um costume que remonta a fase aqui foi denominada de degradação. Durante as décadas de 70, 80, 90 do século passado e começo dos anos 2000, a região era evitada pelas ditas boas famílias brasileiras. A repressão da ditadura militar⁶ – que fez com que a população não ficasse na rua mais do que o necessário – levaram ao gradativo abandono da Augusta. Por conta da localização privilegiada já referida e quantidade de hotéis (e, conseqüentemente, hóspedes) na região central, o espaço era perfeita para as garotas de programa se instalarem. Foi essa a Augusta que ficou no

³ *Hipster* é uma palavra inglesa usada para definir um grupo que, em geral, está na faixa etária entre 15 e 25 anos e se distingue pela maneira de vestir (misturando o moderno com o vintage), gosto musical (composto por artistas alternativos) e a busca por tudo que não é convencional ou comercial.

⁴ “*Inferninhos*” são as casas de prostituição que existem na Augusta. Elas anunciam shows eróticos e atuam como espécie de discotecas. No entanto, abrigam quartos onde os clientes podem pagar para ter relações sexuais com as dançarinas e outros profissionais da casa.

⁵ Acrônimo para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros.

⁶ O Brasil esteve sob o regime de ditadura militar entre os anos de 1964 e 1985. A fase mais violenta se registrou logo após o chamado Ato Institucional nº 05 (popularmente conhecido como AI-5), em 1968, quando foi permitido que o Congresso Nacional fosse fechado (o que aconteceu) e, ainda, que fosse suspenso o direito de *habeas corpus* para o que o governo entendesse como crime político – culminando na prisão e “desaparecimento” de diversos líderes ou opositores do regime.

imaginário de boa parte dos brasileiros, visto que diversas reportagens foram feitas sobre a prostituição no local – em especial, depois dos anos 2000, quando os jovens voltaram a frequentá-la.

Voltando aos primeiros anos da via, percebe-se que os jovens já foram o público dominante. Essa é uma parte da história que não é tão conhecida e poucas vezes foi registrada. Porém, entre os anos 30 e 60 ela viveu sua época de popularidade – Cléber Ragazzo (2005) a nomeou como “calçada da glória”. Por diversas razões, ali foram inauguradas lojas de artigos de luxo, cafeterias famosas e o que havia de mais moderno para a época. Esse é um passado que ficou esquecido e que foi substituído pela degradação e prostituição que ainda são os marcos da Augusta. O processo de revitalização começou quando, em 2005, o Vegas Club abriu as portas, sendo a primeira discoteca na Augusta voltada para o público heterossexual pertencente as mais altas classes sociais de São Paulo⁷. Depois do sucesso alcançado, novos bares e discotecas surgiam a cada mês. Foram esses estabelecimentos que trouxeram novos frequentadores e que despertaram o interesse dos meios de comunicação para a “nova cara da Augusta”.

Antes dessas reportagens, poucos eram os registros de sua história, em especial, como ressaltado, da primeira metade do século XX. Ragazzo (2005, p. 09) explica que, ao unir os relatos presentes em seu livro, teve a intenção de “suprir a inexplicável lacuna ainda existente em nosso universo editorial, que até aqui deixou a Rua Augusta fora do mercado literário”. Dessa maneira, todo o passado está presente maioritariamente na lembrança de quem o viveu. É por esse motivo que o resgate da memória se torna fundamental para a reconstrução dos eventos que ali se passaram. Este trabalho visa usar o caso da Rua Augusta para analisar a relação entre a memória e a história e, ainda, como a memória pode ser usada na reconstrução de eventos do passado. Primeiro, será explicado mais sobre a rua e suas particularidades. Isso se faz necessário uma vez que ela é conhecida apenas para os brasileiros e, ainda assim, não são todos que a percebem como algo mais que a rua das putas.

⁷ O Vegas encerrou as atividades em 14 de abril de 2012.

Posteriormente, será abordada a relação entre a memória e a história. Maurício Halbwachs (1990, p. 53), um dos principais estudiosos da memória que serão usados nesta dissertação, esclarece que “não estamos ainda habituados a falar da memória de um grupo, mesmo por metáfora. Parece que uma tal faculdade não possa existir e durar a não ser na medida em que está ligada a um corpo ou a um cérebro individual”. Porém, no caso das cidades (ou ruas, como será analisado aqui), é a memória de um determinado grupo que se sobressai. Ao se recontar a trajetória da Augusta, onde os documentos são escassos, essas recordações se tornam um elemento substancial. Nas palavras de Abreu (1998, p. 86), é preciso que se considere que o resgate da história de uma cidade “não pode se limitar à recuperação das formas materiais herdadas de outros tempos. Há que se tentar dar conta também daquilo que não deixou marcas na paisagem, mas que pode ainda ser recuperado nas instituições da memória”. Ou seja, levar em conta as lembranças daqueles que viveram a época analisada, do grupo que pertenceu e foi elemento vivo das transformações das cidades.

Posteriormente será analisada de maneira mais profunda a relação entre a memória e o caso da rua Augusta, como a história desta via é registrada a partir das lembranças de seus agentes transformadores, daquilo que Ecléa Bosi (2003, p. 13) chamou de “cenários de rua vividos por anônimos”. Le Goff (1982b, p. 57) analisa que

a memória colectiva é um dos elementos mais importantes das sociedades desenvolvidas, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, por sobreviver e por progredir.

O autor explica que a memória é essencial para a construção de uma identidade, seja ela coletiva ou individual. As sociedades atuais buscam, então, nas memórias, conhecer e reconhecer seus indivíduos, seus grupos e aqueles que fazem de uma comunidade o que ela é. Na última parte desta dissertação será feita uma investigação acerca do papel do jornalismo e do jornalista em resgatar e escrever esse passado. A ideia de desenvolver o tema da memória ligada ao resgate do passado da rua surgiu ainda na licenciatura, quando a Augusta foi o fio condutor da reportagem apresentada como trabalho de conclusão do curso de jornalismo. A história da rua foi contada através do olhar (e lembranças) de personagens que se mostraram ativas no processo de construção da via em suas variadas fases. O texto foi escrito com as características

do gênero do jornalismo literário, que será explorado nesta dissertação. Na altura, foram extensas as entrevistas e, misturando as lembranças com uma pesquisa documental, a história da rua foi sendo aos poucos montadas. Ao longo do mestrado de Cultura e Comunicação, foi possível compreender o quanto essas entrevistas foram fundamentais para fosse possível descrever em palavras o que era a Augusta durante épocas passadas e entender as muitas realidades que a fizeram ser o que é. Assim como Bosi (2003), surgiu o questionamento se a memória não seria, então, uma forma de complementar a história, de ajudar a escrevê-la. E mais: onde se encaixa nesta equação o jornalismo, que tal qual a história, busca uma imparcialidade dos fatos e uma maneira de descrever o que realmente aconteceu? Estes são os pontos que serão abordados na fase final desta dissertação.

O texto desta dissertação está formatado através das normas ditadas pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), uma vez que se pretende a publicação da mesma no Brasil⁸. Pelo mesmo motivo, na dissertação será usada a vertente brasileira do português, em sua versão posterior ao acordo ortográfico.

⁸ Na bibliografia desta dissertação consta um guia online com as principais normas da ABNT, que foram aqui seguidas.

2. RUA AUGUSTA EM SÃO PAULO

Existem tantas Augustas dentro da Augusta que, muitas vezes, é uma tarefa árdua juntar todas elas em uma única narrativa. Tem-se a Augusta da glória, luxo e glamour da primeira metade do século XX, lembrada com carinho e saudosismos pelos mais velhos. Tem-se a Augusta das discotecas *undergrounds*, da prostituição e da fama de perigosa que marcou a geração anos 60, 70, 80 e 90 e que, ainda na atualidade, é a forma como figura na memória dos brasileiros. Por fim, tem-se a Augusta dos jovens dos anos 2000, que a veem como um lugar de diversão garantida e onde se concentra um público ávido e interessado em uma cultura que foge do modelo tradicional – algo que é proporcionado pela via. É natural que, dentro do processo histórico, cada pessoa tenha uma recordação diversa de lugares, eventos e pessoas.

Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história. O caudal de lembranças, correndo sob o mesmo leito, guarda episódios notáveis que já ouvimos tantas vezes de nossos avós (BOSI, 2003, p. 70).

O diferencial no caso da rua Augusta, em São Paulo, é que mudanças drásticas aconteceram em um curto espaço de tempo: em pouco mais de cem anos de vida, a via passou por fases tão distintas que é complicado entender como tudo ocorreu. Seja por negligência ou pelo fato de que ninguém se deu conta do processo que ali ocorria, a biografia da Augusta nunca foi contada de uma maneira oficial. Por isso, ao se tentar recontar a história da rua, estas lembranças das quais Bosi fala se mostram como sendo fundamentais para registrar os seus fatos mais marcantes ou mesmo relatar o seu dia-a-dia. A narrativa dos acontecimentos da Augusta é tão multifacetada e marcada por estágios distintos que estes contos relatados pelos avós são, para muitos paulistanos⁹, difíceis de serem entendidos como verdade. Isso porque a Augusta em que o luxo imperava foi vivida apenas pelos que estavam em São Paulo na primeira metade do século XX, em especial aqueles que, nesta época, eram jovens e puderam aproveitar

⁹ Paulistano é a denominação para quem nasceu na cidade de São Paulo. Por outro lado, quem nasceu no Estado de São Paulo é chamado de paulista. Dessa forma, quem é da cidade de São Paulo é, ao mesmo tempo, paulistano e paulista.

os programas que eram realizados durante o dia e noite, sendo capazes de ter um retrato mais completo do que era a via neste período.

Para grande parte das pessoas que hoje escutam e leem sobre a rua e que a vivem, é a Augusta da prostituição que ficou gravada na memória. O jornalista e romancista brasileiro Ignácio de Loyola participa do documentário “Arquiteturas: Rua Augusta” (2015), que busca reconstruir essa história. Ele ressalta que a crença da existência de uma rua voltada quase que de forma exclusiva para a prostituição ainda é forte e grande parte disso se deve ao fato de que “um mito não morre”. Por esse motivo, tornou-se comum que, entre aqueles que hoje estão na faixa etária dos 50, seja estranho ouvir um jovem dizer que vai em uma discoteca na Augusta sem pensar nos locais de prostituição. A partir do começo da década de 2000 se iniciou um processo de revitalização da via. Como já foi explicitado na introdução, a abertura e sucesso de casas noturnas como o Vegas e deu um outro aspecto para a Augusta. Foi, então, que os veículos de comunicação entenderam que estava acontecendo algo digno de ser noticiado. Antes desse período, as reportagens feitas sobre a Augusta eram escassas e, em sua maioria, voltadas para a prostituição e ar de degradação que por ali imperava. Assim, as memórias acabaram se tornando a principal fonte para o resgate desse passado, ao passo que não existem muitos documentos escritos que remontem aos períodos anteriores da rua. Esse processo de revitalização, tão importante para a construção da Augusta que se tem na atualidade, será estudado com mais profundidade ao longo desta dissertação.

Fortuna (2012, p. 25) explica que, quando patrimonializados, os lugares começam a expressar qualidades e valores que ultrapassam a utilidade prática inicial. Isso significa que, no caso de uma rua, ela deixa de ter valor apenas como um lugar de passagem, um trajeto que liga dois pontos, e começa a expressar uma importância maior dentro do contexto urbano da cidade onde está inserida. É o que aconteceu com a rua Augusta dentro de São Paulo. Ao ser inaugurada, ela era somente a ligação entre dois bairros da cidade. No entanto, com o passar dos anos, seus agentes transformadores foram modificando essa utilidade prática inicial e conferindo a Augusta um uso diferenciado – seja como reduto cultural paulistano, moradia para imigrantes, sinônimo do luxo da cidade ou como musa que inspirou diversas gerações.

Dessa forma, a rua deixou de ser só um espaço de passagem e adquiriu uma identidade que pode ser considerada própria e, ainda, a significar de uma forma diferente para cada pessoa ou grupo que vê nela um componente vital e até definidor de São Paulo.

Stuart Hall se debruçou sobre o conceito de identidade na obra “Identidade cultural na pós-modernidade”, onde, na primeira parte da obra, escreve sobre três divisões do termo. A primeira é a identidade do sujeito do Iluminismo, onde existe uma visão individualista, na qual prevalece a razão e a consciência. Depois, Hall descreve a identidade do sujeito sociológico, na qual a pessoa se constitui na interação com a sociedade. Em terceiro, tem-se a identidade do sujeito pós-moderno, que, na realidade, não apresenta uma identidade fixa e estável, mas uma que muda constantemente e sofre influências. Esse sujeito pós-moderno se mostra fragmentado, subdividido em camadas que tornam essa identidade mais complexa. A Augusta pode ser inserida dentro desta terceira definição de Hall. Ela possui uma identidade que está em constante mudança devido a influência de seus agentes transformadores, bem como da situação vivida por São Paulo, pelo Brasil e pelo mundo. Isto é algo que se verifica em cada um dos motivos que ocasionaram as mudanças apresentadas nas fases aqui delimitadas. Porém, ainda que não seja imutável, a identidade da Augusta revela características que se mantiveram constantes ao longo dos anos, que a definem e são próprias dela. A via apresenta um fator agregador que é capaz de abrigar grupos tão distintos, mas que, ao longo de seu espaço, convivem de maneira harmoniosa. Além disso, a Augusta manifesta um caráter de liberdade, de luta pelos direitos humanos e abertura para um debate político que é difícil ver em outro local da cidade. Todas essas facetas existem desde que ela foi criada e se mantiveram ao longo dos anos.

Hall (2006, p. 12), ao pensar na concepção sociológica do conceito, discorre que a identidade é o que preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”.

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “partes de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

É como se identidade fosse o que costurasse o sujeito à estrutura (HALL, 2006, p. 12). Hall defende que o conceito do que intitulou identidade cultural está

relacionado a aspectos como etnia, língua, religião e a fatores regionais e nacionais. Para o autor, a nação vai além da entidade política, do Estado, se mostrando como um sistema de representação cultural que é construído a partir de sentidos com os quais as pessoas se identificam. Sentidos esses que podem estar em memórias e histórias, por exemplo. Dessa forma, é possível dizer que a Augusta é dotada de uma identidade própria e, ainda mais, que ela é parte da personalidade das pessoas que passam ali seu tempo – como se a rua fosse ela própria um agente transformador da identidade daqueles que a frequentam. Essa ideia parte da afirmação de que a identidade de um sujeito é formada ao longo do tempo e através de processos inconscientes, sendo algo que está sempre incompleto (HALL, 2006, p. 38). Ela “surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta de* inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior* [...]” (HALL, 2006, p. 39, grifos do autor). Dessa maneira, é possível entender que a Augusta influenciou na identidade daqueles que a frequentavam e que ainda a frequentam e também que esses “atores sociais” participam da formação da identidade cultural da via.

Dentro do contexto de uma cidade, as ruas aparecem como elemento fundamental para a sua formação. São elas que transformam um município naquilo que ele é. Não existe uma cidade sem que tenham vias, assim como uma rua não teria o mesmo sentido se ela não estivesse dentro de uma cidade, uma vez que “para que se possa ‘ver’ e ‘sentir’ o espaço, torna-se necessário situar-se” (DAMATTA, 1997, p. 19). Esse localizar-se ao qual o autor se refere é algo maior do que apenas o posicionamento dentro do local. Uma rua – ou um conjunto delas – é capaz de fazer com que os cidadãos desenvolvam um sentimento de pertença com o município. Ao passar por uma via, uma pessoa conhece a cidade e, com o passar do tempo, essa rua se torna tão familiar que, ao cruzá-la, é como se entendesse que ali é o lugar ao qual se adequa, se combina – como se rua e cidadão se harmonizassem.

DaMatta exemplifica a relação entre a via e as pessoas usando o caso de um município do interior. Nesses espaços, as casas não são identificadas apenas pelo número que aparece nas fachadas. Ao dar alguma indicação, uma pessoa, de maneira geral, usa características diferenciadoras: aquela casa com uma palmeira na frente, uma que tem um jardim com cadeiras amarelas em frente a uma árvore, entre outras

coisas. Esses detalhes são o que tornam uma rua capaz de adquirir um semblante próprios, com traços específicos. Dessa forma, se cria o seu espaço dentro do município. Nas cidades maiores, isso é um pouco menos verificado. Justamente por conta da quantidade de casas e ruas, se torna difícil conhecê-las todas. No entanto, essas características próprias das ruas ainda se mostram presentes e cabe aos frequentadores de cada uma das vias fazer com que elas sobrevivam e se tornem definidoras ou não daquele espaço.

Cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir como um todo articulado, e isso depende fundamentalmente de atividades que se ordenam também em oposições diferenciadas, permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidade, sensibilidade e forma de organização" (DAMATTA, 1997, p. 24).

Em outras palavras, a cidade depende daquilo que acontece na rua para ser viva, para que se mantenha sempre em movimento – cabendo aos seus agentes transformadores o trabalho de articular esses traços em características específicas de uma via. O autor complementa que é através dessa vida que transcende das ruas para a cidade que cada grupo é capaz de manter uma ordem sobre a existência e começar a construção de uma narrativa social. O escritor João do Rio, em sua obra “A alma encantadora das ruas”, de 1910, explica que cada rua apresenta uma personalidade e uma identidade. O autor (2007, p. 26) afirma que apoiar-se apenas nas descrições de dicionários ou enciclopédias sobre o que é rua não é suficiente para entendê-la ou para verificar qual a relação que ela tem com a cidade. Em outras palavras, ele diz que uma via é mais que um conjunto de fachadas pelas quais passam os cidadãos: “a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma!” (RIO, 2007, p. 26). Essa alma, na visão dele, é constituída em parte pela própria vida daqueles que ergueram as casas e edifícios, que pavimentaram a via e, também, dos que moram ou passam pela rua. Ou seja, assim como a identidade, essa alma defendida pelo autor se relaciona de maneira direta com os cidadãos. “Quando os sujeitos estabelecem modos de dizer e constroem formulações que des-organizam o espaço burocrático e burocratizado do urbano, o real da cidade irrompe” (RAMOS e PIMENTEL, 2011, p. 05). O que faz com que uma cidade seja real, então, é a forma como a população experimenta o real da cidade, essa vida da rua.

Uma metrópole, ou até uma cidade na qual a sociedade se enquadre dentro do modelo capitalista, apresenta uma nova representação dessa relação com a rua. A via traz, neste caso, uma maior urbanidade que, como defendem Pimentel e Ramos (2011), é marcada por uma hierarquização das áreas. Isso vem de encontro com o defendido por João do Rio, ao dizer que cada rua apresenta uma característica essencial que faz com que ela seja o lar de uma determinada tribo social em detrimento de outra. Por exemplo, uma rua que se apresente como burguesa não será capaz de fazer com que um cidadão mais simples se sinta pertencente aquele lugar ou, ainda, que uma via com caráter descontraído seja o melhor lugar para abrigar aqueles que sempre cumprem regras e desdenham quem não o faz. "O social aqui está representado pelos sujeitos, que necessitam de espaço para se significar, e, ao se significar, significam o próprio espaço que ocupam" (PIMENTEL e RAMOS, 2011, p. 05). Existem, dessa forma, ruas ricas, boêmias, puritanas, familiares, comerciais, luxuosas e mais uma imensidão de variedades que, juntas, tecem o tecido urbano do qual a cidade é constituída.

A rua pode ser classificada como o elemento fundamental da existência de uma cidade. Nas palavras de João do Rio (2007, p. 29), a via é um "ser vivo e imóvel". As ruas passam para seus transeuntes os gostos, hábitos e, na visão do autor, também as suas opiniões: "As ruas são tão humanas, vivem tanto e formam de tal maneira os seus habitantes, que há até ruas em conflito com outras" (RIO, 2007, p. 38). Vivas como estão, se relacionam com a cidade de uma maneira que elas se completam e, mais que isso, são dependentes umas das outras. Tanto a cidade quanto as ruas são formadas por pessoas, vivem e compartilham as experiências dos transeuntes. Ao se pesquisar sobre uma determinada cidade, precisa-se entender suas ruas, ser aquilo que Gilberto Velho (1980, p. 15) chamou de "intérpretes da vida social".

O autor (1980, p. 16) discorre que "vivemos experiências restritas e particulares que tangenciam, podem eventualmente se cruzar e constantemente correm paralelas a outras tão plenas de significados quanto as nossas". Ou seja, cada indivíduo tem sua própria trajetória, mas esses momentos particulares acabam se cruzando dentro do contexto da cidade e, conseqüentemente, da rua. É tendo a rua e a cidade como pano de fundo que as pessoas se relacionam e dividem as experiências, por mais diferentes que elas sejam, pois, em grandes cidades como São Paulo, "a heterogeneidade

provinda da divisão social do trabalho, a complexidade institucional e a coexistência de numerosas tradições culturais expressam-se em visões de mundo diferenciadas e até contraditórias” (VELHO, 1980, p. 16). Essas visões tão distintas têm em comum a cidade, onde as experiências acontecem e as tradições culturais encontram um local para se perpetuarem. Como parte integrante de um município, as ruas entram como um elemento participante desta realidade e acabam por se tornar aquilo que une as pessoas e possibilita que elas compartilhem as diferentes visões. Cabe a cidade ser o instrumento pelo qual possam existir noções como sociedade e comunidade, fazendo com que o espaço urbano se transforme em um local pleno de significados.

Essa experiência, entre consciente e inconsciente, de cada habitante reproduzida graficamente resultaria em um quadro bem mais complexo do que o emaranhado de cores, traços e pontos de uma obra artística de Pollock, ainda que nele estivessem representados somente os trajetos executados por seus habitantes no intervalo de somente uma hora (BRESNICANI, 2004, p. 13).

Ou seja, o que faz com que uma cidade seja repleta de significados é o uso e os momentos que seus habitantes constroem e, em contrapartida, essas vivências só são possíveis porque existe ali a cidade. A autora explica que é esse ato de estar na cidade que faz com que sejam construídos emaranhados de experiências, que se traduzem em uma coletânea de imagens do cotidiano, trazendo uma lógica “formada pelos trajetos de cada um de nós, durante os quais deixamos trabalhar a memória e a imaginação” (BRESNICANI, 2004, p. 13). A cidade surge, então, como um componente da formação das lembranças e o local onde elas se perpetuam. Como parte integrante e fundamental de um município, a rua é um dos ingredientes para a constituição e resgate dessas recordações. As vias são parte de uma cidade, bem como o município é parte da rua. Assim, as características da Augusta fazem com que ela se destaque dentro do cenário da cidade e, assim, a Augusta se tornou, ao longo dos anos em mais um dos patrimônios de São Paulo.

Partindo da definição de Fortuna (2012, p. 26), entende-se que “ato patrimonial refere-se em regra à consagração de determinados objetos, lugares ou práticas socioculturais que surgem (re) investidos de significado histórico”. São Paulo, por ser

uma das primeiras cidades do Brasil¹⁰, é cheia de locais que contam os acontecimentos passados e marcam fatos relevantes para a sua trajetória. Aqui cabe o questionamento de como uma rua com pouco tempo de vida em comparação com a idade do município e pequena ao se pensar na dimensão de uma metrópole como São Paulo representa toda a cidade. No entanto, é o que acontece. Isso porque a Augusta, com todas as suas fases e sua identidade, se tornou a síntese do que define São Paulo: um local caótico, onde todas as tribos urbanas têm um espaço e podem se manifestar, um centro que reúne cultura de diversos tipos, gastronomia de todos os lugares do mundo e com um toque brasileiro, diversão diurna e noturna garantida, um espaço que está vivo durante as 24 horas do dia, todos os dias. Estas são, ao mesmo tempo, características tanto da cidade quanto da rua. A maneira como a via se apresenta dentro do tecido urbano – assim como o uso e a importância conferida à ela pelos paulistanos – faz com que a Augusta seja um dos principais patrimônios de São Paulo. Nas construções da rua estão parte da história de São Paulo e do Brasil; na vida daqueles que moraram ali estão pedaços dos acontecimentos que transformaram a cidade; nas festas e manifestações estão retratados os perfis e identidades (com toda a sua fragmentações) dos brasileiros e estrangeiros que fizeram da Augusta, de alguma forma, sua casa.

Ao ser considerada como um dos patrimônios da cidade e um dos principais lugares a se visitar, o turismo na rua é estimulado. São Paulo não possui praias ou grandes espaços verdes. A selva de pedra¹¹ não consegue atrair turistas por conta de suas belezas naturais, como acontece com cidades como o Rio de Janeiro, Salvador ou Florianópolis. Mas, como uma das principais cidades do Brasil, recebe anualmente pessoas de todo o mundo – seja por motivos profissionais ou pessoais. Uma das vantagens que São Paulo apresenta com relação aos demais municípios brasileiros é a cena cultural (com concertos de grandes artistas e peças de teatro que só são montadas na cidade), além da diversidade da noite paulistana. São Paulo é a cidade que nunca dorme e que tem opções para todos os tipos de pessoas. E a Augusta é onde tudo isso se manifesta de maneira clara. Todos os guias de turismo e páginas de internet sobre a

¹⁰ São Paulo foi fundada em 1554, apenas alguns anos depois da chegada dos portugueses ao país. Assim, sua história corre de forma paralela a do Brasil.

¹¹ Por conta da quantidade de altos prédios, a cidade de São Paulo é popularmente chamada de selva de pedra.

cidade recomendam que se conheça a rua. Não se pode ir a São Paulo e não passar pela Augusta. Fortuna (2012, p. 31) ressalta a importância da relação entre turismo e memória. Para o autor, é o sentimento de pertença, a percepção do passado e, principalmente, a emoção que um determinado indivíduo experimenta fazem com que o local se torne um ponto turístico e passe a ser explorado como tal. Na Augusta, isso se verifica de maneira muito clara ao se perceber como quem a frequenta sente como se estivesse em casa, criando laços emocionais com o local, ainda que passe ali apenas alguns momentos enquanto visita a cidade. Para os moradores, que costumam ir a Augusta com mais frequência, esse sentimento de pertença é ainda maior, assim como são os vínculos criados. Esses laços, bem como a relação dos paulistanos com a via, dão vida para a Augusta, algo que a torna ainda mais atrativa aos olhos dos turistas, aumentando sua relevância dentro do quadro turístico da cidade.

O turismo verificado na Augusta é estimulado pelas narrativas das experiências e identidades com significados que são constantemente reinterpretados (FORTUNA, 2012, p. 34): o “compromisso de sua aceitação parece estar condicionado pela valorização das emoções e as maneiras de ser e de sentir dos sujeitos modernos (...)”. É o que Fortuna (2012, p. 34, grifo do autor) chama de “*turistificação da emoção*”. Emoção essa que, no caso da rua, se liga diretamente com a memória coletiva.

A relação do património com o passado está hoje diretamente envolvida na discussão da memória na sociedade contemporânea. A relação desse facto com a atividade turística é reveladora da centralidade que a dimensão histórica e cultural tem em certas tipologias do turismo moderno. Vivemos hoje seduzidos e verdadeiramente cercados pela memória coletiva, a sua objetivação e a sua narrativa (FORTUNA, 2012, p. 30).

No entanto, antes de avançar no que diz respeito a representação da rua dentro da cidade, é importante para a investigação aqui apresentada mostrar uma ordem cronológica dos fatos, para que se entenda o encadeamento dos acontecimentos e como eles tiveram influência entre si. Muito do que se passou com a Augusta tem relação direta com o momento histórico vivido pelo país e pelo mundo. Assim, é preciso antes de mais nada empenhar-se em conhecer a rua. Além disso, o estudo do resgate do passado através da memória, neste caso, só faz sentido depois que se saiba como a Augusta passou por todos os anos desde que foi criada.

De acordo com o projeto intitulado “História das Ruas de São Paulo”¹², diversos pesquisadores apontam que a via surgiu com o nome de Maria Augusta. Porém, não existe nenhum documento oficial que diga quem teria sido essa Maria Augusta ao qual a rua estaria prestando uma homenagem. O primeiro registro escrito que se tem refere que ela foi criada em 1897 e já aparece com a denominação de Rua Augusta. O responsável pela urbanização da antiga trilha e a sua transformação em uma rua foi o português Mariano Antônio Vieira – e uma das especulações acerca do nome é que ele seja uma homenagem a rua lisboeta. Nos primeiros anos de existência, o trajeto foi sendo gradativamente urbanizado e ampliado. Ele se transformou no caminho principal pelo qual passava o bonde ao fazer a ligação entre a área central e avenida Paulista, que foi inaugurada no ano de 1891. Pissardo (2013, p. 23) lembra que “em menos de seus 50 anos iniciais, foram se sucedendo novos usos e características físicas e simbólicas, que vão influenciar em sua função no imaginário social e no tecido urbano”. Esses primeiros anos aos quais o autor se refere foram os que possibilitaram que a rua entrasse em sua primeira fase, a do glamour. As obras de urbanização feitas a tornaram acessível e moderna para a época, atraindo comerciantes e, conseqüentemente, clientes.

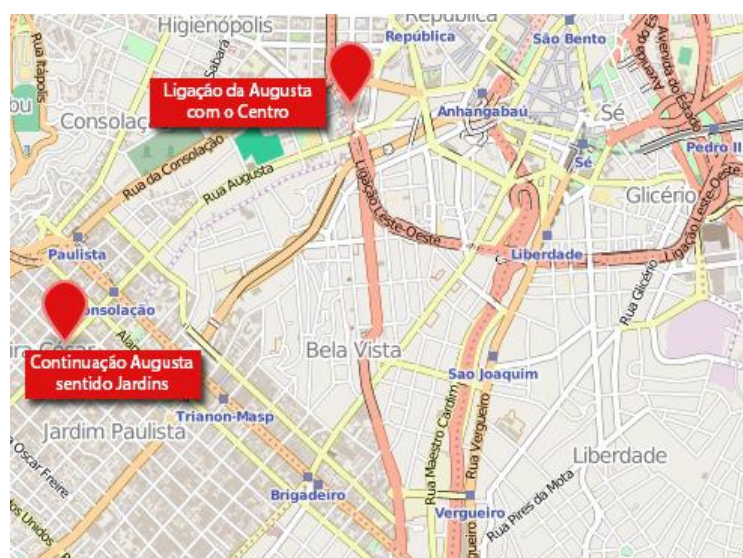


Figura 1 - Mapa dos entornos da Rua Augusta. Fonte: Marina Arruda.

¹² Esse é um projeto realizado pela prefeitura de São Paulo e que está disponível online, no endereço <<http://www.dicionariod ruas.prefeitura.sp.gov.br>>. Acesso em 27 ago. 2016. O objetivo é traçar a história das ruas da cidade. Para isso, os pesquisadores se baseiam em documentos e relatos disponíveis. O site conta com a história escrita e, ainda, um banco de imagens.

A mudança das características da rua, ainda de acordo com Pissardo, se deu pela ação de seus agentes transformadores no âmbito de quatro fatores: a repartição das chácaras existentes anteriormente e que deram lugar as novas propriedades e vias (como acontece com a Augusta); os meios de transportes, que foram responsáveis tanto pela necessidade da criação e ampliação da rua quanto por levar as pessoas para lá; os usos de educação e lazer; e as tipologias residenciais. O período de abertura e desenvolvimento da Augusta coincidiu com um momento de transformações para o Brasil. Com a passagem do Império para a República, no século XIX, o país se preocupou em se desenvolver para conseguir avançar sem precisar do apoio de Portugal.

Os esforços passaram pela modernização urbana, com novos moldes de iluminação e dos transportes público e privado. É então que a Augusta é escolhida como sendo ideal para receber esses avanços e ser reformada para se adequar aos bondes da época, por sua localização e pela topografia adequada. Ela ganha um novo pavimento e calçadas bem construídas, deixando de ser apenas mais uma rua para se transformar em uma via que possui importância dentro do cenário urbano. Essa relevância fez com que ela tivesse um destaque na cidade, sendo valorizada comercialmente e preferida por quem buscava residência em São Paulo. A Augusta vira, então, um ponto importante de acesso aos novos bairros das classes média e alta, que “disseminavam um novo estilo de morar e viver na cidade” (PISSARDO, 2013, p. 40). Esse novo estilo também tinha a ver com a separação com Portugal. O brasileiro estava tentando encontrar sua identidade enquanto nação e, em muitos sentidos, continuava a se espelhar tanto nos portugueses quando nos europeus em geral. No entanto, o Brasil se abriu para novas culturas, experiências e influências – como a dos Estados Unidos e toda a cultura do consumo vinda dos americanos.

Depois desse processo inicial de urbanização, a rua se encaminhou para a primeira fase destacada nesta dissertação, onde

“influenciava de maneira legendária toda a vida cultural e social do país, era onde tudo acontecia, conforme é do conhecimento de todos

nós que tivemos o privilégio de conviver sob a efervescência sociocultural dos anos 50, 60 e 70” (RAGAZZO, 2005, p. 09).

No começo do século XX, São Paulo se firmou como uma das principais cidades do país, junto com o Rio de Janeiro, que ainda era a capital do Brasil. Dentro desta realidade, a Augusta iniciou um processo de ocupação diversificado, já demonstrando a característica de agregar estilos e pessoas diferentes: os palacetes voltados para a elite, que ficavam mais próximos da Paulista; os colégios privados e também destinado aos mais endinheirados, que se localizavam um pouco mais abaixo no sentido do Centro; as casas de classe média, bem no meio da Augusta; e, finalmente, as residências mais modestas da classe baixa e proletariado, que ficavam mais para o fim da rua, quase na região central.

Não demorou muito tempo para que essa zona se tornasse o destino principal dos imigrantes que desembarcaram no Brasil em busca de uma vida melhor. As duas grandes Guerras Mundiais fizeram com que famílias inteiras deixassem a Europa. Ainda que muitos europeus tenham vindo ao Brasil começar uma nova vida após o fim da I Guerra Mundial, em 1918, foi com o desenrolar e fim da segunda que esse tráfego se intensificou. Logo após essa primeira batalha, diversos alemães procuraram o Brasil para escapar da miséria que tomou conta da nação. Dessas pessoas que desembarcaram em solo brasileiro, grande parte se estabeleceu na região sul, onde o clima se assemelha mais ao país de origem dos imigrantes e era possível trabalhar nas lavouras. Até hoje essa região do Brasil apresenta fortes semelhanças com os alemães no que diz respeito a gastronomia, arquitetura e costumes. A ascensão de Adolf Hitler ao poder na Alemanha nos anos seguintes ao fim da I Guerra Mundial, o avanço de suas tropas para países como França, Holanda e países bálticos, a perseguição a todos que não eram pertencentes ao que ele classificou como sendo raça pura ou ariana foram alguns dos motivos para que essas famílias deixassem suas casas e partissem em busca de uma nova vida. Para Hitler e os seguidores do regime nazista, todos aqueles que não eram descendentes dessa linhagem deveriam ser eliminados e, para esses cidadãos, deixar o país era a única opção de sobrevivência.

Não foram apenas os judeus que deixaram suas casas, mas, também, opositores políticos e religiosos, além daqueles que eram perseguidos pelo regime nazista. A

guerra trouxe como consequência, entre outras coisas, a diminuição de empregos, a falta de segurança e a incerteza de que algum dia a paz voltaria a Alemanha. Portanto, fazia sentido que aqueles que podiam fugir, saíssem e migrassem para outros lugares com a esperança de conseguir novas oportunidades. Algumas das famílias buscaram nos Estados Unidos esse recomeço. No entanto, o Brasil também apresentava vantagens para quem quisesse estabelecer ali a morada. O país tinha uma política mais aberta para com os migrantes, pois estava interessado nesta mão-de-obra barata que poderia auxiliar o país em alcançar a prosperidade. Para os europeus, existia ainda a vantagem de que o Brasil se encontrava em uma fase de pleno desenvolvimento e modernização, oferecendo dessa forma muitas oportunidades para conseguir um emprego ou iniciar um negócio bem-sucedido. Com o ápice da II Guerra Mundial, mais europeus se viram obrigados a deixar seus países e buscarem um recomeço. A prosperidade e a distância com o continente Europeu transformaram o Brasil em um destino atrativo para quem queria fugir da guerra.

O Departamento de Imigração do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio do Brasil calcula que 51% dos imigrantes que chegavam ao país estabelecia sua morada em São Paulo¹³. Entre as diversas nacionalidades que desembarcaram estavam alemães, espanhóis, gregos, holandeses, húngaros, italianos, iugoslavos, japoneses e russos – além dos portugueses, que já há muitos anos migravam para o Brasil. A primeira metade do século XX representou para os brasileiros um período de grande crescimento econômico, baseado na exportação de café, borracha, algodão e cacau. Dessa maneira, a população enriqueceu e expandiu os negócios. Bancos e outras companhias instalaram filiais no país – em especial nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro que, como já foi referido, eram as mais social e economicamente desenvolvidas –, fazendo com que os municípios se urbanizassem e o comércio evoluísse a fim de atender a necessidade desses novos consumidores.

Em São Paulo, os imigrantes se mudaram principalmente para a região central, uma vez que era de fácil acesso e possuía residências com preços acessíveis. Assim,

¹³ O dado foi obtido através da pesquisa realizada pelo Observatório das Migrações em São Paulo, que resultou no documento escrito por estudiosos da Unicamp, intitulado “Imigrantes internacionais no pós-segunda Guerra Mundial”, que consta nas referências bibliográficas desta dissertação.

se não morassem na Augusta, acabavam passando muitas vezes por ela. De uma forma geral, esses imigrantes se dedicaram ao comércio de luxo e na região surgiram, por exemplo, as sapatarias dos italianos, as lojas de tecidos dos árabes e as docerias alemãs e húngaras. Esses estabelecimentos atraíram, como não podia deixar de ser, os ricos da cidade e, a partir dos anos 50, a Augusta já era considerada a Meca da moda, cultura e gastronomia de São Paulo. Todas as chamadas boas famílias paulistanas tinham que comprar discos na Hi-Fi, roupa na Paraphernalia, sapato na Spinelli, tomar chá na Confeitaria Yara e passar as tardes de sábado subindo e descendo a rua, prática conhecida por *footing*. Para ver e ser visto, tinha que se estar na via, uma vez que era na Augusta que tudo acontecia primeiro. Os novos discos eram todos lançados na Hi-Fi e o Cine Majestic tinha filas sempre que um filme chegava ao Brasil, pois era ali que ele seria exibido pela primeira vez. E não eram apenas os ricos que a frequentavam, mas também aqueles que almejavam subir de classe social – seja através de negócios ou casamentos. Pessoas que estavam no que é chamado de uma classe média iam até a Augusta na esperança de conhecer algum membro da alta sociedade paulistana ou, mesmo que sem comprar, saber o que estava na moda.



Figura 2 - Anos 60 na Augusta.

Como lembra Ragazzo (2005, p. 31), essa foi uma época em que a rua era fechada para os carros aos sábados e se tornava uma espécie de *boulevard* onde os jovens andavam de um lado para o outro, para verem e serem vistos. Na visão de Pissardo (2013, p. 116), a Augusta era a verdadeira musa da São Paulo dos anos 50 e 60. Ela inspirou músicas, poemas e textos. Ronnie Cord escreveu uma das suas mais famosas canções, “A Rua Augusta” (Anexo A) e o trecho “subi a Rua Augusta a 120 por hora” ainda é conhecido por gerações posteriores.



Figura 3 - Augusta nos anos 70.

A via foi musa também do documentário “Essa rua tão Augusta”, de 1966, que se propõe a ser uma “pequena introdução ao mundo do ‘homem augustiniense’”. Ao longo dos sete minutos desse filme, pode-se ver que a rua já apresentava sinais de como seria no futuro: o comércio do dia e a diversão da noite, aceitando todos os tipos de tribos que quisessem ficar por ali. Para entender melhor essa fase, Ragazzo (2005) conversou com Klara Jozsca, que nasceu na Hungria e veio com a família, em 1948, fugindo da II Guerra Mundial. Ela lembra que

Aos sábados, a rua era forrada com tapete vermelho, por onde além da banda de jazz, desfilavam senhoras de chapéu, senhores ilustres, só gente bonita, era um programa obrigatório aos sábados. À noite, subíamos e descíamos a Rua com meu irmão de lambreta, eu na garupa, com jaqueta de couro James Dean (a top da época), era

muito divertido, nossas brincadeiras eram muito saudáveis (JOZSCA in RAGAZZO, 2005, p. 99).

Klara pode ser considerada como representante da glória vivida pela Augusta na metade do século XX e dos caminhos que foram percorridos para alcançá-la. Ela veio ainda criança para o Brasil e, na adolescência, começou a frequentar a Augusta. Ela confirma o que já foi dito: que, para a elite paulistana, era fundamental estar aí e gastar os dias e noites passeando pela rua. Através de suas lembranças, pode-se saber que o clima mudava do dia para a noite e que os jovens sabiam que “a hora da paquera” havia começado quando os mais velhos deixavam as casas de chá e iam embora (informação verbal)¹⁴. A húngara foi a vencedora no concurso Miss Augusta, realizado em 1959, quando tinha apenas 18 anos, mostrando que a capacidade de aceitar a todos já era um dos traços da rua. Como essa foi a única edição do evento, Klara ainda se considera a rainha da Augusta. Foi a partir daí que as coisas começaram a mudar e a via entrou em um período de transição entre a primeira e a segunda fase aqui descritas. O concurso já foi, na percepção dela, uma maneira de tentar frear o declínio da rua e mostrar para as famílias tradicionais que lá continuava a ser um bom local para se frequentar. Na visão de Klara, o concurso tinha o objetivo de demonstrar que a Augusta não era apenas lugar para aquela que passou a ser chamada de juventude transviada¹⁵.



Figura 4 - Klara Jozsca com o troféu de Miss Augusta.

¹⁴ Klara Jozsca concedeu entrevista em fevereiro de 2010, para elaboração do trabalho de conclusão da licenciatura da autora – que está indicado na bibliografia desta dissertação.

¹⁵ Expressão comum nos anos 50 e 60 e que representava a classe de jovens considerados rebeldes sem causa e que desobedeciam as regras da sociedade.

Depois de anos de progresso com a política dos 50 anos em 5 do presidente Juscelino Kubitschek¹⁶, o Brasil entrou em um período de recessão e crise política, que culminou no golpe e início da ditadura militar, em 1964. Com os militares, vieram a repressão e a violência. O país viveu entre 1969 e 1974 aqueles que ficaram conhecidos pela história como sendo os anos de chumbo, quando a censura atingiu um nível elevado. Os militares fecharam veículos de comunicação e prenderam quem se mostrava contrário ao regime ditatorial vigente no Brasil. Nesta época, era comum o desaparecimento de pessoas e ainda hoje ainda não se sabe o que aconteceu com muitos dos que sumiram nesses anos. Foi a vez dos brasileiros deixarem o país e se exilarem em busca de segurança – esse foi o caso de nomes famosos como Chico Buarque, Fernando Henrique Cardoso, Caetano Veloso e Gilberto Gil. Os dois últimos, inclusive, foram presos antes de conseguirem deixar o Brasil, acusados de haverem desrespeitado o hino nacional através de suas composições. Com toda essa tensão, não era prudente passear pelas ruas e as famílias que antes andavam livremente pela Augusta se enclausuraram em condomínios e shoppings. As lojas que não fecharam se mudaram para centros comerciais. Tudo isso teve um grande impacto e a rua foi sendo abandonada e esvaziada aos poucos.

Sem o comércio e presença da elite da cidade, a via entrou na segunda fase aqui descrita, seu período de declínio. Enquanto a Augusta sofria com a ausência das pessoas que antes lotavam seu comprimento, sua vizinha, a avenida Paulista, se encontrava em um estágio de mudança, mas para melhor. Ela se transformou no eixo comercial e financeiro de São Paulo e virou uma das “novas centralidades comerciais apropriadas pela elite” (PISSARDO, 2013, p. 126). Sedes de bancos e grandes empresas escolheram a avenida para ser sua sede. Em contrapartida, a “desigualdade social é materializada na contraposição dos sofisticados hotéis voltados para os

¹⁶ JK, como ficou conhecido, foi o responsável por trazer a modernidade ao Brasil. Sua política foi voltada para fazer com que o Brasil evoluísse o equivalente a 50 anos de progresso ao longo dos seus cinco anos de governo (de 1956 a 1961). Ele venceu as primeiras eleições depois do suicídio de Getúlio Vargas, que havia instaurado um regime ditatorial no país. Foi no governo de JK que Brasília foi construída para ser a capital do país e diversas regiões do Brasil foram conectadas através de estradas – mudança que fez com que montadoras de automóveis abrissem fábricas no país, gerando empregos para a população. Como consequência, a dívida pública aumentou até o fim de seu mandato.

executivos da Avenida Paulista e as atividades ilegais como a prostituição, a habitação em cortiços, os jogos de azar e o comércio informal” (PISSARDO, 2013, p. 16), que eram praticadas na Augusta. Com o tenso momento político vivido pelo Brasil e explicado anteriormente, os imóveis da rua se desvalorizaram e, aqueles que não foram completamente abandonados, abrigavam os prostíbulos – que eram identificados, como lembra Pissardo (2013, p. 137), como casas de massagem, saunas mistas ou *american bar*¹⁷. A quantidade de hotéis (e hóspedes), o fácil acesso e a já referida localização privilegiada atraíram uma grande quantidade de garotas de programa, travestis e cafetões – motivo pelo qual a Augusta ficou popularmente conhecida como a rua das putas. É interessante notar que, mesmo que o uso dado para a rua tenha se alterado, membros da elite e do proletariado continuavam a ocupá-la e a dividir o mesmo espaço. Só que, neste período, essa interação era proibida e escondida.

Denominar o estabelecimento de casa de massagem era uma maneira de tentar camuflar a prática e manter o local seguro tanto da polícia quando da influência de famílias tradicionais que ocupavam as esferas políticas. Com o passar do tempo, os anúncios dos locais ficaram mais explícitos, com a presença de apetrechos eróticos e frases usadas para ressaltar a beleza das profissionais que ofereciam as tais massagens (PISSARDO, 2013, p. 138). Na década de 80, casa de massagem passou a ser sinônimo de casa de prostituição. E ainda que fosse de conhecimento geral, não haviam muitas coisas sendo feitas, a prostituição na Augusta foi, de certo modo, aceita pela população como algo inevitável, mesmo não sendo vista com bons olhos. Os estabelecimentos evoluíram e se transformaram no que hoje é chamado de *inferninho*: com manobristas, pagamento em cartão de crédito, bar, shows e melhores instalações para os serviços íntimos. Essa foi a época em que a rua se encheu de letreiros em néon e da cor vermelha, elementos que se tornaram marca registrada desse tipo de estabelecimento.

¹⁷ *American bar* era usado como um sinônimo das saunas mistas, isto é, das casas de prostituição. Essa foi uma forma de tentar mascarar o verdadeiro propósito do estabelecimento.



Figura 5 - Fachada do Casarão, famoso american bar da Augusta.

Tanto pelo tempo que essa fase durou (até os anos 2000) quanto pelo maior destaque que recebeu nos veículos de comunicação, essa é a Augusta que existe na memória dos brasileiros. Uma reportagem feita pelo jornal O Estado de S. Paulo, em 1986, relata a visita de jornalistas a uma dessas saunas:

Chegam ainda reclamações sobre a situação das ‘saunas for men’ e algumas já foram visitadas, deixando os comissários e agentes estarecidos. Na madrugada de sexta-feira passada, estiveram na casa 783 da rua Augusta, e Chaves diz que estavam todos nus, sendo o garçom reconhecível apenas por estar de gravata borboleta e ainda reclamou dos agentes que estavam vestido. (O ESTADO DE S. PAULO, 09/07/1986).

A imprensa noticiava o aumento da prostituição na região, uma ação policial para vistoriar os estabelecimentos e fechar aqueles onde ocorriam atividades ilegais, a reabertura desses locais e quaisquer outras matérias relacionadas com a prostituição existente na Augusta. Classificados como factuais, esses artigos não buscavam ou citavam o passado de luxo vivido pela rua, fazendo com que ele ficasse renegado ao relato daqueles que o viveram e, aos poucos, fosse sendo esquecido.

Ainda que se fale das casas de massagem e, posteriormente, *inferninhos*, a prostituição não estava restrita aos prostíbulos e se viam também esses profissionais desfilando pelas calçadas, a espera de que algum carro parasse. Quem trabalhava por conta própria, sem uma casa definida, usava como local de encontro os quartos dos hotéis mais baratos e pensões instaladas na região. Em meados dos anos 80, quando a ditadura militar estava mais branda e já se falava na volta da república, a rua começa a dar sinais de recuperação, tanto social quanto cultural. Os estabelecimentos que ali abriram foram responsáveis por essa gradativa mudança – transformação que se estendeu até o começo do século XXI. Como forma de diversão noturna, os jovens da época costumavam frequentar as discotecas de música eletrônica, que vendiam bebidas com preços maiores que o nos bares para homens com roupa social e mulheres com muita maquiagem e salto alto. Grande parte das pessoas que frequentavam esses locais estava ali não pela música, mas para socializar. Para agradar um público que não se interessava por esse tipo de diversão, algumas pessoas organizavam festas diferentes na Augusta, com uma seleção musical mais voltada para o rock e onde se podia ir vestindo roupas confortáveis e apenas curtir o que estava tocando.

Foi assim que os porões *undergrounds* da Augusta surgiram e ganharam fama na cidade. Eles ficaram conhecidos por porões porque funcionavam normalmente nos fundos de estabelecimentos ou galerias comerciais. Se antes a rua era o local obrigatório para todos da elite da cidade, agora ela passa a ser a casa daqueles que queriam fugir do tradicional e convencional. Entretanto, membros da elite também iam nessas discotecas, pois não era a classe social que importava, mas, sim, a vontade de se divertir de uma forma diferente. Esse foi o primeiro passo para que a Augusta começasse a se recuperar do ponto de vista social, uma vez que muitos dos jovens que passaram a frequentá-la faziam parte daquelas famílias que mais possuíam dinheiro. É possível dizer que foi com os porões *undergrounds* que a Augusta passou a ser sinônimo de uma mistura de classes. Antes, em sua fase de glória, membros da elite eram a maioria dos frequentadores e, ainda que houvessem pessoas de outras classes sociais, eram sempre aquelas que podiam pagar por uma boa roupa, bons restaurantes e até se dar ao luxo de, de vez em quando, gastar dinheiro para consumir cultura. Depois, com a degradação, tinha-se os trabalhadores mais pobres, os que eram responsáveis pela prostituição – de forma direta ou indireta – e, de passagem, aqueles

que alimentavam o ramo ao ir até a rua em busca das prostitutas. Com o surgimento dos porões, todos eram aceitos e tratados da mesma maneira. Era o começo da formação da família augusta, da qual quem quisesse fazer parte vai ser aceito sem preconceitos.

Mesmo iniciando uma recuperação, o traço da ilegalidade ainda rondava a rua. Nessas festas (que na maioria das vezes não possuíam autorização da prefeitura para funcionar), menores de idade fumavam e consumiam bebida alcoólica sem que houvesse fiscalização – algo que tornava a rua ainda mais atrativa.

A constante associação da rua ao universo do submundo e da prostituição na mídia e em representações artísticas ajudaram a dar uma grande exposição à deterioração e à ilegalidade de certas atividades que, a partir de 2000, passaram a ser combatidas intensivamente pela Prefeitura dentro da bandeira da ‘revitalização’ do espaço (PISSARDO, 2013, p. 142).

Mas, como ainda não eram os anos 2000, não havia fiscalização e as festas nos porões faziam cada vez mais sucesso entre os jovens. Aos poucos, a avenida Paulista foi se transformando em uma das mais importantes da cidade e não apenas por conta de grandes empresas. Com a evolução constante do tecido urbano, outros centros financeiros se tornaram mais relevantes e a Paulista foi ocupada por um outro público – sem deixar de ser a sede de algumas empresas. O Masp (Museu de Arte de São Paulo)¹⁸ se transferiu do Centro para a avenida em setembro de 1968, a Faculdade Cásper Líbero¹⁹ inaugurou em 1966 o icônico prédio no número 900 da Paulista, que até hoje atrai os olhares de quem passa por ali. A Livraria Cultura, hoje a maior e mais relevante livraria do Brasil, abriu sua loja dentro do centro comercial Conjunto Nacional, também localizado na avenida, no ano de 1969²⁰.

¹⁸ O Masp foi fundado em 1947 por Assis Chateaubriand, tornando-se o primeiro museu moderno no país. A primeira morada do museu foi a rua 7 de Abril, no centro de São Paulo. Em 1968 foi transferido para a atual sede na avenida Paulista

¹⁹ A Fundação Cásper Líbero foi criada por um jornalista e abriga a rádio e TV Gazeta e a Faculdade Cásper Líbero, que conta com os cursos de Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas e, mais tarde, Turismo.

²⁰ Em 2007, a Livraria Cultura do Conjunto Nacional, na Paulista, passou por uma reforma e se tornou a maior livraria do Brasil, com mais de 3,5 mil m² e um teatro com capacidade para mais de 200 pessoas no terceiro andar do prédio.

Esses estabelecimentos, que ofereciam exposições, teatros, livros, discos e todas as formas de cultura, fizeram com que a região fosse invadida por um público interessado em arte e comunicação, algo que se tornou mais escasso nos piores e mais repressivos anos da ditadura militar. A partir do fim dos anos 80, com o andamento do processo de redemocratização do Brasil, a população teve mais liberdade para circular pela avenida e os seus 2.800 metros foram se enchendo de cafés, bares, restaurantes, galerias, lojas e escritórios comerciais. Nesta época, a Augusta passava por dois momentos distintos: durante o dia, eram os trabalhadores da região que passavam por ela e iam aos seus restaurantes na hora do almoço ou paravam em algum bar para uma cerveja antes de voltarem para casa (o famoso *happy hour*, prática comum ainda hoje no Brasil); à noite, continuava a ser a rua das putas e não era incomum que algumas pessoas escolhessem outros trajetos para evitar passar por ali depois do anoitecer. Os porões ainda funcionavam e os jovens adquiriram o hábito de ir mais cedo para lá, assim podiam aproveitar as ofertas culturais que a Augusta, a Paulista e seus entornos ofereciam, beber algo em um bar e, depois, entrar para curtir a noite nessas discotecas *undergrounds*. Assim, se iniciou o processo de recuperação cultural e restabelecimento da importância da Augusta para São Paulo, tanto do ponto de vista social quanto artístico.

O empresário José Tibiriça Martins, mesmo antes de se tornar empreendedor, sempre gastou muito tempo caminhando pela rua, já que morava na região e, independente da fase, se sentia em casa. Tibira, como ficou conhecido, concedeu uma entrevista ao documentário “Arquiteturas: Rua Augusta” (2015), onde diz que considera o começo dos anos 90 como o período mais decadente da via, quando ela era “totalmente de drogados e prostitutas” (ARQUITETURAS..., 2015, 1’47”). Ele explica que é difícil determinar o exato momento em que essa realidade mudou, pois foi um processo lento e que foi realizado por diversos fatores e agentes. Como foi dito, na década de 90 a rua se estabeleceu como um polo diferenciado de cultura, muito por conta da abertura, em 1993, do Espaço Banco Nacional de Cinema (que, mais tarde, passaria a se chamar Espaço Itaú e funciona ainda no mesmo endereço). O local queria incentivar as produções nacionais e filmes fora do circuito comercial, abrindo, assim, espaço para outros tipos de cultura, como as artes plásticas e teatro. Ainda degradada, a rua tinha imóveis mais baratos, que atraíam tanto os estudantes que chegavam a São

Paulo para fazer faculdade e quanto os recém-formados que lutavam para vencer na dita selva de pedra. Esses jovens viviam a Augusta da noite, faziam amizade com as prostitutas e bebiam até mais tarde nos bares da região. Com o passar do tempo, as demais classes começaram a frequentá-la, em busca de culturas diferentes.

Esses cinemas de arte, além de trazer à rua cinéfilos, cineclubistas, roqueiros, artistas, intelectuais, estudantes e idosos (a instituição da meia entrada²¹ é desta época) e um público de cultura, os incentiva a permanecer por mais tempo no espaço oferecendo outras opções de entretenimento e atividades como cafés, restaurantes, livrarias e exposições. Esse público vai circular não somente nos foyers desses cinemas, em geral abertos para a via pública, mas também em suas proximidades, em busca de outras opções de lazer e alimentação, antes ou depois das sessões de cinema. Essa circulação vai aquecer o mercado de comércio, alimentação e lazer da região que vai tentar atrair esse público para seus estabelecimentos, re-estruturando principalmente a região envoltória do Espaço Unibanco de Cinema (PISSARDO, 2013, p. 152).

Foi a presença dessas pessoas que fez com que mais estabelecimentos abrissem na Augusta – desde novos bares até lojas *hipsters* que corriam atrás de fornecer as novidades buscadas pelos frequentadores da região, que Pissardo (2013, p. 151) classificou como um público “alternativo e intelectualizado”. Alternativo pois se interessavam por aquilo que era considerado chato ou ainda se encontrava desconhecido para a maioria das pessoas; intelectualizado porque queriam uma cultura não-*blockbuster*, interessados em, por exemplo, cinema europeu e artistas independentes. A Augusta surgiu, então, como um dos locais mais interessantes da cidade.

Percebendo o potencial que a rua poderia ter, Tibira se juntou ao também empresário Facundo Guerra para inaugurarem juntos, em 2005, o Vegas, um clube parecido com os frequentados pela elite da cidade: com ambiente luxuoso e promessa de “só gente bonita” – com preços acima dos que eram praticados pelos demais estabelecimentos da rua. A casa estava localizada no Baixo Augusta, bem próximo ao Centro. Foi o primeiro grande investimento feito em muitos anos na região, uma que continuava desvalorizada. A decoração já misturava um pouco da história da rua: lustres de cristal antigos, como o que existia nas casas do começo do século XX,

²¹ A meia entrada é um direito de estudantes e idosos. Como o nome diz, eles pagam a metade do valor do ingresso de concertos, cinemas e teatros.

ocupavam o teto do bar e o vermelho (comum nas casas de prostituição) estava em todas as paredes, assim como o néon. O Vegas se dedicou a atrair os mais diversos tipos de pessoas, com cada noite da semana contemplando um tipo diferente de música. A rua foi sendo, aos poucos, enchida por grupos ecléticos, mas que aprenderam a conviver em paz.



Figura 6 - Discoteca Vegas.



Figura 7 - Discoteca Vegas.

A degradação da Augusta, ao invés de ser um ponto negativo, era visto como um de seus atrativos. Para se chegar tanto ao Vegas quanto aos demais

estabelecimentos, era necessário passar pelos prostíbulos, muros pichados e todo o ar de declínio que pairava pela Augusta.

Essa ‘glamourização’ do universo da prostituição da rua Augusta aumenta a atratividade da região para o jovem e favorece a disseminação de mais casas noturnas na região, cada vez menos comercialmente identificadas ao negócio da prostituição, ainda que frequentemente marcadas pela tolerância e diversidade sexual (PISSARDO, 2013, p. 144).

Seguindo o sucesso obtido pelo Vegas, em 2007 foi inaugurado o clube Inferno e, em 2008, o Studio SP se transfere da Vila Madalena para a Augusta – todos na mesma região, o Baixo Augusta. Ao contrário do Vegas, que tinham as principais noite (sexta e sábado) voltadas para o eletrônico, essas duas últimas casas noturnas buscavam atrair o público que já frequentava a rua desde o começo do século XXI, pois apostavam em um som mais rock e descontraído. O Studio SP funcionava também como uma casa de música ao vivo, com artistas de pop/rock e outros que faziam algumas releituras, como a banda Vanguard, que misturava indie/rock com Beatles, e Miranda Kassim, famosa pela interpretação de clássicos de Amy Winehouse.



Figura 8 - Fachada do Studio SP.



Figura 9 - Studio SP.

Além disso, o Studio SP foi o local onde muitos artistas que hoje têm expressão no cenário nacional começaram a se apresentar para um público maior, como é o caso de Criolo, Céu, Karina Buhr e Tulipa Ruiz. Esses artistas se dedicam a um som que vai na contra corrente do caminho da música que se tornou popular nas casas noturnas brasileiras, como o já referido eletrônico e o sertanejo²². Criolo faz uma música que representa de forma indiscutível a Augusta: mistura a urbanidade do rap com a brasilidade da MPB. Já nomes como Céu e Tulipa Ruiz trazem de volta a Tropicália (ou tropicalismo)²³, com suas letras elaboradas e batidas resultantes da mistura de diversos estilos musicais. O mais recente álbum de Céu, lançado em março de 2016, foi nomeado de “Tropix”, em uma clara referência ao movimento. A cantora, em entrevista ao site da revista Vogue RG (2016), falou de seu novo trabalho e afirmou se considerar uma filha da tropicália. Para ela, o movimento “foi de extrema importância para a música contemporânea e nomes como Tulipa Ruiz, Karina Buhr e todas nós”.

²² Sertanejo é um estilo musical brasileiro que se assemelha ao *country*. Tem como representante artistas como Xitãozinho e Xororó, Leonardo e Zezé di Camargo e Luciano. No entanto, nos anos 2000 surgiu uma vertente mais moderna, o sertanejo universitário, que ainda hoje faz muito sucesso tanto no Brasil como no mundo, através de artistas como Michel Teló, Luan Santana e Gustavo Lima. É essa vertente que se ouve em muitas das discotecas tradicionais brasileiras e, ainda, algumas se dedicam exclusivamente a este tipo de música.

²³ Tropicália foi um movimento da Música Popular Brasileira (MPB) que foi considerado de ruptura com o modelo dito tradicional. O Brasil vivia a ditadura militar e as letras das músicas representavam a preocupação com a situação do país. Contudo, as canções eram escritas de uma forma decodificada, de maneira que era necessário uma bagagem cultural para entendê-las. Essa foi uma solução para passar pelos chamados censores, que ouviam a música antes e decidiam se ela poderia ser lançada ou censurada.

Esses artistas começaram a brincar com gêneros e compor letras que falassem de situações atuais, como, por exemplo, os direitos das mulheres ou a solidão que um indivíduo pode sentir dentro das grandes metrópoles como São Paulo. Muitas pessoas classificaram esses cantores como sendo representantes de uma nova MPB. Entretanto, assim como acontece com os frequentadores da Augusta, eles também não querem ser rotulados e flertam com diversas combinações estéticas. Juntos, esses artistas se dedicam a temas que vão de encontro com aquilo que a nova juventude da Augusta busca hoje: aceitação da diversidade, acessibilidade da cultura e a ideia de que a rua é para todos.

É curioso constatar que existe uma diferença entre a antiga tropicália e MPB com esse novo movimento aqui explicado. Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil e outros artistas que surgiram na metade do século XX ficaram famosos em todo o Brasil e suas músicas eram conhecidas pela maioria da população (e ainda são). Em contrapartida, Criolo, Céu, Tulipa Ruiz, Karina Buhr e outros desse gênero não-classificado são populares apenas em determinados nichos e, em alguns casos, mais reconhecidos fora do país – sendo famosos justamente entre o grupo classificado de alternativo e intelectualizado. Como lembram Almeida e Janotti Jr. (2013), “Tulipa Ruiz, Criolo, Karina Buhr e Céu estão na lista dos mais vendidos na Livraria Cultura, mas não são encontrados nos camelôs”. Camelô é como são chamadas as barracas instaladas nas calçadas de lugares populares e com grande movimento, como Centro ou Paulista. Eles comercializam uma vasta variedade de produtos, que vão desde guarda-chuvas até pilhas, chocolates e despertadores. Esses trabalhadores ficaram famosos pela venda de CDs e DVDs falsificados – ou seja, cópias não autorizadas dos originais. Nas barracas, é possível encontrar filmes que ainda não estão em cartaz nos cinemas ou álbuns que acabaram de serem lançados. Como o público-alvo desse tipo de comércio é a população com um poder aquisitivo mais baixo, ele acabou se tornando uma boa maneira de se medir o que era popular no Brasil. Em contrapartida, a Livraria Cultura é um reduto de grupos que consomem cultura e que gastam dinheiro com ela. O complexo é formado pela maior livraria do Brasil (com um café acoplado), um teatro no piso superior (que acomoda tanto peças quanto sessões de discussões culturais), um anexo onde estão os livros dedicados exclusivamente às artes (como audiovisual, fotografia ou música) e, ainda, um cinema que exhibe títulos que se

distanciam dos *blockbusters*. Dessa maneira, dizer que esses artistas figuram entre os mais vendidos da Livraria Cultura mas não são encontrados em camelôs é o mesmo que referir que apenas um pequeno grupo de pessoas, que são em muitas vezes membros das classes média-alta e alta da população, tem acesso ao trabalho deles.

Esses novos nomes da música, de forma geral, não possuem contrato com grandes gravadoras, assinando com produtoras menores e fazendo parcerias para a distribuição de seus álbuns. Eles nascem, então, de um cenário independente, dependendo de uma divulgação fora da tradicional para ganhar fãs (como a feita através da internet, nas redes sociais). É nesse sentido que o trabalho feito pelo Studio SP foi de vital importância para esses cantores. Ali, artista e público podiam se encontrar. Em seus anos de existência, a casa noturna fez com que os cantores tivessem um palco onde poderiam se apresentar para uma plateia que tinha os mesmos interesses que eles e, ainda, que os frequentadores tivessem a certeza de encontrar na discoteca um concerto que os agradaria e possibilitaria descobrir novos sons. Essa relação entre artistas e público foi essencial para atrair para a Augusta as tribos urbanas que fizeram com que ela voltasse a ser conhecida como uma boa opção para diversão noturna. Afinal, esse era um público que não se preocupava em passar pelos prostíbulos se isso significasse uma boa noite, ouvindo a música que os atraía e que não era encontrada nas demais discotecas da cidade.

Assim como as casas noturnas, outros estabelecimentos investiram nas novidades que esse grupo buscava e foram atrás do não-convencional para atrair mais clientes. Um bom exemplo é a loja colaborativa Endossa, localizada no número 1372 da rua, próximo do cruzamento com a avenida Paulista. O local é, de forma resumida, um espaço onde os criadores de peças de vestuário, bijuterias, acessórios e calçados podem expor e vender o seu trabalho. Lá, qualquer um pode alugar um pedaço de parede, uma caixa (como eles nominaram a zona destinada para cada criador) – e a procura é tanta que existe uma fila de espera que pode ser de mais de seis meses para conseguir um espaço. O próprio mote da loja, exposto em seu site oficial, é a diversidade, garantindo produtos diferentes em cada canto. Na página, os criadores da Endossa explicam que eles não fazem seleção dos produtos e marcas, essa curadoria é realizada pelo público, que elege o que gosta e dá sua opinião do que quer ver ali. Com

o sucesso feito na Augusta, os donos da loja expandiram o negócio e abriram mais duas unidades em São Paulo e outra em Curitiba, no sul do Brasil.

A ideia foi de três amigos que se tornaram sócios e, em 2008, abriram a Endossa da rua Augusta. Eles se inspiraram na internet, em páginas como a Wikipedia, onde os usuários colaboram para a elaboração de uma página. Ao ganhar o direito de ter uma das caixas, cada artesão ou microempreendedor aluga também a infraestrutura do lugar, com vendedores, limpeza e segurança. Dessa maneira, a Endossa é um excelente local para quem está começando e ainda não possui o capital para abrir uma loja própria. Para o público, a vantagem é encontrar uma grande diversidade de produtos no mesmo local, artigos que estão em sintonia com aquilo que deseja. Se os compradores não endossarem a marca (e daí que surgiu o nome da loja), a caixa deve ser esvaziada, dando lugar para outro comerciante.



Figura 10 - Interior da loja colaborativa Endossa.

Outro local que mostra essa nova fase é o cabeleireiro e barbearia Retrô Hair, inaugurado em 2009 no número 902 da rua, bem próximo da área central. O local inovou tanto no ambiente quanto nos serviços, se tornando o primeiro salão conceitual do Brasil, ou seja, que se baseou em um conceito para fazer com que o cliente viva

uma experiência diferente enquanto está ali. Tudo no local remete ao glamour dos anos de 1950 e 60 vivido tanto pela rua quanto pela cidade. Já na entrada, os clientes são recebidos com um tapete vermelho – ideia tirada de quando a Augusta foi acarpetada e os carros foram proibidos de passar. A entrada ainda conta com um segurança/recepcionista, que abre a porta e dá as boas vindas aos clientes. O clima de luxo continua na parte do *hall* da recepção, que tem uma sala de estar decorada com móveis *vintages*, como o espelho de cristal que pertencia a família Matarazzo, uma das mais importantes e tradicionais de São Paulo. Querendo ser fiel a história da Augusta, em contraposição com esse estilo de luxo, nas paredes estão objetos que pertenciam a um antigo prostíbulo da rua e o logotipo do salão é feito com néon, como o usado nas casas de prostituição. O que os donos quiseram fazer foi trazer a Augusta para dentro do local, com todas as suas fases e particularidades.

Porém, a experiência vivida pelos clientes vai além da decoração. Dentro do salão existem *lounges* onde cada pessoa pode se servir de cerveja ou refrigerante e, também, fazer um expresso em uma das máquinas dispostas por ali. Antes de iniciar o corte, na área de lavagem dos cabelos, existem profissionais para fazer massagens em cada freguês. Se mantendo fiel ao nome escolhido, o retrô domina a decoração, seja com o carro antigo localizado perto da área do lavatório como no gramofone e outros objetos antigos que estão dispostos por todo o ambiente. Cada espaço destinado ao corte apresenta um espelho com pequenas lâmpadas como molduras, no estilo dos usados na Hollywood de antigamente. Boa parte dos funcionários tem tatuagens e *piercings*, mostrando a preferência por uma moda transgressiva que estava se tornando a marca registrada da via: o movimento da contracultura adentrava a rua Augusta²⁴.

²⁴ A Augusta voltou a ser um espaço de diferença, onde era aceito quem se mostrava fora dos padrões tradicionais – as minorias sociais – e, ainda, o local no qual era encorajada a discussão sobre os mais variados temas, como os políticos.



Figura 11 - Retrô Hair.



Figura 12 - Retrô Hair.

Na década de 60, os Estados Unidos viveram a era da subversão e transgressão, com a contestação de valores ditos tradicionais. Foi então que se passou a buscar o respeito às minorias raciais e culturais, a liberdade nos relacionamentos, crítica de uma comunicação e cultura de massa e, ainda, uma certa aversão às práticas capitalistas. O Brasil, nesta altura, já se espelhava nos americanos e consumia aquilo que vinha do país. Se nos Estados Unidos eram artistas como Janis Joplin que representavam essa contracultura, no Brasil o movimento ficou marcado através da Tropicália, que foi

encabeçada por artistas como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa e Tom Zé. É curioso constatar que os jovens que frequentam a Augusta hoje também são fãs dos tropicalistas e se apoiam nas palavras deles para formarem seus pensamentos. Por exemplo, “Alegria, Alegria”, de Caetano Veloso (anexo B) ainda é hino para muitas pessoas que não haviam nascido quando ela foi lançada, em 1968. Mas o movimento da contracultura que domina a Augusta conta ainda com elementos urbanos como as batidas do hip hop e do rap (como nas canções de Criolo, já citado nesta dissertação, que escreveu “Não existe amor em SP” e Emicida, responsável pela música “Rua Augusta”) (anexos C e D), os *piercings* e tatuagens e, também, os grafites que invadiram a cidade e a Augusta. Ao contestar os valores morais e estéticos da sociedade na qual estão inseridos, esses jovens buscam uma forma de protesto que, ao invés da violência, se liga às artes.

Castello (2005, p. 07) analisa que, dentro da arquitetura que constitui uma cidade, existem determinadas manifestações materiais de uma “simbologia urbana”, que conseguem ser reveladas através da “maneira pela qual as pessoas usam os espaços urbanos e seus componentes para o exercício de suas diferentes atividades”. Na Augusta, esse uso passa por se apropriar do espaço urbano em ordem de se expressar. Por isso, toda a extensão da rua pode ser enxergada como uma grande galeria, com grafites, colagens e formas de demonstrações artísticas e urbanas que ultrapassam os limites das paredes e se estendem, em diversos casos, para os próprios frequentadores – como o visual adotado pelos funcionários e alguns clientes do Retrô Hair.



Figura 13 - Frequentadora da rua Augusta, anos 2000.

O grafite é visto como uma das principais maneiras de expressar dentro do tecido urbano. Essa arte²⁵ começou a ganhar expressão no Brasil ao longo da década de 70 e, desde então, os artistas brasileiros foram desenvolvendo sua própria maneira de o fazer. Com o passar dos anos, o grafite do Brasil passou a ser cada vez mais reconhecido fora do país e virou referência mundial. Entretanto, isso demorou para acontecer. Quando esse tipo de expressão artística chegou ao Brasil, o país estava mergulhado no auge da ditadura militar, como já foi referido nesta dissertação. Assim, o grafite era usado como uma forma de vencer as censuras impostas pelo regime e ir contra ele, era uma arte transgressora, caráter que ainda hoje se verifica. Através das palavras e desenhos feitos nos muros da cidade, os brasileiros mostravam suas opiniões e faziam resistência à ditadura. Essa era uma arte considerada ilegal e marginal. Apesar de não ser mais ilegal, o grafite da atualidade ainda conserva essa aura de marginalidade e de luta por ideais.

No documentário “Cidade Cinza”, de 2013, Otávio Pandolfo, da dupla brasileira de grafiteiros Os Gêmeos, explica que, dentro de São Paulo, o grafite é usado como uma maneira de sobreviver ao ritmo intenso da cidade. A metrópole não oferece opções para que seus moradores possam relaxar, como praias. Além disso, os espaços verdes, que são escassos, não são acessíveis a todos, seja por conta do trânsito ou da falta de tempo dos paulistanos em poder desfrutar de parques como o Ibirapuera. Assim, o grafite vem para ajudar os cidadãos a extravasar o estresse causado pela frenética vida que levam. O grafiteiro lembra que São Paulo foi a responsável por tudo o que ele, seu irmão e outros nomes do grafite brasileiro aprenderam e que, graças a esse aprendizado e aperfeiçoamento, foram capazes de serem reconhecidos mundialmente. O tema central do filme é um projeto de limpeza urbana realizado pela prefeitura de São Paulo em 2008, que teve como objetivo tirar todos os *outdoors* de propagandas e apagar todos os muros que estavam pichados, os pintando de cinza. O projeto foi muito criticado, em especial no que diz respeito ao grafite, pois era preciso determinar o que era grafite e o que era pichação. Um mural tinha acabado de ser feito

²⁵ Apesar de extensas discussões, ainda não existe um consenso sobre o *status* do grafite: arte ou não. Nesta dissertação, a prática será tratada como arte.

e, por engano, de acordo com a prefeitura da cidade, foi todo apagado. A repercussão foi tão grande que o governo da cidade se desculpou e pediu que os artistas refizessem o trabalho. Depois de 2008, um muro só pode ser pintado com autorização, caso contrário, é considerado pichação ilegal e o autor será punido de acordo com as leis vigentes no país.

Ainda assim, os artistas conseguiram manter diversos grafites e obtiveram autorização para continuar a praticar esse tipo de manifestação urbana. Em São Paulo, existem pontos que são famosos pelos desenhos nos muros, como o Beco do Batman, no bairro boêmio da Vila Madalena, que é uma galeria a céu aberto, e o túnel de ligação entre as avenidas Paulista, Rebouças e Doutor Arnaldo, bem próximo da Augusta. O túnel já é um dos marcos para a história do grafite paulistano. Logo no começo, no sentido de quem vem da Doutor Arnaldo para a Paulista, está um mural pintado na década de 1980 por Rui Amaral, que foi apagado na década de 90 e, alguns anos mais tarde, refeito. Depois, em 2007, em comemoração aos 453 anos de São Paulo e ao centenário da imigração japonesa no Brasil, 140 artistas foram convidados para preencher os espaços restantes das paredes do túnel, com imagens que remetessem ao Japão e a cultura daquele país. O imenso mural que se formou mede em torno de 400 metros lineares. A outra parte, que liga a Paulista com a Avenida Rebouças, também é como uma galeria de arte por conta dos diversos grafites que possui. Juntos, esses murais formam uma das atrações da cidade e ajudam a embelezar quem passa por ali.



Figura 14 - Beco do Batman, na Vila Madalena.



Figura 15 - Beco do Batman, na Vila Madalena.

Na já referida música “Não existe amor em SP”, Criolo afirma que, em São Paulo, os “grafites gritam”. Isso porque eles são usados também como uma forma de protesto. Desde o começo, o grafite é para o brasileiro uma forma de se expressar, uma arte transgressora que é capaz de tocar aqueles que a veem. Até os anos 2000, o que reinava na Augusta era a pichação²⁶. Aos poucos, os grafites foram tomando conta da via e sendo o elemento principal da fachada de muitos estabelecimentos, como a loja de antiguidades Caos: “ao tornar-se um meio de comunicação entre diferentes grupos sociais, a rua passa a ser também um veículo no qual eles poderão se expressar artisticamente” (PISSARDO, 2013, p. 202).

²⁶ A década de 2000 também foi essencial para a diferenciação entre pichação e grafite. O primeiro corresponde ao ato ilegal de pintar na propriedade alheia. Já o segundo tem um viés mais artístico e conta com a aprovação de quem possui a parede que for usada – seja ela privada ou pública.



Figura 16 - Fachada da loja Caos.

Tanto na Augusta como em toda a cidade, não foram apenas as fachadas que foram usadas para essa manifestação, mas também, por exemplo, postes e telefones públicos. O projeto Vivo Call Parade, feito inicialmente em 2012 e contando com uma nova edição em 2014, buscou levar um pouco mais desta arte para diversos cantos da cidade, através dos orelhões, como são popularmente chamados os telefones públicos no Brasil. A primeira edição não contou com um tema, deixando os artistas livres para se manifestar. Já a de 2014 teve como mote o Mundial de futebol e os criadores das obras deviam seguir o lema “Pinte o seu orelhão com as cores da Seleção”. Muitos desses telefones estavam localizados na avenida Paulista, onde o tráfego de pessoas é grande.



Figura 17 - Um dos telefones públicos da Call Parade.

Todos esses espaços, culturas e movimentos tiveram sua parcela em promover a ocupação do espaço da rua com os mais diversificados tipos de públicos. A prostituição ainda existe, só que agora ela se apresenta de uma maneira discreta e mais restrita ao interior dos *inferninhos*. Afinal, o grande trunfo da prostituição de rua era a *discrição* e, com a movimentação noturna intensificada, isso não existe mais. Ainda assim, trabalhadores, garotas e garotos de programas, *hipsters* e os ricos da cidade convivem em perfeita harmonia. As pichações nos muros, o ar de degradação e os prédios antigos completam o clima dessa nova Augusta, que voltou a ser uma opção viável e agradável de lazer para os paulistanos. Além dos espaços já mencionados, a rua conta com os tradicionais botecos²⁷, teatro e cinemas. Essa foi a altura em que, na opinião do jornalista Ignácio de Loyola Brandão (ARQUITETURAS..., 2015, 13'), a Augusta mudou a cara da cidade, pois fragmentou a sociedade, fazendo com que os moradores pudessem ser classificados em diversas tribos sociais. Se antes, dentro do espaço urbano de São Paulo, existiam os redutos de cada uma dessas pessoas e elas viviam realidades separadas, agora, com a Augusta, os ricos passaram levados a conviver com os mais pobres, os *héteros* com os gays e todos foram obrigados a aprender a lidar com as diferenças. A importância da Augusta como um local onde todos podem coexistir é ainda maior na situação em que o Brasil se encontra de uns anos para cá: o do crescimento da intolerância. Em todo o país, aumentaram os casos de violência registrados contra negros, gays e mulheres. Em São Paulo, a homofobia, que antes era algo escondido e disfarçado de brincadeiras, passou a ser propagada, incentivada em redes sociais e, desta forma, aumentaram os casos de agressões físicas e verbais a homossexuais na avenida Paulista e seus arredores – uma vez que é ali é um local com diversos estabelecimentos voltados para esse público.

Uma reportagem do jornal O Diário de S. Paulo, de março de 2015, revelou que os casos de agressões contra homossexuais na cidade aumentaram 20% entre 2013 e 2014. Ainda assim, 2009 foi o último ano em que um agressor responsável por esse tipo de crime foi preso por agentes da Decradi (Delegacia de Crimes Raciais e de

²⁷ Boteco é uma designação tradicional no Brasil e representa um bar mais simples, onde o cliente vai para beber cerveja e comer petiscos como batata frita e outros tradicionais do Brasil, como polenta e mandioca.

Intolerância). Na ocasião, um homem de 35 anos foi morto durante a Parada Gay, que acontece na Paulista, e o responsável foi detido. Os dados foram obtidos através da análise e comparação dos boletins de ocorrência (registros feitos junto ao departamento policial) nos anos citados. Dentro desta realidade, a Augusta poderia ter se tornado um local que os homossexuais evitassem, para fugir da violência e onda de ódio contra eles. No entanto, o que aconteceu foi o oposto: eles encontraram na rua uma casa e a força para lutar e reagir ao preconceito.

A Augusta, mais do que apenas morada para todos os locais citados ao longo desta dissertação, voltou a ser a protagonista e musa de mais uma geração. Desde o começo ela se assumiu como uma das personagens principais de sua história – em alguns casos, até mais do que os seus frequentadores. A rua foi capaz de criar uma identidade própria, que fez com que os eventos acontecessem da maneira como ocorreram. É possível dizer que o desenrolar dos fatos que aqui foram relatados só puderam ser concretizados por terem a Augusta como palco. Um dos traços marcantes dessa identidade é o fato de que ela é capaz de abrigar, ao longo de suas fases, diversos públicos e tribos urbanas. Na primeira metade do século XX, eram os imigrantes e trabalhadores que se misturavam com os ricos paulistanos. Foram estabelecendo suas moradas e seus comércios e deixando ali traços de seus países de origem, que se mesclavam com a cultura brasileira, criando uma atmosfera diferente.

Depois, na medida em que essas lojas iam se tornando cada vez mais referência no que diz respeito ao luxo e a qualidade, a rua virou o sinônimo de glamour. Mais uma vez, foi capaz de abrigar todos aqueles que a queriam frequentar. Mesmo entre o grupo dos mais endinheirados existiam divisões: eram as moças das boas famílias, os mais velhos que sentavam para um chá, aqueles em busca de cultura e os membros da geração da juventude transviada. E a Augusta os unia com a sua capacidade única de agregar. E isso continuou pelos próximos anos, se acentuando até culminar nos anos 90 e 2000, quando a mistura de públicos se tornou mais evidente. Logo depois do início da ditadura militar, em 1968, e o consequente abandono da Augusta por parte das elites, iniciou-se outro processo de mistura na rua. Na fase aqui chamada de degradação, as prostitutas foram acolhidas pela via, que ainda contava com a presença dos clientes dos inferninhos e os novos moradores da Augusta. Aqui, também é

possível dizer que a Augusta se firmou como uma das protagonistas desta fase, uma vez que continuava com a habilidade de promover a mistura social e, além disso, era o retrato do momento pelo qual o Brasil passava, com seu misto de aparência de nação unida, clima de violência e a busca pela liberdade de vida e de expressão. A Augusta foi a casa daqueles que queriam não apenas sobreviver, mas viver mesmo no regime ditatorial imposto pelos militares. Aos poucos, se passou a ligar Augusta com o conceito de liberdade, como se ambas fossem sinônimos, complemento e parte fundamental uma da outra.

A fase posterior, quando os meios de comunicação disseram que a Augusta se reinventou, é o resultado de todas as misturas dos que por ali passaram. Ela mantém a característica de liberdade e se torna o lar das tribos que não tinham ainda encontrado um reduto dentro de São Paulo. Começa a se formar a família Augusta (nome pelo qual ficaram conhecidos os grupos que sempre estão na via), que tem na própria rua o membro mais importante. Independente da fase, a via passa a ser considerada como um agente ativo e o principal responsável por todas as mudanças – nada do que ocorreu poderia ter acontecido em alguma outra rua da cidade, simplesmente porque faltaria a parte essencial: a Augusta. Dentro dessa família, a rua surge como a matriarca – mais uma vez adquirindo a qualidade de agente ativo e fundamental nesta história. É ela que, mais do que inspirar músicas, filmes ou livros, suscita a reunião de diversos grupos, a discussão política, a luta por direitos fundamentais e busca por uma sociedade melhor. Como lembra Pissardo (2013, p. 198), ela se tornou palco de manifestações e encontros.

Uma boa maneira de demonstrar o fenômeno é usar o caso do bloco Acadêmicos do Baixo Augusta – criado por Alexandre Youssef, empresário por trás do Studio SP. Todos os anos, desde 2010, milhares de pessoas ocupam a rua em uma festa de carnaval. São os estudantes, artistas, trabalhadores da região e todas as pessoas que passam grande parte do ano pela Augusta, os membros da referida família Augusta. E, todos os anos, essa família elege um tema pelo qual lutar – fazendo com que o desfile passe de uma simples diversão para uma manifestação regada a marchinhas de samba, confete e serpentina. Em 2016, o bloco apresentou o lema “Família Augusta: de todo jeito nos gusta!”, em celebração da diversidade e da

liberdade. O tema foi escolhido como uma forma de protesto contra o Estatuto da Família, projeto que tramita no Congresso do Brasil e que visa definir o que é uma família perante a lei²⁸. Em 2015, o tema foi “Desbunde”²⁹ e saiu às ruas contra a carece das chamadas famílias tradicionais brasileiras. Também em 2015, o bloco inaugurou um endereço fixo na rua que, além dos ensaios, promove festas o ano todo e vem completar o espaço no cenário musical deixado pelo fim do Studio SP.



Figura 18 - Bloco Acadêmicos do Baixo Augusta.

²⁸ A Constituição de 1988 define que uma família é “a entidade familiar formada a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou de união estável, e a comunidade formada por qualquer dos pais e seus filhos”. Em 2011, foi aprovada a união de casais do mesmo sexo. O Estatuto da Família quer definir, então, o que seria considerado como família para questões de benefícios concedidos pelo Estado, como pensão. A polêmica em torno do assunto começou quando o projeto foi assumido pela parte conservadora e católica da Câmara dos Deputados. Assim, o que esse projeto determina é que o instituído em 1988 é válido e os casais homossexuais (e seus filhos) não têm os mesmos direitos que os heterossexuais, por não serem considerados como famílias.

²⁹ Desbunde foi uma palavra usada nas décadas de 50, 60 e 70 para designar algo que que era causa um impacto, que deslumbra. Porém, também pode ser usada para dizer que, em uma luta, as armas foram deixadas de lado em prol de uma abordagem mais pacifista. Assim, o tema escolhido pelo Bloco demonstra os dois lados da palavra: é tanto uma forma de demonstrar o crescimento e diversão que existe ali quanto dizer para a sociedade que a “família Augusta” vai lutar contra aquilo que considera uma carece através do samba e das cores do carnaval, de uma forma pacífica.

Essa tradição do Acadêmicos do Baixo Augusta em sempre transformar o tema do carnaval em uma manifestação significativa para a sociedade revela outro lado da rua: seu viés político. A via acabou se tornando um local tão democrático e os grupos que passam por lá tão diversos que falar de política é algo do qual não se consegue fugir. Apesar de ter entrado em uma espécie de ostracismo depois das Diretas Já³⁰ e do processo de *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Melo, em 1992³¹, os brasileiros possuem uma tradição de protestar contra aquilo que acreditam estar errado – justamente como foi feito na briga pelo fim da ditadura militar, durante a preparação para o Mundial de 2014 e vem sendo assim desde 2015, com os recentes acontecimentos políticos. Na Augusta, tribos que podem ser chamadas de minoritárias, como mulheres e homossexuais, possuem grande representatividade. Em contrapartida, esses são os grupos que estão sofrendo com decisões dos políticos – como o já referido Estatuto da Família e o processo que culminou no afastamento de Dilma Rousseff³² e que muitos consideram que se solidificou e avançou apenas pelo fato de que ela é uma mulher. O caso de Dilma é o mais recente foco de atenção dos brasileiros – e é discutido em seu espaço, seja nos bares e botecos, seja na própria rua. Essas manifestações acontecem, em sua maioria, em toda a extensão da Paulista. Porém, por conta da quantidade de pessoas que costumam participar, os entornos da avenida são também ocupados pelos manifestantes. Para se ter uma dimensão da quantidade de participantes, no dia 13 de março de 2016, cerca de 500 mil pessoas

³⁰ Diretas Já foi o nome dado para o movimento que pedia o fim da ditadura militar e a volta da votação direta para o cargo de presidente. Começou no ano de 1983, com o PMDB e o PDS, mas logo ganhou apelo popular e adesão da população. No ano seguinte, em 1984, seria eleito um novo presidente para o Brasil, mas, como foi feito desde 1964, de maneira indireta, através de um Colégio Eleitoral. Em abril de 1984 foram realizadas duas das maiores manifestações da história do Brasil: uma no Rio de Janeiro e outra em São Paulo – ambas pedindo a volta das eleições diretas e o fim da ditadura. Ainda que realizada de maneira indireta, a eleição de 1984 colocou um civil como presidente, dando início ao processo que culminaria na volta das eleições diretas no Brasil.

³¹ Fernando Collor de Melo foi o primeiro presidente eleito de maneira direta depois da ditadura militar, em 1990. Ele foi acusado de corrupção e de praticar esquemas ilegais durante seu governo. Então, mais uma vez, os brasileiros saíram as ruas, desta vez com o lema “Fora Collor”, que ficou popularmente conhecido como o movimento dos caras pintadas, pois os manifestantes, em sua maioria estudantes, pintavam os rostos para se manifestarem. Quando o pedido de *impeachment* foi aprovado pela Câmara dos Deputados (depois, deveria seguir para o Senado), Collor renunciou ao cargo e, assim, manteve seus privilégios políticos – caso o *impeachment* prosseguisse e ele fosse afastado, não poderia concorrer a nenhum cargo pelo prazo de oito anos.

³² O processo de *impeachment* de Dilma Rousseff foi aprovado tanto na Câmara dos Deputados quanto no Senado. Ela foi provisoriamente afastada e o vice-presidente Michel Temer assumiu interinamente. Nesse período, a comissão especial formada por senadores discutiu as acusações feitas contra Dilma e, depois, se reuniu sob a supervisão do presidente do Supremo Tribunal Federal para a votação final, que ocorreu no dia 31 de agosto de 2016 e teve como resultado o afastamento definitivo de Dilma Rousseff.

estavam presentes em um ato contra Dilma Rousseff, segundo o instituto de pesquisa Datafolha, um dos principais do país. Esse foi, também de acordo com o Datafolha, o maior protesto feito em São Paulo desde as Diretas Já.

Só que a participação da Augusta não se mostra apenas por conta da presença dessas pessoas ou como uma extensão da Paulista, ela é um local de resistência política, onde a juventude tem espaço para se manifestar contra o que é determinado pelos altos poderes. E essa característica da rua não é algo novo. Durante os anos iniciais da ditadura militar, o Spazio Pirandello, um restaurante tradicional da Augusta e que ficou famoso pelas atrações culturais, como lançamento de livros e saraus, era um dos responsáveis por essa resistência. Ignácio de Loyola Brandão o classificou como “o grande território de liberdade em um país sufocado” (ARQUITETURA..., 2015: 9’), onde eram feitas reuniões e de onde surgiram manifestos que foram usados no movimento das Diretas Já. Hoje, são os já citados casos de agressões a homossexuais que marcam e escandalizam os paulistanos. Mas, como mostra a tradição, a Augusta continua se mostrando forte em acolher e respeitar todas as diferenças. Já na época do Pirandello era assim e, pelas lembranças de Loyola Brandão, sabe-se que o restaurante era um local onde cada um podia ir vestido como quisesse e ser aquilo que quisesse. Hoje, gays, travestis, *hipsters*, roqueiros e quem mais quiser podem ser quem quiserem ser na Augusta.

No entanto, a cara da rua está mudando mais uma vez. Atualmente, a grande valorização do mercado imobiliário está transformando a Augusta. Tanto o Vegas quando o Studio SP alegaram a alta do valor do aluguel como parte do motivo para encerrarem as atividades. Morar na Augusta não é mais tão barato e os estudantes estão migrando para outros pontos. “A valorização imobiliária na região tornou o aluguel e o valor dos imóveis ocupados pelas boates muito alto e visado por grandes incorporadoras interessadas em investir na região” (PISSARDO, 2013, p. 144). Porém, a rua continua atraindo muitas pessoas – tanto no período diurno quanto no noturno. Pissardo (ARQUITETURAS..., 2015, 18’) ainda explica que hoje existe uma tentativa de desenho do futuro, com a atuação de duas forças distintas. Uma é a tentativa de transformar a rua em local de residência para a classe média-alta. Surgem, então, condomínios fechados, mini mercados, pequenos restaurantes e outros locais voltados

para os novos moradores da rua. A outra força ressaltada por Pissardo é a dos jovens que buscam ali a continuação de um espaço democrático de lazer, querendo que a iniciativa pública tenha atitudes para garantir que a Augusta não deixe de ser um lar para todos, sem discriminação e preconceito.

O caso do Parque Augusta é emblemático para ilustrar o embate entre essas duas forças. O local, que conta com uma grande área verde e que poderia ser transformado em espaço para shows e atividades, virou alvo de disputas ao longo dos anos. O parque possui 24 mil metros quadrados e conta com uma reserva natural, com muitas árvores típicas da mata atlântica. Até a década de 70, era a sede de um colégio, depois virou palco de uma projeto da prefeitura da cidade para promover concertos musicais. Nos anos 90, ficou totalmente abandonado, até que, em 2006, foi vendido para a iniciativa privada. Foi então que se iniciou uma disputa: dois vereadores paulistanos entraram com um pedido para que o local fosse transformado em um parque municipal – iniciativa aprovada por parte da população e que já contou com manifestações de apoio. Enquanto isso, a construtora que o comprou tem a intenção de transformá-lo em um condomínio fechado de apartamentos.

Nas palavras de Castello (2010, p. 04),

para compreender as manifestações urbanas é imprescindível aceitar que todas elas são sempre atribuíveis à conjunção de uma grande diversidade de fatores. Nos fenômenos urbanos, nunca há uma só causa determinando uma só consequência.

Na Augusta de hoje, vê-se um pouco de cada uma das transformações que ela sofreu e traços de todas as gerações de pessoas que por ali passaram. As memórias destas gerações estão impressas nas construções, calçadas e estabelecimentos. Para que seja possível unir cada um dos fatores que constituem as manifestações urbanas da rua e recontar sua história, torna-se essencial que essa memória seja resgatada, que seja feita uma análise baseada na “observação da interação das pessoas, comportamento e ambiente” (CASTELLO, 2010, p. 05).

3. MEMÓRIA VERSUS HISTÓRIA E A MEMÓRIA DAS CIDADES

Ao se procurar o verbete “memória” no dicionário online Priberam, encontra-se a seguinte definição: “1. Faculdade pela qual o espírito conserva, ideias ou imagens, ou as readquire sem grande esforço”. Já o verbete “história” é acompanhado da explicação: “1. Narração escrita dos fatos notáveis ocorridos numa sociedade em particular ou em várias”. Qual seria a real diferença entre os dois termos ou qual a influência que um tem no outro quando se pretende resgatar momentos ocorridos no passado? Ao longo dos anos, a história, enquanto uma disciplina, foi considerada como uma fonte mais credível quando se pretende estudar eventos do passado. Assim como o inglês, que diferencia *history* e *story*, o português apresenta a distinção entre os termos “história” e “estória”, definindo, respectivamente, aquilo que é verdade absoluta daquilo que foi inventado. Verifica-se, desta maneira, que existe uma espécie de superioridade do primeiro termo. Hoje, a palavra estória não é tão assiduamente usada no Brasil, no entanto, assim como no passado, ela ainda remonta a algo que foi criado a partir de fatos que não são necessariamente verdadeiros, que foram inventados – em contraposição com a história, cujo relato é fidedigno e tudo o que está sendo narrado é visto como estritamente real. A estória, neste contexto, pode ser comparada aquilo que é a memória, uma fonte que acaba por ser em muitos casos considerada como não confiável quando se quer contar fatos antigos.

Entretanto, aqui cabe a questão: não seria a própria história um relato baseado também na memória, nas lembranças? Esse questionamento advém do fato de que, para escrever sobre as guerras, entraves e acontecimentos que na atualidade são vistos como verdadeiros, ou o historiador precisaria ter vivido cada um desses momentos em sua totalidade ou, então, ter ouvido a descrição de quem os viveu. Ao se basear na experiência de outras pessoas, ele está usando a memória como elemento central para a construção de sua escrita. Le Goff (1982a, p. 09) se pergunta sobre os empenhos feitos no âmbito de estabelecer uma relação entre a história vivida, “natural” e “objetiva” das sociedades humanas, e o esforço realizado no contexto científico para que se pense o que chamou de uma “ciência histórica”. O autor destaca que essa ciência nasceu tradicionalmente na Antiguidade grega, mas remonta a um passado que é ainda

mais antigo. Diferente de outras como a matemática, ela era baseada em dois preceitos: indagação e testemunho. Ou seja, desde sua criação, a história já se relaciona de maneira íntima com a memória, com o ato de fazer perguntas e usar as respostas como base da narrativa. “Tal é o significado do termo grego e da sua raiz indo-europeia *wid-*, *weid-* ‘ver’. Assim, a história começou como um relato, a narração daquele que pode dizer “Eu vi, eu ouvi” (LE GOFF, 1982a, p. 10, grifos do autor). Le Goff ressalta que esse aspecto de testemunho sempre fez parte da história, ainda que, anos mais tarde, se colocou a explicação no lugar da narração.

Antes, a “necessidade de o historiador de fundir a narrativa e explicação fizeram da história um gênero literário, em simultâneo uma arte e uma ciência” (LE GOFF, 1982a, p. 13). Porém, mais tarde e principalmente depois do século XX, viu-se um aumento do tecnicismo dessa ciência histórica, uma necessidade de criar um processo comum para todos os relatos. Quase que junto com o surgimento da história, se instaurou uma urgência em se ter documentos escritos como fator essencial para se construir a realidade – algo que foi se intensificando com o passar dos anos e com o aparecimento de bibliotecas e acervos que constituíssem os “materiais de história” (LE GOFF, 1982a, p. 14). Assim, se algo não estiver escrito e devidamente documentado, não aconteceu.

Então, o que mudou para que o oral voltasse a ser valorizado e tivesse mais uma vez uma relevância na hora de se reconstruir o passado e se documentar a história? Muito se deve pela tomada de consciência de que, na construção de um fato histórico, existe uma certa “não inocência do documento” (LE GOFF, 1982a, p. 12) – algo que faz com que se reserve um segundo olhar para a veracidade do processo que leva a uma constituição de saber histórico. Neste ponto, cabe esmiuçar aquilo que foi brevemente citado: a possível subjetividade do historiador ao escrever sobre um acontecimento. Tendo vivenciado ou não o fato, ele ainda terá que contar com a memória e a lembrança – seja a sua ou a de quem fez o relato – para transformar episódios nos “materiais de história”. Para o autor, entre o fim do século XIX e o início do XX, o documento passou a ser o “fundamento do facto histórico” (1982b, p. 104), ainda que seja “resultado de uma escolha, de uma decisão do historiador”, sujeito a sua própria interpretação. A opinião de Le Goff vem de encontro com a defendida

nesta dissertação: de que, mesmo aquilo que é considerado como história tradicional, como uma verdade irrefutável, é, na verdade, a visão daquele que a escreveu, um recorte daquilo que ele viveu, presenciou ou ouviu através do relato de outras pessoas que viveram e presenciaram. O que é documentado é aquilo que o historiador escolheu para que ficasse eternizado.

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em sua parte, depende da própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos ‘neutra’ do que a sua intervenção (LE GOFF, 1982b, p. 114).

Le Goff (1982a, p. 30) pergunta se “será o historiador imune à doença senão do passado, pelo menos do presente e, talvez, à imagem inconsciente de um futuro sonhado?”. Para o autor, a memória coletiva constitui uma vívida relação entre presente e passado. Ela é a história do passado, mas que está constantemente sendo revivida no presente e acaba por ser modificada pelas lembranças do grupo ao qual pertence. Não se pode, então, dizer que aquilo escrito pelo historiador seja a verdade desprovida da contaminação de qualquer tipo de recordação – individual ou coletiva. No entanto, também não é possível dizer que esse tipo de resgate do passado não tenha valor. O trabalho do historiador é importante na medida em que documenta para gerações futuras acontecimentos que, de outra forma, poderiam se perder com o passar dos anos. Porém, existe a ressalva de que “todo documento é mentira” (LE GOFF, 1982b, p. 114), uma vez que:

Antes de mais, é o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, também pelo silêncio.

O autor argumenta que seria o papel daquilo que chamou de informação histórica, bem como dos *mass media*, corrigir o que intitula como uma “história tradicional falseada”. Seguindo essa linha de raciocínio, caberia aos veículos de comunicação correr atrás de resgatar uma possível história que se aproxime, de alguma maneira, da verdade buscada. Uma forma de se entender essa afirmação de Le Goff é assumir que, ao tentar se distanciar o máximo quanto possível da memória, o

historiador possa ter renegado detalhes que são importantes para a reconstituição dos fatos. Ao se dizer isso, não se está desacreditando o trabalho realizado, mas assumindo que existe mais do que o que foi escrito. As lembranças, como defende Bosi (2003), é uma fonte importante de detalhes e significados que fizeram com que determinado episódio acontecesse da maneira como ocorreu. Partindo desta perspectiva, o papel dos veículos de comunicação e dos jornalistas se torna importante. Ao realizar entrevistas, o profissional está justamente indo atrás desses detalhes e dessa já discutida subjetividade presente nas recordações, como uma maneira de complementar a história tradicional. Uma das técnicas usadas dentro da apuração jornalística é a que Paul Thompson (1992) nomeou como sendo “entrevistas exploratórias”, que possui como uma de suas características não ter um roteiro a ser seguido ou perguntas prontas. Neste método, cabe ao jornalista conduzir a conversa, mas deixando o entrevistado livre para contar aquilo que considera ser importante. Além disso, o entrevistador precisa buscar na memória de seu entrevistado detalhes que, a princípio, podem parecer irrelevantes, só que são essenciais para a reconstrução de uma cena completa. Aqui, o jornalista entra como alguém com quem o entrevistado conversa como se estivesse na sala de sua casa com um amigo.

O argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidência que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro ‘subjetivo’ de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes (THOMPSON, 1992, p. 258).

Essa é também uma das técnicas defendidas por Cremilda Medina (1990) quando se está realizando uma reportagem dentro do estilo introduzido pelo *new journalism* ou, como ficou conhecido no Brasil, jornalismo literário – ou novo jornalismo. A autora discorre que a entrevista pré-pautada serve apenas para responder a determinadas perguntas, mas não atinge os limites possíveis da comunicação humana. Ela ainda afirma que esta é só alcançada pelo diálogo livre, pela conversa entre entrevistador e entrevistado. Dentro da trajetória do jornalismo, essa vertente literária rompeu com um movimento que primava pela objetividade extrema – em especial na segunda metade do século XIX, com o surgimento da imprensa de massa e a profissionalização do jornalista. Foi quando “a objetividade e a concisão substituem

as belas narrativas. A preocupação com a objetividade e os *fait divers*³³ assume a função principal na pauta. A literatura é apenas um suplemento” (PENA, 2006, p. 40, grifo do autor). De forma resumida, o jornalismo literário é contar fatos reais, com a devida apuração jornalística, só que usando técnicas da literatura, como as descrições ou o excesso de detalhes. Pena (2006) lembra que a tendência teve início com duas obras: *Hiroshima*, de John Hersey e *A Sangue Frio*, de Truman Capote, ambas publicadas na revista *The New Yorker* (em 1946 e 1965, respectivamente) antes de saírem em formato de livro. Para que uma reportagem possa se encaixar no gênero, ela deve atender a alguns requisitos: ser publicada em um jornal ou revista, estar ancorada em fatos reais e possuir um trabalho de grande apuração (muitas entrevistas, pesquisa em arquivos, investigação e levantamento de dados). Para tanto, é preciso estar atento a quatro recursos apontados por Wolfe (2005): a elaboração cena a cena, reconstrução dos diálogos, uso de ponto de vista da terceira pessoa e o que o autor chamou de *status* de vida – o registro dos hábitos e costumes de determinado personagem ou época e, ainda, o modo como o repórter vê aquela pessoa. Ou seja, a subjetividade é algo aceitável dentro dos padrões estabelecidos por esse novo gênero jornalístico.

Citado como um dos principais nomes do novo jornalismo, Truman Capote é uma leitura quase obrigatória para aqueles que pretendem enveredar para a escrita, seja ela real ou ficcional. A obra trata do assassinato de quatro membros de uma mesma família, que morava em uma pequena comunidade do estado do Kansas, nos Estados Unidos. O crime aconteceu em novembro de 1959 e, um mês depois, Capote vai para a cidade e entrevista todos os envolvidos – desde familiares até amigos e membros da sociedade. Ele ainda conversou com a família do assassino, para tentar montar um perfil do criminoso, e reuniu documentos oficiais a respeito do caso. Esse é um trabalho que muitos jornalistas que cobriram o caso fizeram. O grande diferencial das notícias tradicionais sobre o assassinato é que o autor descreve com ricos detalhes tudo o que aconteceu. As entrevistas, conduzidas mais como uma conversa, a proximidade de Capote com os envolvidos, o fato de que ele leu cartas e diários pertencentes ao assassino, vítimas e pessoas próximas a eles, fez com que o autor fosse capaz de escrever sua reportagem como se ele próprio estivesse na cena e, mais que isso, fosse

³³ *Fait divers* é uma expressão do jargão jornalístico que designa notícias que não se encaixam nas principais editoriais, como política ou economia. Esses fatos se caracterizam por serem inusitados.

capaz de olhar dentro da cabeça dos envolvidos para descrever aquilo que viam e sentiam. Uma das maiores críticas a esse tipo de escrita é que ela, por algumas vezes, é totalmente baseada em impressões, deixando os fatos concretos um pouco de lado. Todavia, ela pode mostrar os acontecimentos de uma forma totalmente nova, mais interessante e mais completa.

Ao se levar em conta essa obra, pode-se entender com mais clareza o que Le Goff disse ser o papel do *mass media*. Através da pesquisa documental, o jornalista consegue desvendar a dita história tradicional, com todos os fatos e dados concretos. Ao realizar as entrevistas e reconstruir o retrato cena a cena, os diálogos e o ponto de vista em terceira pessoa, esse profissional entra no campo da memória e das recordações. Dessa forma, ao escrever a reportagem, está fazendo a mescla entre a história e a memória, chegando mais perto de uma realidade do que seria capaz ao se basear apenas em um desses componentes – isso é algo que será visto com mais profundidade no decorrer desta dissertação. É neste sentido que Ecléa Bosi (2003, p. 49), ao estudar a ligação entre a memória e o passado, lança o questionamento: resgatar as lembranças de um grupo de pessoas não “seria como que uma História alternativa? Ou será um método diverso de abordar a História, que complementa as fontes escritas?”.

Essas são perguntas que não são fáceis de serem respondidas e que, por muitas vezes, resultam em mais dúvidas do que conclusões. Um dos nomes mais relevantes no que diz respeito ao estudo da relação entre memória e história é Maurice Halbwachs. O sociólogo francês foi um dos primeiros a se debruçar sobre o que significa se falar em uma “memória coletiva”, termo referido anteriormente por Le Goff como uma contradição da recordação dos historiadores. Essa associação do historiador com a memória é algo que já foi muito explorado e debatido. Um dos principais argumentos que se pode ter para fazer uma separação entre os dois é aquele que já foi citado: a memória é algo subjetivo e a história é uma ciência mais precisa. É possível dizer que as duas estão em oposição na medida em que uma – a memória – vem do interior de um indivíduo ou de uma coletividade, enquanto a outra – a história – deve ser algo que vem de fora, um olhar externo e imparcial sobre os acontecimentos. No entanto, elas estão ligadas. Para Paul Ricoeur (2007), o objetivo do historiador não

é se deter na objetividade, mas abraçar a subjetividade da memória como o caminho a ser percorrido, como se a memória fosse a matriz da história. Assim, o papel do profissional é aceitar o testemunho como uma prova documental e perceber a melhor forma de usar essas lembranças, casando as diversas informações que consegue encontrar e buscando evitar um abuso no uso da memória.

Esse gesto de separar, de reunir, de coletar é o objeto de uma disciplina distinta, a arquivística, à qual a epistemologia da operação histórica deve a descrição dos traços por meio dos quais o arquivo promove a ruptura com o ouvir-dizer do testemunho oral (RICOEUR, 2007, p. 178).

O autor ainda recorda que, dentre esse material de arquivo, os testemunhos das pessoas ouvidas pelo historiador “constituem o primeiro núcleo”, reforçando a ideia de que a memória está na base da história. Seguindo esse pensamento, se entende que o primeiro passo para se registrar a história é reunir os relatos daqueles que presenciaram esse momento ao qual se está tentando entender. Desta maneira, não é de todo correto afirmar que a história se mostra mais precisa do que a memória. O que o historiador faz – e, por consequência, a ciência a que ele se dedica – é se debruçar sobre as diversas lembranças que foram recolhidas, juntar todos os testemunhos e, assim, tentar obter um relato que seja coerente e real, porém, como já foi dito, sem se distanciar da subjetividade.

Halbwachs fala de uma memória que envolve as lembranças individuais que, entretanto, não acaba por se confundir com elas: “Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal” (HALBWACHS, 1990, p. 53). Piérre Nora, por sua vez, ressalva que é preciso não se confundir memória com história, pois elas não se apresentam como sinônimos e, pelo contrário, deve-se ter uma consciência das características que fazem com que uma se oponha a outra. Como o autor (1993, p. 09) destaca,

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente das suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suceptível de longas latências e de repetidas revitalizações. A história é a

reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais.

A partir desta concepção, se compreende que a memória surge como algo atual, que sempre está em movimento e mantém um elo constante e vivo com o presente. Em contrapartida, a história consiste em ser uma representação apenas do que já passou. Seguindo o pensamento de Nora, a memória é afetiva, se alimentando de lembranças que muitas vezes são imprecisas e vagas – sensíveis, portanto, a transferências ou projeções do próprio indivíduo ou daqueles que o rodeiam. Como destacado por Nora, a história é algo engessado e que se estuda e se aceita como sendo verdade. A memória, por outro lado, está sempre viva e é modificada pela passagem do tempo. Justamente nessa diferença que consiste a incredulidade de muitos defensores da história dita tradicional em aceitar que a memória possa ser um elemento válido e real ao se resgatar eventos já passados.

Ao se falar em memória de um determinado grupo, como é possível chegar a um consenso? Afinal, se tem um leque de recordações que é preciso ser moldado a um só relato. Primeiro, se deve aceitar que, ao se sustentar em lembranças de quem viveu em determinado período, não se terá uma descrição completamente fiel dos acontecimentos – no entanto, como já foi argumentado, nem a história é capaz de oferecer um relato completamente real. Todavia, ao se usar essas lembranças, o passado será construído de uma maneira mais rica, na medida em que se será resgatado através de narrações, situações, sons, cores e todos os elementos que compõe as recordações. Nas palavras de Bosi (2003, p. 16), “a memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto. A história se liga apenas às continuidades temporais, às evoluções e às relações entre as coisas”. Isso não significa que não se possa haver uma mistura entre as duas, como já foi visto anteriormente. Le Goff (1982b) analisa a memória coletiva sob diferentes aspectos. Ele ressalta que foi nas sociedades sem escrita que a ligação entre memória e história se deu pela primeira vez de uma forma mais visível – uma vez que, sem o aparato do alfabeto, inscrições ou livros, era através da oralidade que a história era passada entre as muitas gerações. Pena (2006, p. 03) diz que “os relatos orais podem ser considerados uma espécie de pré-jornalismo”. Assim, se entende que a história e o jornalismo possuem uma relação intrínseca e que será estudada um pouco mais adiante nesta dissertação.

Le Goff é um autor valioso para se entender os processos pelos quais a memória coletiva passou. Ele começa enunciando que foi apenas quando surgiu a escrita que a ela teve a sua primeira grande transformação, caminhando para duas vertentes. Uma delas é a de um marco dito memorável, comemorado e marcado através dos anos e edificado em monumentos. A outra é justamente aquela ligada à história e ao documento escrito. O autor explica que os reis, ao ordenar que seus feitos fossem gravados nos livros, acabam por nos levar a uma fronteira onde a memória passa a ser a história. Foi com os gregos que, na opinião de Le Goff, que se viu a evolução para uma história da memória coletiva.

Mas entre os Gregos, da mesma forma que a memória escrita se vem acrescentar à memória oral, transformando-a, a história vem substituir a memória colectiva, transformando-a, mas sem a destruir, a memória colectiva (LE GOFF: 1982b, p. 21).

Também Le Goff problematiza sobre as dificuldades de se entender que exista uma memória escrita que se relaciona com a história. Ele destaca que filósofos como Platão e Aristóteles não trabalharam no sentido de reconciliar a memória com a história. Pelo contrário, trataram a memória como um componente da alma e, assim, composta de uma parte sensível que não chega ao nível intelectual. Na Idade Média, se alterou aquilo que era entendido como memória coletiva, muito por conta daquilo que o autor chamou de “cristianização da memória” (1982b, p. 27). Ou seja, se estudava os acontecimentos através da memória dos santos, já mortos, mas que deixaram suas recordações escritas: “o escrito desenvolve-se a par do oral e, pelo menos no grupo dos clérigos e *literatos*, há um equilíbrio entre memória oral e memória escrita, intensificando-se o recurso ao escrito como suporte da memória” (LE GOFF, 1982b, p. 33, grifo do autor). O século XX e, em especial as décadas posteriores a 1950, representaram um grande avanço, em especial com o surgimento memória eletrônica, ligada à tecnologia. A facilidade em se armazenar dados, que se intensifica a cada ano com o desenvolvimento da internet, os espaços em nuvem, entre outras coisas, faz com que cada um possa se transformar em uma espécie de historiador, escrevendo aquilo que presenciou e eternizando suas memórias.

É então que verifica-se o que Le Goff (1982b, p. 54) chamou de um “convergir da atenção histórica”, quando a memória desempenhou um papel um pouco diferente.

Essa foi a altura em que se intensificou um medo de uma amnésia coletiva, que culminou no advento da moda retrô: “uma busca desta memória, não tanto nos textos, mas sobretudo nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos rituais e nas festas”. O autor ressalta que, diferente da memória humana, que é instável e, por muitas vezes, maleável, a eletrônica se apresenta de uma maneira mais duradoura e estável. Assim como o que aconteceu quando as lembranças orais passaram a ser escritas em livros, o surgimento das novas tecnologias revolucionou o armazenamento de dados ao passo que imortalizou diversos acontecimentos e os transformou em uma história parecida com a tradicional. No entanto, aqui cabe ressaltar que com o advento da internet, a participação de mais pessoas na descrição de um acontecimento se tornou maior. Isso porque, com os blogues e, mais tarde, as redes sociais, cada internauta se transformou em um historiador dos fatos cotidianos dos quais se mostra participante. Nas palavras de Le Goff (1982b, p. 51), “a memória arquivista foi revolucionada pelo aparecimento de um novo tipo de memória: o ‘banco de dados’”. Na Augusta, essa moda retrô está em cada esquina, em cada casarão do século XIX que foi preservado, em cada estabelecimento que apela para fases anteriores da via (como o já mencionado Retrô Hair), em cada frequentador que tem um história diferente para contar. Le Goff (1982b, p. 54) resume que

Os historiadores davam a fórmula das ‘grandes mitologias colectivas’, ia-se da história à memória colectiva. Mas toda a evolução do mundo contemporâneo, sob a pressão da história imediata em grande parte fabricada ao acaso pelos meios de comunicação de massa, caminha para a fabricação de um número cada vez maior de memórias colectivas e a história escreve-se, muito mais do que antes, sob a pressão dessas memórias colectivas.

Le Goff fala da procura pelo que chama de “verdadeiros lugares da história” (1982b, p. 55): onde se encontram os criadores e os dominadores desta memória coletiva. No caso da Augusta, os meios de comunicação de massa tiveram grande influência em recuperar esses lugares e reconstruir o passado, sendo parte ativa na escrita da história da rua. Desde que começou o processo de abertura da via, ela esteve impressa nas páginas dos jornais. A Augusta, inclusive, possuía jornais próprios, como o Rua Augusta Chic, Rua Augusta, Rua Augusta Esportes e Sociedade, Augusta Weekend e outros. Porém, os acontecimentos que nela se passavam estavam constantemente sendo noticiados em grandes veículos, como os jornais O Estado de S. Paulo e Folha

de S. Paulo. É através dessas reportagens que a história da rua pode ser hoje remontada – e esses artigos eram baseados em entrevistas e relatos feitos pelas pessoas que viviam esses acontecimentos. Além dos jornalistas, escritores como Ragazzo foram em busca de quem viveu as transformações da via para escrever sobre elas, se apoiando não apenas nas entrevistas como também em fotos e vídeos.

Voltando ao paralelo memória x história, ainda que se aceite a história como algo mais fiel do que a memória, ela também contém suas incorreções e subjeções. Afinal, “o dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo” (NORA, 1993, p. 17). Assim, é factível afirmar que a memória pode ser uma base para a construção de um passado credível, de uma certa forma tanto quanto aquele relatado pelos historiadores. Resgatar o passado através da memória possibilita que se tenha uma visão mais abrangente e multifacetada dos acontecimentos. Le Goff (1982a, p. 50) lembra que

Tal como as relações entre memória e história, também as relações entre passado e presente não devem levar à confusão e ao cepticismo. Sabemos que o passado depende parcialmente do presente. Toda história é contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses; isso não só é inevitável mas também legítimo.

Contudo, nunca se deve esquecer da imprecisão de uma narrativa oral, baseada nas recordações – e, aqui, se pode tomar como exemplo a linha tênue entre o jornalismo e a literatura que enfrenta quem se aventura pelo *new journalism*. É preciso interpretar as lembranças, mas sem deixar de lado os esquecimentos, como explica Bosi (2003, p. 18): “esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no quotidiano das pessoas”. É através desses relatos, da interpretação tanto das lembranças quanto dos esquecimentos que podemos dizer que nasceu uma “história das representações” (LE GOFF, 1982a, p. 12, grifos do autor). Essa é uma vertente que

assumiu formas diversas: história das concepções globais da sociedade, ou história das *ideologias*; história das estruturas mentais comuns a uma categoria social, a uma sociedade, a uma época, ou história das *mentalidades*: história das produções do espírito ligadas não ao texto, à palavra, ao gesto, mas à imagem, ou história do *imaginário*, que permite tratar os documentos literários e os artísticos como documentos históricos de pleno direito, na condição

de ser respeitada a sua especificidade; história dos comportamentos, das práticas, dos rituais, que remete para uma realidade escondida, subjacente, ou história do simbólico que levará talvez, um dia, a uma história *psicanalítica*, cujas provas de *status* científico não parecem, por enquanto, reunidas.

O autor (1982b, p. 23-24) também ressalta que “a memória pode conduzir à história ou distanciar-se dela”. Antes de seguir adiante na análise aqui proposta, é interessante observar que, na base do pensamento de Halbwachs está o fato de que, ao contrário do que se possa pensar, a memória individual existe a partir da coletiva. Ou seja, a memória é inicialmente criada no meio de um grupo e as lembranças, reflexões e sentimentos que surgem dentro de cada membro aparecem por conta desse coletivo de pessoas. Assim, para o autor, a memória individual seria como que um ponto de vista dentro da coletiva. Halbwachs também se atenta para a relação entre a memória e a história. Essa “memória histórica” (1990, p. 84) seria uma sucessão de fatos marcantes para um país – algo como uma síntese de acontecimentos.

O que justifica aos olhos do historiador estas pesquisas de detalhe, é que o detalhe somado ao detalhe resultará num conjunto, esse conjunto se somará a outros conjuntos, e que no quadro total que resultará de todas essas sucessivas somas, nada está subordinado a nada, qualquer fato é tão interessante quanto o outro, e merece ser enfatizado e transcrito na mesma medida (HALBWACHS, 1990, p. 84).

Dessa maneira, seguindo o raciocínio do autor, esse gênero de apreciação não seria um resultado individual de algum grupo ou indivíduo, mas, sim, uma soma. Nora, por sua vez, observa que a memória já se integrou de tal maneira que se tornou objeto da história, fazendo com que seja difícil estabelecer reais e significativas diferenças entre uma memória coletiva e uma histórica. O autor vai além e argumenta que, ainda que se discorra muito sobre o tema, tudo aquilo de que se considera como sendo uma memória real é, na verdade, história – levando a criação daquilo que o Nora (1993, p. 13) chamou de “lugares de memória”:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.

Em resumo, Halbwachs considerou que a memória ia, aos poucos, sendo incorporada a história, conforme os grupos que viveram determinado momento iam

deixando de existir. Já para Nora, a memória deixou de existir enquanto uma categoria na medida em que se integrou ao discurso histórico, pois “é a memória que dita e a história que escreve” (NORA, 1993, p. 14). Bosi (2003, p. 16) tem uma opinião semelhante a de Halbwachs, de que a “memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto. A história se liga apenas às continuidades temporais, às evoluções e às relações entre as coisas”. A autora se debruça mais sobre as tradições e características de uma memória oral, passada através das gerações. Ela explica que a lembrança é constituída de narrativas que são capazes de demonstrar a complexidade dos acontecimentos, como se fosse uma ligação ou articulação entre a história e o cotidiano. Abreu (1998, p. 84) destaca a maneira como a memória é viva e mutável: “A memória compartilhada, por definição, ultrapassa sempre os limites do presente, mas não consegue mergulhar infinitamente no passado”.

Ao se falar da Augusta, é justamente nessa subjetividade e na ligação entre história e cotidiano que reside o apelo de se usar a memória, individual e coletiva, para remontar seus anos de vida. A história da via foi tão marcada pelos acontecimentos vividos pelos seus agentes transformadores que se ater apenas em um relato feito pela história tradicional seria perder uma parte importante e vital. A memória se torna um elemento essencial na formação da identidade de um lugar. Abreu (1998, p. 83) ressalta que, tanto quando a coletiva, a memória individual tem uma importante função para a construção desta identidade, uma vez que “A partir dela, ou de seus registros, pode-se enveredar pelas lembranças das pessoas e atingir momentos urbanos que já passaram e formas espaciais que já desapareceram”. A tradição da oralidade como maneira de resgatar o passado é algo que se tornou forte no Brasil ao longo dos anos, ainda mais ao se considerar que por muitos anos o país valorizava apenas o novo e queria evoluir para o futuro ao invés de valorizar o passado. Foi essa maneira de pensar que fez com que seja raro uma “história oficial” da Augusta – bem como de diversos outros locais brasileiros.

As memórias coletivas se eternizam muito mais em registros, em documentos, do que em formas materiais inscritas na paisagem. São esses documentos que, ao transformar a memória coletiva em memória histórica, preservam as memórias da cidade. São eles também que permitem que possamos contextualizar os testemunhos do passado que restaram na paisagem (ABREU, 1998, p. 85).

O autor estudou como é possível se construir a história das cidades. Para ele, é necessário que se vá além das formas materiais, buscando aquilo que não deixou marcas visíveis, algo que está presente na lembrança. Ele questiona se seria impossível recuperar a memória de uma determinada cidade. A resposta, para Abreu (1998, p. 86-87) é, ao mesmo tempo, sim e não. Ao se pensar em uma totalidade de memórias coletivas, o trabalho não poderá ser realizado. Entretanto, ainda é possível recuperar um número significativo delas, resultando em uma construção de uma história. O autor (1998, p. 87) destaca a importância de se realizar essa recuperação, algo que é capaz de “resgatar muito do passado, eternizar o presente, e garantir às gerações futuras um lastro de memória importante para a sua identidade”.

Como foi estabelecido, é preciso haver uma mescla entre os depoimentos e os chamados eventos históricos. Voltando ao caso específico da rua, se percebe que muito do que é relatado tem uma explicação pelo contexto vivido por São Paulo, pelo Brasil e pelo mundo – como a abundância de imigrantes que passaram a viver na cidade na primeira metade do século XX por conta das duas Guerras Mundiais ou o abandono da via nos anos da ditadura militar brasileira, que acarretou na fase que aqui chamamos de degradação. A Augusta é um bom exemplo de como memória e história se influenciam e andam juntas. As diversas reportagens escritas sobre a rua têm por base elementos do jornalismo literário – ainda que não na dimensão feita por Hersey ou Capote. Por diversas vezes, elas buscam as falas das personagens, as reconstruções de cenas e a descrição de hábitos dos entrevistados. No entanto, sempre se preocupando em relacionar com fatos, para deixar o texto jornalístico o mais completo possível. Sobre essa relação, Bosi (2003, p. 49) concluiu que

Depoimentos colhidos, por mais ricos que sejam, não podem tomar o lugar de uma teoria totalizante que elucide estruturas e transformações econômicas, ou que expliquem um processo social uma revolução política. Muito mais que qualquer outra fonte, o depoimento oral ou escrito necessita esforço de sistematização e claras coordenadas interpretativas.

Ou seja, em ordem de conseguir um relato o mais próximo da verdade quanto seja possível, o pesquisador precisa estar em contato com o contexto histórico no qual seu depoente viveu. Assim, é capaz de cruzar as referências com as lembranças. Abreu (1998, p. 87) compartilha da mesma opinião, pois, para ele “é incontestável que a

história detém inúmeras vantagens sobre a memória, e que deve ser a partir dela, história, que devemos penetrar no difícil campo da memória das cidades, da identidade de um lugar”. É nessa associação da memória com a história que reside a diferença entre uma memória urbana e a coletiva, na visão do autor. Isso porque a memória urbana tem a ver com o modo de vida dentro da cidade, sem que esteja relacionado com um local específico. Em contrapartida, a memória da cidade faz uma relação obrigatória das lembranças com uma base material de um local determinado. Por essa razão que, ao se abandonar por completo a história, se recupera o urbano, mas não a cidade em todos os seus componentes.

Em seu livro, *Ragazzo* busca essa simbiose entre memória e história. Ele se baseia muito nos relatos de quem passou a juventude na Augusta, nos anos 50, 60 e 70. No entanto, ao escrever, ele não deixa de lado os aspectos da história tradicional. O que *Ragazzo* tenta criar é uma memória urbana da Augusta. Castello (2000, p. 06) lembra que essa memória, a do contexto urbano, existe na medida em que as cidades evoluem e, ao fazerem isso, acabam por acumular fatos e o que chamou de “componentes espaciais”, que, por sua vez, criam uma convergência de significados. Ele analisa que é através da percepção de cada um que a memória é capaz de consagrar os elementos antigos e novos e, ainda, gerar outros que não existiam anteriormente. Dessa forma, resgatar a memória desses grupos é também trazer de volta a memória da cidade e, no caso específico dessa dissertação, de uma rua. Na visão de Castello, os locais centrais de cidades, em especial as metropolitanas, acumulam um grande volume de fatos que marcam a memória e

Há neles uma riqueza concentrada de referências culturais que expressam, de maneira muitas vezes bastante clara, os componentes que conformam a memória da cidade, do seu passado e também de seu presente (CASTELLO, 2000, p. 05).

Essa memória urbana é criada na medida em que as pessoas passam a usar o espaço da cidade e, assim, atribuir a ele um significado. Em alguns casos, como recorda Castello (2005, p. 07), essa atribuição simbólica é tão forte que faz com que cada um dos frequentadores sejam “contenedores” e (quem sabe) até emissores de significados da vida naquela cidade, naquele contexto”. O autor salienta que não são todos os espaços urbanos que se mostram capazes de gerar esses significados e, assim,

serem responsáveis pela criação de uma memória específica. São as pessoas que acabam por determinar quais os pontos de uma cidade que merecem esse destaque e, assim, criam memórias de cada um deles. O tempo gasto em determinado local, bem como o uso que se dá para esse espaço é o que, na visão do autor, determina que ele passe a ter um sentido que vai além do uso urbano. A Augusta é um bom exemplo de como uma área passa a ter um valor atribuído pelos moradores da cidade. Ao ser elevada ao *status* de museu da São Paulo da metade do século XX, como a casa das prostitutas dos anos 80 e 90, como o símbolo do movimento *underground* dos anos 2000 e, também, como a casa de uma juventude que quer se distanciar do que é considerado como tradicional, a via começou a agregar valores que se misturaram com a vida e a história desses frequentadores. Assim, é possível afirmar que a história da Augusta está intrinsecamente ligada a de seus agentes transformadores.

Abreu (1998, p. 79) fala sobre as “instituições de memória”, que, em sua visão, são locais nos quais o passado se encontra preservado e materializado na paisagem. É a vivência compartilhada desses locais que faz com que seja criada uma memória também partilhada, coletiva, formada “pela aderência do grupo do qual faz parte àquele mesmo espaço: um espaço que se habitou, um espaço em que se trabalhou, um espaço em que se viveu” (ABREU, 1998, p. 84). Contudo, o autor (1998, p. 86) sublinha que, para a base de análise que se propõe, não são apenas ou principalmente os habitantes que se deve ter em conta ao falar do surgimento de uma memória da cidade. O que cria uma “memória grupal ou social” de um lugar são as relações sociais que essa população criou. É por essa razão que a memória coletiva contém a vivência urbana desse grupo. Abreu reitera que, dentro do tempo de vida de um município, várias memórias coletivas são concebidas, “mas que têm como ponto comum a aderência à essa mesma cidade” (1998, p. 86).

A medida que esses agentes transformadores criam memórias de determinado lugar, também vão criando a sua história e a guardando nas recordações. Portanto, voltando a reflexão feita anteriormente, ao se resgatar essas lembranças é possível também escrever a história desses locais. Le Goff (1982b, p. 57) explica que “a memória colectiva não é apenas uma conquista: é também um instrumento e um objectivo de poder”. É através dessas lembranças que se constrói e se dá vida a um

local, que se escreve uma história repleta de cenas, diálogos e detalhes que vão além de meras datas e acontecimentos. Finalizando o seu pensamento, Le Goff (1982b, p. 59) diz que

A memória, à qual a história chega, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado apenas para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória colectiva sirva para libertar e não para escravizar os homens.

O que se pode concluir desta reflexão de Le Goff é que o pesquisador ou historiador deve se resignar com o fato de que o relato final será sempre subjetivo e estará sujeito as imperfeições da memória. No entanto, isso não significa que ele seja válido e verdadeiro, uma vez que o uso da memória pode fazer com que esse relato se aproxime ainda mais da realidade do que aconteceria se não a usasse. Resgatar o passado através do uso da memória é uma maneira de manter vivo aquilo que pode ter uma grande influência em eventos do presente e do futuro e ser usado, inclusive, para modificar comportamentos e acontecimentos.

4. O JORNALISMO E O RESGATE DO PASSADO DA AUGUSTA

Na história da rua Augusta, como já foi dito ao longo desta dissertação, é grande a importância do uso da memória para se resgatar seu passado. Para que esses acontecimentos sejam contados em toda a sua complexidade e abundância de detalhes, é preciso que haja uma

Pesquisa, salvamento, exaltação da memória colectiva, não mais nos acontecimentos mas no tempo longínquo; busca desta memória, não tanto nos textos, mas sobretudo nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos rituais e nas festas: é um convergir da atenção histórica (LE GOFF, 1982b, p. 54).

Essas palavras de Le Goff eram verdadeiras mesmo antes do surgimento e posterior popularização da internet e das redes sociais. As palavras, imagens, gestos, rituais e festas sempre foram o que trouxeram vitalidade à rua. Até aqui, estabeleceu-se que a memória coletiva e a história possuem uma relação íntima e que, desde muito tempo, uma interfere de forma significativa na outra. Depois de verificar os pormenores de uma dita imparcialidade e verdade do documento produzido pelos historiadores, determinou-se que a memória coletiva serve como uma forma importante de se complementar essa história, deixando-a mais viva, com o acréscimo de relatos, imagens, histórias e lembranças.

É assim que a Augusta sempre se mostrou: viva e repleta de agentes transformadores que fizeram sua história e sua história. A rua paulistana, desde o princípio, se caracterizou pela diversidade de público, pelas cores, barulhos e interações que se estendiam pela sua dimensão. Sem a presença das pessoas, a Augusta não seria, em nenhuma de suas fases, aquilo que é e foi. Foram os indivíduos, os agentes transformadores, que possibilitaram que a Augusta virasse um símbolo de São Paulo, um patrimônio turístico, a musa de diversas gerações, o palco de manifestações e fenômenos que marcaram todas as gerações. Por isso, desconsiderar as lembranças desses agentes seria como deixar de lado uma parte essencial para o entendimento, construção e resgate da história da Augusta. No entanto, não se pode deixar ignorar a própria rua – pois, do contrário, qualquer via da cidade poderia ter assumido esse

protagonismo urbano em São Paulo. Seja pela localização, que fez com que muitos se mudassem para lá ou que tivessem que atravessá-la frequentemente, ou fascínio que despertou depois de ser considerada a rua mais glamourosa de São Paulo, o fato é que desde o princípio a Augusta apresentou uma atmosfera diferente, com uma capacidade única de unir em um mesmo espaço rebeldes e garotas de boa família, prostitutas e jovens em busca de um lugar para escutar música, casas de massagem, discotecas para a elite e botecos. Outros pontos da cidade se dedicaram a essa mistura de tribos urbanas, mas só a Augusta conseguiu ter tanto sucesso e por tanto tempo.

Por esse motivo, não faz sentido dizer que apenas a história tradicional seria capaz de explicar todas as mudanças pelas quais ela passou ou fazer com que as novas gerações compreendam essas transformações. Escrever que, no período das Grandes Guerras, São Paulo se tornou o destino de muitos europeus é insuficiente para que os mais jovens entendam a grandeza da via nas décadas de 50, 60 e 70, ou como se chegou a esse ponto. É preciso contar a saga da família de Klara (ou de outras famílias de imigrantes como a dela). Contar que ela brigava com o pai para poder passar os sábados na Augusta e ficar até mais tarde do que ele considerava aceitável, até aquilo que classificou como a hora da paquera; saber os detalhes do vestido que ela usou no dia em que venceu o concurso Miss Augusta, uma vez que ele é capaz de demonstrar o glamour que imperava na época; saber, através das palavras de Klara, o que significava ser eleita a rainha da rua. Todos esses fatos, combinados com a história da imigração europeia para o Brasil, conseguem dar uma dimensão do que se viveu neste período. Portanto, é a mistura entre a história e a estória que será capaz de resgatar a rua Augusta através do tempo. É preciso mesclar os dados sobre o aumento da prostituição em São Paulo nas décadas de 80 e 90 com os relatos pessoais de quem trabalhou na área em uma das saunas e inferninhos da Augusta; contar um pouco da vida de quem morou ali com quem na rua passou noites e mais noites em busca de diversão; mostrar a luta dos homossexuais pela igualdade de direitos com o relato de que na Augusta eles encontraram um local onde podem ser aquilo que são, sem discriminação e preconceito.

No Brasil, a valorização do passado é algo que demorou para acontecer. Seja na arquitetura ou no que era relevante dentro da cultura das cidades brasileiras, sempre

se quis olhar para o futuro, sem que, para isso, fosse usado o passado como base. Desde que o país deixou de ser uma colônia de Portugal, a ideia geral sempre foi criar um Brasil independente, moderno e que pensa no futuro. Por isso, com algumas exceções como as cidades históricas de Minas Gerais, revitalizar alguma área significava destruir o que ali se encontrava e construir no lugar prédios altos, espelhados e com o que de mais moderno existisse na altura. Isso fez com que existissem poucos vestígios materiais que pudessem dar suporte à memória, seja a coletiva ou a individual. As construções não somente remontam ao período em que foram feitas como são capazes de evocar sentimentos e lembranças de uma determinada situação, sendo, desta forma, algo que tem a capacidade de auxiliar a memória e corroborar com as lembranças. Essa tendência de apenas se enaltecer o novo foi aos poucos sendo substituída por uma valorização do passado, do surgimento de uma necessidade de se preservar a memória urbana – algo que hoje é considerado ainda importante. O Brasil entrou em uma fase na qual se olhar para o passado é ter a prova do caminho percorrido, com seus erros e acertos.

Fundada em 1554 por jesuítas, São Paulo é exemplo de como o passado foi praticamente apagado das cidades. Abreu (1998, p. 04) recorda que “da paulicéia³⁴ colonial e imperial, quase mais nada existe”, completando que são através de poucas e preciosas fotos e algumas construções localizadas na área central, a mais antiga, que se pode ter alguma noção de como era a cidade neste período. Por ser um dos municípios mais antigos do país, a sua história se confunde com a do Brasil. Quando ainda era colônia de Portugal, muitas das características do país colonizador foram transferidas para as construções paulistanas. Enquanto o Brasil era uma colônia lusitana e, posteriormente, império (período de 1500 a 1822), foram os traços da arquitetura europeia que dominavam. Ela se caracteriza pela comum ausência de passeios públicos, o requinte nos edifícios (que eram baixos, em sua maioria) e, no século XVIII, o estilo neoclássico dominou as construções. Nos anos 2000, a cidade passou por um processo de restauração de prédios antigos e a conservação do patrimônio histórico, entrando, assim, no estágio onde se admite o valor do passado e sua importância para a cidade. Dentro desta realidade, pode-se afirmar que a Augusta

³⁴ Paulicéia é uma das maneiras usadas para se referir a cidade de São Paulo, assim como selva de pedra ou terra da garoa.

conseguiu sobreviver a margem desta predisposição de se esquecer aquilo que já passou. Tudo por conta de sua fase de degradação, abandono e esquecimento, que, ao se pensar nesta preservação do passado, acabou por atuar em favor da rua ao invés de contra ela – uma vez que não havia interesse imobiliário e os construtores dos novos e modernos prédios não queriam investir na região.

No primeiro período da história da via que foi explicado nesta dissertação, a rua possuía uma grande importância dentro do contexto urbano de São Paulo e, por essa razão, suas casas e estabelecimentos comerciais eram constantemente renovados e havia uma grande preocupação de que eles fossem preservados. A Augusta se manteve uma rua com construções bem conservadas até experimentar o declínio que se registrou a partir da década de 70. Foi neste período que muitas das construções ficaram abandonadas e, mesmo as que ainda eram habitadas, deixaram de receber uma manutenção constante. Como essa não era mais uma área prestigiada da cidade, ela não obteve atenção nem por parte da prefeitura nem dos grandes nomes e empresas que, com seus grandes e modernos prédios, marcaram a arquitetura paulistana. Em muitos aspectos, era como se a rua tivesse parado no tempo. Aqueles cortiços, casarões e palacetes permaneceram ali, esquecidos pela população, da mesma maneira que a via. É desta forma que a Augusta chega aos anos 2000, com uma estrutura arquitetônica semelhante aquela que apresentava em seus anos de glória – ainda que com o já mencionado ar de degradação por conta da ausência de restaurações e manutenções.

Quando a rua começou a ser mais uma vez valorizada, nos anos 2000, a tendência “preservação do que sobrou de seu passado” (ABREU, 1998, p. 80) já havia se instaurado no Brasil. Nesta década, a moda era se voltar ao passado e até algumas novas construções usavam elementos da arquitetura do fim do século XIX e começo do XX. A Augusta, que era mais uma vez relevante dentro do cenário urbano de São Paulo, foi sendo, aos poucos, restaurada, tomando-se o cuidado para preservar as estruturas já existentes ao mesmo tempo em que se acrescentam elementos urbanos, como as fachadas grafitadas. Ao se caminhar pela Augusta, vê-se a presença de prédios mais baixos, com uma arquitetura típica do começo do século XX. Mas, são botecos, lojas e outros estabelecimentos comerciais que ocupam majoritariamente seus espaços.

Não se pode, no entanto, generalizar ao dizer que tudo na rua foi preservado. Afinal, muitas das construções que datam da fase de maior prestígio da rua ou de seus anos sucessores foram destruídas ou descaracterizadas. A recente especulação imobiliária também colaborou para que diversas casas e prédios fossem destruídos para dar lugar a grandes edifícios ou até condomínios, o que, como já foi referido, tem sido o alvo de manifestações por parte dos frequentadores da Augusta, que querem que ela continue com suas características,



Figura 19 - Edifício que manteve suas características originais, no cruzamento entre as ruas Augusta e Paranaguá.

Levando-se em conta essa reflexão, tem-se a memória urbana como a uma das ferramentas de resgate do passado da Augusta. Cada uma das casas ou edifícios da rua contam uma história e remontam a uma época já passada. Pissardo (2003) usou a arquitetura da via com um elemento para reconstruir em seu texto elementos da trajetória da Augusta – ele usa a ocupação urbana da rua como uma maneira de definir como foram seus anos de vida. O autor relembra os casarões estilo colonial/imperial, os cortiços e os novos prédios que fazem uso de elementos como o referido grafite para darem uma nova cara ao espaço, usando assim, a memória urbana explicada por

Castello (2000) como seu fio condutor. Com os novos investimentos feitos na rua, construções antigas foram restauradas e, agora, o novo e o antigo andam lado a lado.

O documentário “Arquiteturas: Rua Augusta” também se faz valer dos vestígios do passado que se encontram nas construções como maneira de recontar a história da via. O vídeo foi feito dentro do projeto “Arquiteturas”, da Sesc TV – um canal de televisão ligado ao Serviço Social do Comércio, popularmente conhecido como Sesc³⁵. O objetivo da série televisiva é mostrar a arquitetura como uma forma de explicar o homem, o ambiente que o rodeia, assim como a arte, a cultura e a história. Além da Augusta, o projeto falou também do Instituto Inhotim, em Minas Gerais, da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, e do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Na edição dedicada a Augusta, foram abordados elementos do passado que fizeram com que ela se transformasse na rua de hoje, sempre se fazendo valer das lembranças dos entrevistados para reconstruir essa trajetória – revelando, mais uma vez, que não se pode falar de Augusta sem combinar a memória com a história. Por ter sido feito entre 2015 e 2016, é um dos retratos mais atuais da via. Um dos entrevistados é o francês Maurice Jean Baptiste Plas, que possui uma loja de chapéus, a Plas, aberta nos anos 50 e ativa até hoje. Ele ressalta que os novos prédios, frutos dessa tentativa de uma nova ocupação através de condomínios, tiraram o charme da rua, pois estão destruindo as casas em estilo colonial que existiam ali. Mais adiante, o jornalista Ignácio de Loyola Brandão comenta sobre três cinemas que existiam: Cine Marajá, Cine Regência e Picolino, que marcavam a estrutura arquitetônica da rua e, mais do que isso, foram parte ativa dos anos de glória da Augusta e podem ser usados para mostrar a vida da rua.

Todavia, a arquitetura sozinha não se mostra eficaz para a reconstrução do passado. É preciso que ela esteja alinhada com as lembranças de quem viveu naquelas construções. Como disse Abreu (1998), a memória urbana retrata o modo de vida de

³⁵ O Sesc é uma entidade privada mantida por empresários dos setores do comércio de bens, turismo e serviços. O objetivo é levar qualidade de vida, lazer e cultura aos brasileiros. Presente em todos os estados do Brasil, o Sesc promove oficinas, cursos e aulas. Além disso, suas unidades são dotadas de bibliotecas, ginásios, espaço para exposições e eventos culturais, como peças de teatro ou concertos. O Sesc ainda possui projetos voltados para a saúde dos idosos, melhoria na alimentação e qualidade de vida da população e educação. Alguns dos eventos possuem uma pequena taxa de inscrição, mas uma parte deles é de graça, por conta de apoios e parcerias.

um grupo dentro de uma cidade, mas não se mostra completamente eficaz na hora de simbolizar um local específico. Ao se ver um casarão da década de 50, uma pessoa pode apenas determinar as características da arquitetura que remontam ao período em que foi construído. Mas, ao unir esses traços com as lembranças de alguém que frequentou aquele lugar, a história deste espaço urbano começa a ser moldada em uma dimensão mais completa.

É claro que isto vai implicar em reconhecer que existe uma qualificação, uma atribuição de significado a certos espaços urbanos, e que este significado os distingue, os qualifica, permite valorá-los. Implicará, igualmente, em reconhecer a presença de uma dinâmica nesse constante estabelecer de significados: a ocorrência de um processo dinâmico dentro do qual certos espaços passam a tornar-se mais capazes do que outros para acolher, guardar, acumular qualificações, advindo daí sua transformação, sua metamorfose, de mera massa construída a símbolo coletivizado (CASTELLO, 2000, p. 07).

Com essa propensão de voltar ao passado para se construir o futuro, a Augusta se mostra atualmente como um local inundado de significados. O próprio documentário “Arquiteturas: Rua Augusta” retrata essa realidade. No primeiro minuto, o empresário José Tibiriça, fundador do Vegas, e o músico Edgard Scandurra falam de suas memórias ao andar pela Augusta quando eram crianças e citam lugares que marcaram as suas lembranças. Ao dizer que se sentia o rei do mundo quando caminhava pela rua, Scandurra não acrescenta nenhum dado novo para a construção da história, mas consegue fazer com que se entenda a grandeza que a via representava para a cidade. Um pouco mais adiante, o músico conta que, mesmo que seja parte do imaginário, tem vivo na memória a imagem de Jô Soares, apresentador, e Roberto Carlos, cantor, andando em moto e carro pela Augusta. Não se pode afirmar que isso seja completamente verdade, uma vez que esses fatos advêm exclusivamente da memória do entrevistado. Todavia, é possível se entender melhor a atmosfera da Augusta desses anos, quem a frequentava e como era a vida naquele período. Esse é outro pedaço de informação vital na construção da importância da rua para o cenário social da época e, também, de sua relevância para movimentos como o da Jovem Guarda, da qual Roberto Carlos era uma das figuras principais.

Loyola Brandão (ARQUITETURAS..., 2015: 5') diz que a Augusta “se sustenta há 50 anos. Primeiro como uma rua granfina³⁶ e segundo pela famosa ocupação dos playboys nos sábados e domingos, que segurava aquela rua inteira”. Ele descreve um costume que ficou conhecido como roleta russa: os jovens colocavam grandes pedras de gelo no trilho do bonde e desciam a rua, ganhando velocidade. Se um carro passasse nesta hora, não haveria como parar. Essa é uma prática que, sem as memórias do escritor, não seria conhecido e, no entanto, é relevante para entender a vida dos adolescentes que a frequentavam. O mesmo acontece quando Ragazzo (2005) une fotos e aos depoimentos recolhidos para reviver a época de glória da Augusta. Como quando, em uma das páginas do livro de Ragazzo (2005, p. 13), lemos o que se lembra um dos entrevistados do autor, Yves Dumont:

Buscávamos aquele palco para incorporar papéis de moços bem-sucedidos, de futuro promissor e de sucesso garantido. E fazíamos da Augusta, então, o passaporte para essa ousada viagem que, de fato, não tínhamos condições de pretender.

Essa fala revela uma nova informação, que em muitos dos textos ou vídeos sobre a Augusta não se mostra: na fase da glória, não eram apenas os ricos que a frequentavam. Costuma-se afirmar que o comércio de elite e a cena cultural existente na região atraíam apenas aqueles que tinham dinheiro para consumi-los. No entanto, como foi dito anteriormente, aqueles de classes sociais mais baixas também, já nesta época, viam na Augusta um local para que pudessem viver em uma nova realidade, um local que fornecesse condições de, como diz o dito popular brasileiro, subir na vida. Essa é uma ideia reforçada por uma frase de Juca Chaves, músico, humorista e um dos realizadores da revista “Rua Augusta Chic”, lembrada por Loyola Brandão em um artigo para o jornal O Estado de S. Paulo³⁷: a rua era o local onde iam boas moças das más famílias, para conhecer os maus moços das boas famílias. Mais um comportamento habitual da época – e que faz parte da história da rua – que é resgatado graças à memória. Também sem as lembranças, não se saberia que as jovens

³⁶ Granfino é um termo usado popularmente para designar aquilo que era considerado de luxo. Pode estar relacionado com pessoas, locais ou objetos.

³⁷ O artigo, intitulado “O Frevo não morreu, mudou de lado”, faz referência a lanchonete Frevo, localizada na esquina entre as ruas Augusta e Oscar Freire, que foi inaugurada em 1956 e, até hoje, é famosa em São Paulo. O texto foi publicado em 16 de outubro de 2015 e está relacionado na bibliografia desta dissertação.

costumavam receber telefonemas de seus pretendentes na loja de discos Hi-Fi, já que não seria possível que os rapazes ligassem para as casas das famílias – algo que foi contado por Klara Jozsca. Todas essas realidades, esses fragmentos das recordações de um grupo que viveu em uma época fazem com que a história da Augusta seja montada, construída, resgatada.

Como já foi dito, muitos dos estabelecimentos usam seus espaços para remeter ao passado. “A partir de 2005, porém, ela vai receber uma grande atenção midiática e social em função desses estabelecimentos e das diversas territorialidades que vai concentrar” (PISSARDO, 2003, p. 145). A revalorização da Augusta e sua ocupação por novas tribos urbanas fez com que a imprensa se voltasse para ela, como é possível observar no gráfico fornecido pelo jornal O Estado de S. Paulo, um dos principais do Brasil, sobre a ocorrência do termo Rua Augusta em suas páginas ao longo dos anos.

RESULTADO DE BUSCA PARA RUA AUGUSTA (85493)

☒ Em todo o acervo ☐ Somente capa ☐ Somente material censurado

Acervo (85479)

Notícias (13)

Personalidades (1)

FILTRE POR PERÍODO

De 1875 a 2010 (85493)



De 2000 a 2009 (17868)

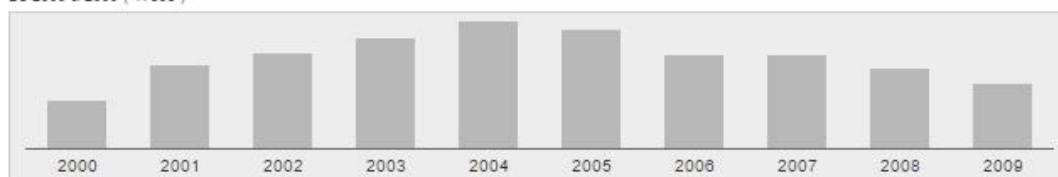


Figura 20 - Gráfico que mostra o número de artigos sobre a Augusta ao longo dos anos.

Esse significativo aumento na ocorrência de artigos relacionados com a Augusta fez com que fosse despertado um maior interesse por parte da população, que, por conta dessa curiosidade, ia até a rua para ver com os próprios olhos tudo o que

havia lido. Foi desta maneira que muitas pessoas descobriram (ou redescobriram) a via e entraram para a família Augusta. O interesse dessas pessoas não é apenas em verificar se o que foi escrito nos meios de comunicação acontece na realidade. Elas buscam também entender melhor os processos que levaram a rua a ser mais uma vez vista com bons olhos. Aí que entra a importância do papel do jornalista, que é responsável por traduzir de maneira simples toda a complexidade da história da rua. Para isso, a memória e a presença de personagens faz com que a reportagem se torne mais leve, completa e interessante para o leitor.

No entanto, não foram apenas os veículos impressos que deram um maior espaço para a Augusta ao longo das fases de degradação e, de maneira especial, da revitalização. Assim como o documentário “Arquiteturas: Rua Augusta”, referido nesta dissertação, outros usaram a rua como personagem principal para compor suas narrativas. A Augusta se torna aqui também uma protagonista. Alguns desses documentários ou programas veiculados na televisão são de vital importância para resgatar o passado da via, na medida em que vão em busca de imagens antigas que ajudam a ter uma imagem visual de como a Augusta era em seus primeiros anos. Como, por exemplo, o já citado curta-metragem de 1966, “Essa rua tão Augusta”, que mostra qual o aspecto e perfil da rua que até então era ainda a mais luxuosa de São Paulo. Além de remontar a história, ele ainda colabora na missão de compreender quem eram as pessoas que a frequentavam e a rotina que cercava a vida na rua. Justamente pelo fato de que poucas foram as tentativas de se contar a história da Augusta que esse filme se torna tão relevante. Desta época, ele é um dos poucos materiais concretos que foram feitos. Quando a rua voltou a figurar na imprensa, o vídeo se tornou uma das fontes que eram citadas nas peças jornalísticas feitas, junto com os relatos colhidos de quem viveu na época retratada.

Nas primeiras cenas do filme, vê-se que a questão da diversão e liberdade sempre esteve presente, pois na tela aparece um homem fantasiado em cima de um carro e, logo depois, um jovem dançando rock. Depois, em tom de bom humor, as imagens vão retratando os diversos aspectos que compunham a personalidade da Augusta: “esta rua tão comércio”, com suas lojas de luxo; “esta rua tão problema”, que mistura o caos de São Paulo com a tranquilidade de um passeio; “esta rua tão mulher”,

com suas garotas que desfilam para cima e para baixo; “esta rua indiferente”, que não vê problemas em um pintor de minissaia vendendo seu trabalho na calçada; “esta rua tão pequena”, que cresce para os lados e expande seus domínios; “nesta rua, a revolta do poeta”, mostrando que ali também é lugar de se discutir a política e os rumos do país; “esta rua tão noturna”, com os locais para beber e dançar. Juntas, todas essas ruas descritas formam a Augusta, com as peculiaridades que se mantiveram ao longo dos anos e podem ainda ser usadas para descrever o que é a rua do século XXI. Ainda hoje ela é a rua do comércio, do problema, da mulher, da aceitação do diferente, que se expande para abrigar todos que a frequentam, a rua onde a revolta é aceita e encorajada, a rua onde a diversão noturna é sempre garantida. Na altura do segundo minuto do curta-documentário, o narrador descreve traços que, mesmo com todas as mudanças, ainda são atuais quando se fala na Augusta: as “um local onde se mesclam tipos excêntricos, nem sempre da alta burguesia”. Esse é exatamente um dos traços da rua: a mescla entre, como diz uma expressão comum no Brasil, o luxo e o lixo. Na Augusta, todos podem se sentir parte da comunidade, independente de qual tribo urbana mais se aproxime.

Um trabalho feito em 2003, quando São Paulo comemorava seus 450 anos, se dedicou a contar a história da via. Nomeado de “Augusta a 120/h”, trecho da música de Ronnie Cord, já citada nesta dissertação, esse trabalho reúne imagens que retratam os anos de vida da rua em 15 minutos de vídeo. Esse filme foi feito como trabalho de conclusão da licenciatura em jornalismo de um grupo de estudantes da Universidade Mackenzie, em São Paulo – ou seja, a grande imprensa ainda ignorava a Augusta e não enxergava as mudanças que ali estavam acontecendo. Porém, alguns jovens já demonstravam a curiosidade pela história dessa icônica rua, o que torna esse documentário relevante para o momento em que foi realizado. O interessante deste pequeno filme é que foi feito antes que a casa noturna Vegas fosse inaugurada, em 2005. Assim, é possível analisar os momentos que antecederam o *boom* vivido pela Augusta depois da abertura da discoteca – tanto de estabelecimentos quanto de novos frequentadores e cobertura dos veículos de comunicação.

O começo se assemelha ao curta-documentário de 1968, mostrando uma vista geral da rua, com o trânsito. Mas, percebe-se o quanto tudo mudou nesses anos:

enquanto no anterior via-se um carro andando de maneira tranquila, neste tem-se a confusão do tráfego paulistano. Depois, ao contrário do exemplo aqui usado anteriormente, parte-se para as entrevistas, usando as memórias como forma de recontar a história da Augusta, assemelhando-se aos artigos feitos nos jornais, aos livros e as demais tentativas de resgatar o passado da via. A primeira pessoa a responder a pergunta “o que te lembra a rua Augusta”, uma jovem, diz de imediato: “as prostitutas e os travestis”, confirmando que a fase da degradação é aquela que de forma mais contundente permanece no imaginário popular. Apesar de ser uma resposta simples e esperada, ela demonstra que são poucos os que realmente conhecem a fase anterior à prostituição e revela que recuperar o passado é vital para conservar a narrativa da rua e entender seus processos de mudanças. Logo em seguida, aparece no vídeo uma senhora, que responde ao mesmo questionamento. Para ela, a Augusta lembra charme, elegância e beleza. Aqui está explicitado o contraste das lembranças de gerações distintas, que viveram a rua em momentos diferentes, revelando a importância de se reunir lembranças de mais de uma fonte, para que seja possível combiná-las com a história oficial em ordem de obter um retrato o mais real possível. Assim como foi feito no documentário “Arquiteturas: Rua Augusta”, o fio condutor da história é a memória dos entrevistados.

Com o Vegas, Studio SP e demais locais que já foram citados ao longo deste texto, a Augusta entrou definitivamente no holofote. Foi quando, após um período em que a mídia esqueceu da Augusta, precisamente em sua fase de declínio, ela voltou a ser personagem para os jornalistas e documentaristas. Tanto que o programa de televisão A Liga, exibido pelo canal Bandeirantes, dedicou toda uma edição para a rua. A proposta da atração, que tem um viés jornalístico, é ir de encontro à notícia. Assim, os repórteres partem, sem uma pauta fechada, para viver como as personagens da história que querem contar. O programa sobre a Augusta foi exibido em julho de 2012, quando a via já havia passado pela revitalização e algumas das casas noturnas não estavam mais em funcionamento. Com pouco mais de uma hora de duração, ele se mostra diferente dos outros dois documentários referidos aqui, na medida em que não busca o passado, mas ajuda a compreender o presente – com todas as fases se misturando e as características da Augusta sendo reinventadas. A ideia é mostrar a diversificada vida noturna. Um dos repórteres conversa com um grupo em um bar e,

depois, partem para um inferninho. Lá, uma das profissionais da casa vira a personagem principal. Enquanto isso, outra jornalista vai em busca de jovens que foram ali para se divertirem na rua, sem entrar em nenhum estabelecimento. Mais para frente, os telespectadores podem conhecer as pessoas que estão apenas de passagem e aquelas que se divertem em um dos concertos oferecidos pelas discotecas.

Ainda que sem entrar na questão do passado da rua, o programa se aproxima dos outros vídeos aqui mostrados ao iniciar com cenas do trânsito, evidenciando que essa é, independente da época, uma parte importante do perfil da via. Passeatas de apoio à mulher, viaturas de polícia e rappers no meio da rua: os minutos iniciais do programa são um resumo da Augusta de depois de 2010, um local que um dos apresentadores definiu como “onde tudo pode acontecer” e onde todos vivem “juntos e misturados”. A importância de programas desse tipo é fazer com que o grande público conheça a rua. Popular no Brasil e de alcance nacional, mais pessoas assistem ao programa do que leem jornais e revistas. Através deles, os brasileiros podem conhecer inferninhos, *drag queens*, trabalhadores e jovens que estão sempre por ali. No entanto, o programa não mostra os processos que culminaram nesse estágio em que ela se encontrava em 2012 e, de certa maneira, faz com o estereótipo de rua das putas permaneça.

O “Arquiteturas: Rua Augusta” quer suprir esse buraco deixado por reportagens como a feita pelo programa A Liga. Essa reportagem vai, 40 anos depois do curta-documentário de 1966, resgatar os momentos pelos quais a rua passou. Assistir um após o outro auxilia no processo de compreender as mudanças e particularidades dessas fases. O programa do Sesc TV se propõe a unir passado e presente e tenta, também, determinar como seria um possível futuro para a Augusta, face as especulações imobiliárias. Não foram muitos os materiais audiovisuais que se dedicaram a entender esses processos. A maioria seguiu o caminho do A Liga, mostrando a realidade do que estava acontecendo ali na atualidade. Ainda assim, essas reportagens que proliferaram depois dos anos 2000 são importantes para que a rua volte a despertar o interesse de outros públicos e de comunicadores como os que realizaram o “Arquiteturas: Rua Augusta”.

Como explicar o que a via se tornou no final dos anos 90 e começo da década de 2000 sem falar de seu passado é praticamente impossível, os textos de jornais e revistas, reportagens de televisão ou postagens da internet procuraram de alguma forma contextualizar o leitor/telespectador sobre a história da rua. Foi então que a memória se aliou ao jornalismo. No capítulo anterior, falou-se sobre o papel do jornalismo para a reconstrução do passado da Augusta. Porém, antes que se avance neste tema, é preciso explorar a relação da memória com esse gênero da comunicação e, ainda, investigar se existe alguma forma do jornalista se mostrar imparcial, assim como foi feito com o papel do historiador. Os pilares que sustentam as reportagens jornalísticas são as entrevistas combinadas com dados documentais e com o resultado de um processo de observação feito pelo jornalista. Em resumo, trata-se de misturar a história tradicional com a memória em ordem de resgatar o passado. Essa é, em teoria, a forma ideal de se produzir um texto. Só que isso, por algumas vezes, acaba por não ocorrer, uma vez que o recurso da pesquisa de dados “nem sempre será acionado, pois nem sempre há documentos a serem apurados, tempo disponível ou interesse” (MARIANO, 2015, p. 195).

A falta de dados é onde os jornalistas costumam esbarrar na busca pela história da Augusta, fazendo com que a apuração de informações através das entrevistas se torne o ponto central ao se fazer uma reportagem sobre a via. Na Augusta, o uso da memória se torna essencial não apenas para se recontar o passado, mas, também, para que ele seja capaz de representar a realidade da via. Muito por conta do abandono ou por causa da referida tendência em apenas se valorizar o novo, a história não foi registrada de maneira oficial. São poucos os livros ou estudos acadêmicos realizados acerca da Augusta. Por esse motivo, recorrer à memória é o caminho usado pelos profissionais da comunicação em ordem de reconstruir os eventos e traduzi-los para o público. Porém, o papel do jornalista, assim como do historiador, é o de interpretar – e não apenas reproduzir – o que está sendo relatado:

Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais. A fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios, obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa (BOSI, 2003, p. 20).

A memória, para se tornar coletiva, necessita que seja proveniente de um grupo que se assemelhe em aspectos relevantes – como, no caso da Augusta, um conjunto de pessoas que vivenciaram a rua em determinada fase. Mariano (2015, p.198) explica que o texto jornalístico ganha ainda mais importância na medida em que serve, seja no presente ou no futuro, de material para historiadores – estreitando ainda mais a relação entre jornalismo, passado, história e memória. É pelo fato de que são poucos os livros que se prestaram a registrar a história da Augusta que o jornalismo acabou por assumir um papel de protagonismo em resgatar, interpretar e contar esse passado. Os veículos de comunicação se mostraram, em diferentes perspectivas, presentes ao longo da história da rua e, mesmo depois que os jornais que tratavam exclusivamente da Augusta deixaram de circular, aqueles com alcance municipal ou nacional continuaram a acompanhar os acontecimentos mais importantes.

Aqui cabe mencionar que esse registro era mais relacionado ao factual, como as belezas da rua, o aumento da prostituição ou a abertura de um novo centro cultural. Ainda que esses textos sejam uma boa fonte quando se pretende montar a história da rua, eles se mostram em muitos casos ineficientes ao se tentar aprofundar na vida da Augusta por não conterem a subjetividade que foi aqui descrita como essencial para esse retrato da via. Apenas com a última fase retratada, a da revitalização, verificou-se o surgimento da necessidade de um olhar mais aguçado para o passado. As pessoas começaram a demonstrar interesse em entender o processo que fez com que a Augusta se tornasse mais uma vez relevante dentro do cenário urbano e, também, como ela se transformou nessa miscigenação de pessoas e referências. Dessa maneira, reportagens como a feita pelo programa A Liga se mostraram incompletas perante os telespectadores que buscavam compreender de maneira completa o processo vivido pela rua. Os jornalistas, para suprir essa demanda do público, precisaram ir em busca de informações. Os meios de comunicação, para preencher essa escassez de dados, se voltaram para a memória, que se tornou a principal ferramenta dos profissionais para a construção das peças jornalísticas. É preciso, entretanto, ter um cuidado ao usar a memória como fonte, pois “toda entrevista lida com a rememoração oral e a memória é sempre seletiva e imaginativa” (MARIANO, 2015, p. 193). Assim como a história,

o jornalismo, ao mesmo tempo em que promete mostrar a “verdade”, de forma objetiva, imparcial, transparente, não pode escapar da

fecundidade das fontes³⁸ que utiliza, com esquecimentos, eliminações, recriações e ressignificações (MARIANO, 2015, p. 193).

O jornalismo, de forma geral, encontrou uma maneira para chegar perto dessa imparcialidade, ainda que tendo que recorrer apenas as entrevistas em ordem de recontar um fato: a regra das três fontes, onde um profissional da comunicação precisa entrevistar um número mínimo de três pessoas sobre um mesmo acontecimento. A lógica por trás desse pensamento é que, ao não se conhecerem ou terem contato, o que tiver em comum no relato dessas três pessoas pode ser tomado como um fato verdadeiro. Mas, ao mesmo tempo, faz-se necessário reconhecer que “todo texto jornalístico é uma narrativa, e que, assim, os textos jornalísticos exercem o mesmo papel que outras formas narrativas” (MARIANO, 2015, p. 201). Em outras palavras, como no caso da história, o jornalista também está sujeito a sua parcela de subjetividade. Para Bosi (2003, p. 19), o “grande mérito dos depoimentos é a revelação do desnível assustador de experiência vivida nos seres que compartilham a mesma época”. Desta maneira, conversar com mais de uma fonte, além de servir para encontrar semelhanças nos depoimentos, pode fazer com que seja revelada mais de uma realidade. As reportagens feitas acerca da Augusta se mostram com um viés biográfico, que faz uma colcha de retalho de memórias para apresentar um quadro cuja intenção principal é montar um quadro de época e fazer com que o leitor ou espectador se sinta dentro daquele cenário. Em resumo, pode-se entender que

A tensão entre verdade e ficção, portanto, só existe enquanto o jornalista acredita que existe uma única realidade, uma única versão possível, uma única perspectiva certa e que o seu papel seria esclarecer a todos a respeito dessa perspectiva. Ou que a credibilidade do seu trabalho dependeria inteiramente de localizar e divulgar essa perspectiva, verdadeira, certa, única (MARIANO, 2015, p. 202).

Desta maneira, assim como se concluiu com o papel do historiador, o jornalista também deve aceitar que seu relato será subjetivo. Entretanto, ao combinar a memória de diversos personagens, ele terá sucesso em levar o leitor para dentro das realidades narradas, fazendo com que ele se sinta parte ativa do processo que se sucedeu e, ainda,

³⁸ No jornalismo, fonte pode significar tanto a pesquisa documental quanto a fala de entrevistados. Em alguns casos, usa-se fonte humana e fonte documental para diferenciar. No entanto, é mais comum usar apenas a palavra fonte para os dois casos.

que consiga ter uma imagem viva das cenas descritas. Uma das diferenças entre o jornalista e o historiador é que, dentro das reportagens com esse tom biográfico, a subjetividade é aceita com mais facilidade e, por isso, o profissional se permite usá-la de maneira mais livre.

Um dos componentes para se produzir um artigo jornalístico é a presença de entrevistados – seja para compor a reportagem em si, através das falas, ou para que o jornalista compreenda mais sobre o assunto que irá escrever. A entrevista aparece como uma das maneiras que os escritores usam na coleta de dados para um texto. Essas fontes são responsáveis por remontar o ambiente para que o leitor compreenda todos os detalhes que transformaram a Augusta. Assim, o jornalismo se faz responsável por unir a memória coletiva e a história na busca por um relato que se aproxime da realidade, para que os leitores consigam ter uma dimensão dos acontecimentos. Verifica-se que as reportagens que buscam retratar o passado da Augusta são escritas usando técnicas mais semelhantes ao já citado jornalismo literário do que daquelas feitas para as *hard news*³⁹. Os jornalistas se empenham em descrever o ambiente, as cenas e a atmosfera que existe ali – tudo isso através das lembranças das personagens que escolheram para ilustrar a reportagem. É neste sentido que a subjetividade é mais aceita no jornalismo do que na escrita da história. Cada lembrança faz parte da fala do entrevistado e o jornalista não precisa assumir responsabilidade por aquilo que foi dito, se afastando dessas memórias e deixando que seja a personagem a contar os fatos. Ainda que seja da alçada do jornalista selecionar, verificar e interpretar essas lembranças, elas ainda são creditadas ao entrevistado.

Esses artigos fazem com que a história da Augusta comece a ser contada e, conseqüentemente, registrada. Em boa parte desses textos, se usa a fala de personagens para a condução da linha narrativa. Pena (2007) descreveu aquilo que considera como essencial em um texto que busque se aproximar do jornalismo literário. Uma dessas particularidades é a de “potencializar os recursos do jornalismo” (PENA, 2007, p. 48). Isso significa ser capaz de proporcionar ao leitor a percepção das múltiplas realidades

³⁹ O *hard news* se refere, dentro da linguagem jornalística, a uma notícia factual e, em muitos casos, para a cobertura de algo que acabou de acontecer, como, por exemplo, o resultado de uma eleição ou a vitória de um time em um campeonato de futebol.

por meio da profundidade dos relatos. Para que isso seja possível, esse gênero rompe com duas das características básicas do jornalismo tradicional: periodicidade e atualidade. Um fato que aconteceu há dias não é mais atual e, logo, não merece ser noticiado. Da mesma forma, algo que saiu hoje no jornal deixa de ter importância em um curto prazo. Porém, as grandes reportagens feitas dentro dos moldes do jornalismo literário se dedicam a recontar fatos tanto do presente quanto do passado e descrevê-los de tal modo que sejam relevantes mesmo depois de décadas (como é o caso de *A Sangue Frio* e *Hiroshima*). Essa é uma das razões pelas quais esse gênero é um dos mais adequados para se resgatar o passado da Augusta através da memória. Uma das características responsáveis pelo sucesso do *new journalism* é a de deixar de lado as barreiras da atualidade e periodicidade, fornecendo uma ampla visão dos acontecimentos. Para que isso aconteça, “é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração” (PENA, 2007, p. 49). Outro traço desse tipo de reportagem é seu papel dentro da cidadania, ou seja, pensar em uma maneira para que este texto ou vídeo contribua para a sociedade. Em ordem de atingir esse objetivo, deve-se “ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, 2007, p. 50). Para finalizar, uma “obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial” (PENA, 2007, p. 50).

Em resumo, uma das características marcantes do jornalismo literário é levar ao leitor uma história contada através das lembranças das personagens. Ainda que não sigam todos os fundamentos dessa vertente do jornalismo, os textos escritos sobre a Augusta pendem para ela. Para desenhar a atmosfera da via através das palavras, os profissionais da comunicação vão em busca de quem entende bem do que ali se passa. Mais uma vez, o documentário “Arquitetura: Rua Augusta” surge como um relevante exemplo. É com a fala, recordações e histórias das personagens selecionadas que o espectador consegue visualizar determinados aspectos da rua: é o morador da cidade que se encontra com o vendedor de chapéus e, assim, relembra os tempos áureos da Augusta; um frequentador da via que, por se recordar de como era a Augusta, decide trazer gente jovem para lá e iniciar o processo de revitalização – relatos que são intercalados com explicações de alguém que conhece da história do Brasil e a

confrontou com a da Augusta, explicando como cada uma dessas memórias se relaciona com os acontecimentos da época.

Desta maneira, a memória se transforma no principal elemento para que esse passado consiga ser resgatado, na medida em que o texto jornalístico é capaz de “transcender o aspecto informativo e, além da preocupação com a verdade, tocar em dimensões profundas e intensamente humanas” (MARIANO, 2015, p. 202). Palacios (2010) discorre sobre um duplo lugar do jornalismo, onde, ao mesmo tempo, ele é responsável por levar aos receptores da mensagem aquilo que de atual ocorre, o factual, e, também, de encontrar um lugar para a memória dentro do registro dos acontecimentos, “para posterior apropriação e (re)construção histórica” (PALACIOS, 2010, p. 40). O autor está se referindo ao papel que o jornalismo exerce dentro da formação da história, uma vez que as páginas dos jornais são armazenadas em bibliotecas e hemerotecas - e, além disso, os grandes veículos de comunicação disponibilizam seus acervos online. Isso possibilita que os pesquisadores e historiadores possam se fazer valer dessas páginas ao se debruçarem sobre a tarefa de escrever a história. Assim, as memórias acabam por, direta ou indiretamente, ser parte desta construção.

Se poderia dizer que mesmo sem a memória seria possível contar o passado da Augusta. De uma certa forma, isso é verdade. Está registrado nos arquivos da prefeitura de São Paulo o ano em que ela foi criada, as datas em que foram feitos prolongamentos, obras, quando cada estabelecimento obteve licença para o funcionamento e quando deixaram de existir. Da mesma maneira, o departamento de trânsito tem informações de momentos em que a rua foi fechada para circulação, dos períodos de maior tráfego ou, por exemplo, quando ocorreram manifestações. A polícia pode informar a ocorrência de crimes, anos em que mais locais foram autuados por conta de prostituição, o período em que se teve mais condutores alcoolizados e assim por diante. Ao se somar esses dados com fotos e imagens existentes, um pesquisador (ou um jornalista) consegue traçar uma linha de fatos e até relacioná-los entre si para criar uma história, no sentido mais tradicional da palavra, para a Augusta. A rua é relativamente nova, com pouco mais de um século de existência, fazendo com que reunir esses documentos não seja uma tarefa tão complicada.

Porém, seria essa história capaz de contar todos os pormenores e recriar os anos em que a Augusta influenciou a população de São Paulo? Ao relembrar os anos passados na rua, Klara Jozsca consegue dar detalhes das conversas que tinha com os amigos, de como estavam vestidas as senhoras que tomavam o chá da tarde, as palavras usadas pelos rapazes ao tentar chamar a atenção de uma das jovens, os costumes das meninas de boa família (como, por exemplo, se podia tomar algum drink, mas apenas um, mais que isso já fazia com que a reputação estivesse em risco). Alguém que morou e frequentou por muitos anos na Augusta, como Maria Aparecida Hime ou Marisa Oliveira, cujos depoimentos foram recolhidos para o trabalho *As Marias da Augusta*, é capaz de fornecer detalhes preciosos para entender a rua. A família de Maria Aparecida possuía uma casa, localizada no número 838 da via, na parte central, onde moraram desde o começo do século XX. Ela nasceu em 1935 e só saiu da Augusta em 1991. Marisa conheceu a Augusta do começo dos 90, com os porões *undergrounds*, e dos anos 2000, quando passou a ser conhecida como Miss Má e atuar como DJ do Studio SP. Juntas, elas podem contar fatos que não seriam conhecidos ao se basear apenas nos documentos oficiais.

Pelos registros, pode-se descobrir quantos imigrantes italianos desembarcaram em São Paulo na década de 40. Pelas memórias de Maria Aparecida, se descobre que eles formaram comunidades na Augusta, moravam em cortiços⁴⁰, os filhos pequenos gostavam de jogar futebol (mas as crianças brasileiras não podiam se misturar, pois os imigrantes não eram pessoas de respeito). Maria Aparecida era uma criança quando tudo isso aconteceu e suas lembranças estão condicionadas à ação do tempo e do esquecimento. No entanto, ainda assim conseguem dar uma dimensão maior ao que se viveu neste período e apresentar uma nova realidade para quem tiver acesso ao que ela se recorda. Pelos documentos, é possível saber o ano de abertura de casas noturnas como o Vegas ou Studio SP, quanto elas lucravam ou como o tráfego na região aumentou ou diminuiu depois que esses estabelecimentos abriram. Pela vivência e depoimento de Marisa, compreendemos que o público de camisa xadrez de flanela e coturno que costumava frequentar os porões nos anos 90 agora prefere outros pontos

⁴⁰ Cortiço é como é chamado quando diversas famílias ocupam a mesma casa, dividindo espaços como cozinha ou instalações sanitárias. No Brasil, o tipo mais comum eram os pequenos edifícios, onde cada apartamento abrigava mais de uma família.

da cidade ou os botecos da Augusta; que quem ia para o Studio SP eram os fãs dos artistas que ali se apresentavam; que os seguranças da discoteca eram amigos das prostitutas e também tomavam conta delas; ou, também, que a atmosfera que reinava na noite da Augusta era diferente daquela de outros locais de São Paulo.

É neste sentido que a memória pode fornecer elementos fundamentais e ricos para a construção do passado da Rua Augusta, para o resgate desses anos que não haviam sido documentados. As particularidades da via fazem com, sem a memória, sua história fique deficitária e incompleta. “Incorporada no relato histórico, a memória deixa de ser memória para ser provisória verdade: *verdade histórica*, que vai durar até a próxima apropriação, até a próxima interpretação” (PALACIOS, 2010, p. 41, grifo do autor). Com as entrevistas recolhidas pelos jornalistas, com as reportagens que esses profissionais escrevem, a rua Augusta começa a ter a sua história escrita de uma forma que se mostra capaz de abranger suas particularidades, suas realidades. Palacio fala sobre uma provisória verdade porque acredita que, assim como as lembranças, a história também não é definitiva e pode ser modificada a qualquer momento.

E como a memória é, por natureza, múltipla, coletiva, plural e individualizada, tantos passados relatados haverá quantos forem os relatos registrados: convergentes, conflitantes, contraditórios, a despeito de toda e qualquer pretensão de objetivismo e imparcialidade das deontologias jornalísticas vigentes (PALACIOS, 2010, p. 41).

Ou seja, como já foi aqui estabelecido, ao se usar a memória como uma fonte jornalística, o profissional da comunicação precisa ter em mente que estará se submetendo a subjetividade inerente às recordações. Só que a memória é um importante elemento ao ser usado como um ponto de comparação (PALACIOS, 2010, p. 42) entre eventos presentes e do passado – seja esse passado recente ou longínquo. Esse ponto de comparação ao qual o autor faz referência é o que ajuda quando se fala da Augusta. Sem se contrastar a atualidade com os períodos anteriores, não se conseguirá explicar a pluralidade que faz dela uma das vias mais peculiares de São Paulo e até do Brasil. O passado da Augusta se faz presente em cada uma de suas características atuais e, desta maneira, a memória se apresenta como um elemento central nas linhas que a definem.

CONCLUSÃO

Uma cidade depende das ruas para ser viva – assim como as vias precisam de uma cidade para existir. Dentro desta lógica, rua e cidade dividem a tarefa de se adaptarem uma a outra. Se as ruas têm alma, como defendeu João do Rio (2007), então o papel que ela desempenha dentro do contexto urbano é ainda maior, uma vez que cabe à via a tarefa de começar a moldar os traços da cidade onde se insere, em conjunto com as demais vias desse local. Mas como pode uma rua adquirir uma alma? O que faz com que ela apresente características próprias? Aqui entram os agentes transformadores, que auxiliam nessa formação de um caráter de uma via. São eles que, como lembra DaMatta (1997), se fazem presença fundamental na construção de uma narrativa social. Através desses agentes, a rua começa a sua identidade própria e, aos poucos, se torna parte da personalidade do município.

Partindo-se desta lógica, se entende que a rua Augusta é, ao mesmo tempo, parte fundamental de São Paulo e é dela um elemento definidor. Ao longo dos anos, a via se modificou, adquiriu alguns traços, perdeu outros e aos poucos foi formando a sua identidade com ajuda de diversos elementos. Se no começo ela era apenas um espaço de passagem – sem vida própria, sem nada que a tornasse especial –, hoje a Augusta se apresenta como uma parte vibrante e essencial da urbanidade de São Paulo. Sua importância para a cidade se dá tanto pelo uso que é feito na atualidade quanto pelo seu passado. Na Augusta, a trajetória vivida mostra que ela manteve a característica de agregar grupos heterogêneos e fazer com que eles convivessem no mesmo espaço. Essa particularidade, como foi explorado nesta dissertação, fez com que ela se tornasse a musa para muitas gerações. Um dos traços mais interessantes ressaltados neste texto é que a Augusta foi capaz de manter, ainda que com todas essas mudanças, partes de si mesma que acabaram por se transformar em suas características definidoras. Além do fato de acolher tribos urbanas diferentes, ela sempre se mostrou como um local politicamente ativo, mesmo nos anos de ditadura militar. A via é espaço para protestos, manifestações e resistência contra o preconceito ou a desigualdade. É como se a rua dissesse: aqui, se pode ser livre, verdadeiro e aceito.

Entretanto, a história da Augusta é contada de uma maneira que foge daquela dita tradicional. Tudo porque seus anos não foram registrados em papel por historiadores, foram vivido pelos agentes transformadores que hoje conservam memória do tempo ali passado. Por não haver uma abundância de documentos que possam ser usados como base para remontar o passado da Augusta, essas recordações se tornam o principal meio pelo qual se faz possível remontar o passado e contá-lo para novas gerações. Ainda que seja uma rua relativamente nova ao se pensar na idade do Brasil e de São Paulo, a Augusta foi palco de tantas transformações (e fases que acabam por se mostrar tão opostas) que resgatar seu passado é algo fundamental para que se possa compreender o fenômeno que se verificou ali a partir da década de 2000, aqui chamada de fase da revitalização. É nesse período que se vê que cada uma das fases anteriores deixou uma marca, um legado, algo que contribui para a formação desta nova Augusta. Do primeiro ciclo, têm-se os casarões que não foram derrubados, os lustres e móveis que remontam a uma era de glamour e uma cultura fora do circuito comercial, algo não popular. Do segundo, os néons em tom de vermelho, os inferninhos com os profissionais do sexo que ainda mantém ali seu ponto de trabalho, os botecos, as pichações e o ar de abandono. No terceiro, todos esses elementos se misturam com a presença de algo mais forte, as pessoas, que fizeram dali uma extensão de suas casas.

São esses frequentadores que se transformam nos responsáveis por contar os fatos da rua, através de suas próprias recordações. A relação entre a história a memória é algo antigo e que já suscitou em inúmeras discussões e controvérsias, em especial no que diz respeito a veracidade das lembranças, que podem ser alteradas com a passagem do tempo e se mostram suscetíveis a subjetividade. Porém, como relembra Le Goff (1982a e 1982b), também a história está sujeita a um certo grau de parcialidade e abstração, uma vez que se apoia na recordação de quem a escreve (seja essa obtida pela própria vivência do fato ou por ter ouvido relatos a cerca do acontecimento). Assim, a memória pode ser considerada como um elemento válido no momento de se escrever a história. Bosi (2003) ressalta que a memória, justamente por ser viva, pode trazer elementos para a história que a complementam e a tornam mais real, como os detalhes, as situações vividas, os gestos, sons e cores. Essas lembranças são

primordiais no caso da Augusta, onde o papel dos agentes transformadores é importante e essencial para a formação da rua.

Porém, é importante ressaltar que só a memória não é capaz de resgatar ou explicar esse passado, justamente por conta de sua subjetividade. É preciso que se leve em consideração o contexto no qual essas lembranças se inserem. Por exemplo, para se entender e escrever sobre a fase de glamour vivida pela Augusta, é necessário que se vá em busca das recordações de quem a viveu, mas, também, que acrescente a isso o quadro da época – o período de urbanização do Brasil, o desenvolvimento econômico e a onda de imigração a partir da Europa, entre outras coisas. É a combinação destes fatores que faz a história desse período da Augusta, com todas as cores e vida as quais Bosi considera essencial na hora de se resgatar o passado. Na Augusta, pela falta dessa história dita tradicional, coube muito ao jornalistas o papel de entender e contar o passado e presente da via. As narrativas jornalísticas sobre a rua são importantes para que as fases anteriores não sejam esquecidas e, ainda, para que se possa entender todos os processos que culminaram na Augusta da atualidade – que conserva traços do passado.

Assim como foi defendido nesta dissertação, que a memória e a história podem e devem se conectar em ordem de construir o relato do passado, o jornalismo se utiliza das entrevistas de suas fontes para montar a reportagem. Essas entrevistas são também uma maneira de se usar as lembranças como fio condutor dessa narrativa. Seja através do jornalismo literário ou de outras técnicas, as peças feitas sobre a Augusta têm em comum o uso da fala de personagens como maneira de montar o ambiente do passado – e do presente – para que o público que as consomem consigam ter uma noção de como ela era e é. Depois de anos de degradação e esquecimento, a rua voltou a ser interessante e, com isso, os veículos de comunicação deram mais atenção à ela. Mas, o passado de glamour se mostrou com algo que poucas pessoas conheciam e os jornalistas se viram com a missão de resgatar essa época e trazê-la para as novas gerações, que buscavam na rua coisas parecidas com os jovens das décadas de 1950 e 60.

Foi então que muitos textos, programas de TV e documentários foram em busca de quem viveu esse passado, se fazendo valer de suas lembranças para, junto com o

contexto histórico vivido pelo país e por São Paulo, contar a história da Augusta. Ao fazer isso, os jornalistas precisaram, no entanto, deixar a objetividade, que é tão importante para a profissão, um pouco de lado – passando por um processo semelhante ao do historiador ao aceitar que a memória é um elemento que fará a narrativa ser mais completa. Porém, os profissionais da comunicação, de forma geral, aceitam que é esse grau de subjetividade que faz com que as reportagens produzidas tenham um apelo maior perante o público e, ainda, que possam se mostrar plenamente capaz de resgatar o passado através de suas diferentes realidades.

5. BIBLIOGRAFIA

ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Geografia I**, v. XIV, p. 77-97, 1998.

ALMEIDA, Laís Barros Falcão e JANOTTI JR., Jeder Silveira. **Movimento de Renovação da MPB ou um Novo Gênero Musical? Discussões sobre a Nova MPB**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

ALOI, Andre. 'Me considero uma filha da Tropicália', diz Céu ao lançar sua turnê em São Paulo. **Vogue RG**. 28 abr. 2016. Disponível em: <<http://siterg.uol.com.br/cultura/2016/04/28/me-considero-uma-filha-da-tropicalia-diz-ceu-ao-lancar-turne-em-sao-paulo/#1>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

ARQUITETURA: rua Augusta. Produção: Sesc TV. Documentário, 25', 2015. Disponível em: <https://youtu.be/aJScWgkB_yo>. Acesso em: 14 jan. 2016.

ARRUDA, Marina Almeida Ferraz. **As Marias da Augusta**. Dissertação (Licenciatura em Jornalismo). Orientação Prof. Dr. Luiz Alberto Scotto de Almeida. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

AUGUSTA a 120/h. Produção: Ana Cristina Sachs, Isis Rosa Nóbili Diniz, Marina Sarrut, Tarcila Ferro. Documentário, 15', 2003. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qohMFYSDKoA>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

Augusta Chic. Disponível em: <<http://augustachic.blogspot.pt/>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios da psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. O Frevo não morreu, mudou de lado. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 16 out. 2015. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,o-frevo-nao-morreu--mudou-de-lado-,1780424>>. Acesso em: 21 mai. 2016.

BRESCIANI, Maria Stella. A cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**, v. 06, n. 02, p. 9-26, 2004.

CASTELLO, Lineu. **Revitalização de áreas centrais e a percepção dos elementos da memória**, 2000. Disponível em <<http://lasa.international.pitt.edu/Lasa2000/Castello.PDF>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

CIDADE cinza. Direção: Marcelo Mesquita, Guilherme Valiengo. Bretz Filmes, 80', 2013.

FUNARO, Vânia Martins Bueno de Oliveira [et al.] (coordenação). Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: documento eletrônico e impresso Parte I (ABNT). São Paulo: Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, 2009.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ESSA rua tão Augusta. Direção: Carlos Reichenbach. Lauper Filmes, 7', 1966. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oGmQ99A6uRY>>. Acesso em 27 ago. 2016.

FORTUNA, Carlos. Patrimônio, turismo e emoção. **Revista Crítica de Ciências**, n. 97, p. 23-40, 2012.

GRANATO, Fernando. Agressões aos homossexuais aumentam 20%. **Diário de S. Paulo**, São Paulo, 22 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.diariosp.com.br/noticia/detalhe/79678/agressoes-aos-homossexuais-aumentam-20>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

"História", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/hist%C3%B3ria>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

História das ruas de São Paulo. Disponível em: <<http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>>. Acesso em : 27 ago. 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória I - História** (Tradução: Ruy Oliveira). Lisboa: Edições 70, 1982a.

_____. **História e Memória II - Memória** (Tradução: Ruy Oliveira). Lisboa: Edições 70, 1982b.

LEFEBVRE, Henri. **History and memory**. Nova York: Columbia University Press, 1992.

MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. Verdade e ficção na produção jornalística: entrevista e memória. **Revista Eco Pós**, n. 18, p. 193-205, 2015.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1990.

"Memória", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/mem%C3%B3ria>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 7-28, 1993.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **Revista MATRIZES**, v. 04, n. 01, p. 37-50, 2010.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. O jornalismo Literário como gênero e conceito. **Revista Contratempo**, n. 17, p. 43-58, 2007.

PISSARDO, Felipe. A rua apropriada: um estudo sobre as transformações e usos urbanos na Rua Augusta (São Paulo, 1891-2012). Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013 [Orientador: Prof. Dr. José Tavares Correia de Lira], 2013. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-12082013-101209/pt-br.php>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

PROTESTO na Av. Paulista é o maior ato político já registrado em São Paulo. **Folha de S. Paulo**. 13 mar. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/03/1749528-protesto-na-av-paulista-e-o-maior-ato-politico-ja-registrado-em-sao-paulo.shtml>>. Acesso em: 23 mai. 2016.

RAGAZZO, Cléber. **Rua Augusta: a calçada da glória**. São Paulo: Digerati, 2005.

RAMOS, Tiago Roberto; PIMENTEL, Renata Marcelle Lara. A relação centro-periferia na discursividade da cidade. **Revista RUA [online]**, v. 2, n. 17, 2011.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento** (trad. Alain François et al). Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Martin Claret, 2007.

RUA Augusta. **A Liga**. São Paulo, TV Bandeirantes, 24 jul. 2012. Televisão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HuP_P2tdivk>. Acesso em: 27 ago. 2016.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen (org.) et al. **Imigrantes internacionais no Pós-Segunda Guerra Mundial**. Disponível em: <https://www.academia.edu/5017202/Imigrantes_internacionais_no_p%C3%B3s_Segunda_Guerra_Mundial>. Acesso em: 27 ago. 2016.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000300010&script=sci_arttext>. Acesso em: 27 ago. 2016.

SOBRAL, José Manuel. O oral, o escrito e a memória dos sem história. In Monteiro, B., Domingos, N. (Eds.), **Este país não existe: textos contra ideias-feitas**. Lisboa: Deriva, p. 40-48, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/17755>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VELHO, Gilberto. Cidade: sobre conhecimento e heresia. In _____. (Org.) *O Desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da Unicamp**. Disponível em; < <http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/vonsimson.html> > Acesso em: 27 ago. 2016.

WOLFE, Tom. **Radical Chic e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

6. ANEXOS

A) Música “A Rua Augusta”, de Ronnie Cord

Entrei na rua Augusta,
A cento e vinte por hora,
Botei a turma toda,
Do passeio prá fora.
Fiz curva em duas rodas,
Sem usar a busina,
Parei a quatro dedos da vetrine,
Legal...

Ai ai Johnny, ai ai Alfredo,
Quem é da nossa gangue,
Não tem medo.
Ai ai Johnny, ai ai Alfredo,
Quem é da nossa gangue,
Não tem medo.

Meu carro não tem breque,
Não tem luz,
Não tem busina.
Tem três carburadores,
Todos três envenenados.
Só para na subida,
Quando acaba a gasolina,
Só passa se tiver sinal fechado.

Ai ai Johnny, ai ai Alfredo,

Quem é da nossa gangue,
Não tem medo.
Ai ai Johnny, ai ai Alfredo,
Quem é da nossa gangue,
Não tem medo.

Toquei a centro e trinta,
Com destino a cidade.
No Anhangabaú botei mais velocidade,
Com três pneus carecas,
Derrapando na raia,
Subi a galeria Prestes Maia
Tremendão...

Ai ai Johnny, ai ai Alfredo,
Quem é da nossa gangue,
Não tem medo.

Ai ai Johnny, ai ai Alfredo,
Quem é da nossa gangue,
Não tem medo.

Ai ai Johnny, ai ai Alfredo,
Quem é da nossa gangue,
Não tem medo.

Ai ai Johnny, ai ai Alfredo,
Quem é da nossa gangue,
Não tem medo

B) Música: “Alegria, Alegria”, de Caetano Veloso

Caminhando contra o vento
Sem lenço e sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou

O sol se reparte em crimes
Espaçonaves, guerrilhas
Em cardinales bonitas
Eu vou

Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor
Em dentes, pernas, bandeiras
Bomba e Brigitte Bardot

O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia
Eu vou

Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos
Eu vou

Por que não, por que não

Ela pensa em casamento

E eu nunca mais fui à escola
Sem lenço e sem documento
Eu vou

Eu tomo uma Coca-Cola
Ela pensa em casamento
E uma canção me consola
Eu vou

Por entre fotos e nomes
Sem livros e sem fuzil
Sem fome, sem telefone
No coração do Brasil

Ela nem sabe até pensei
Em cantar na televisão
O sol é tão bonito
Eu vou

Sem lenço, sem documento
Nada no bolso ou nas mãos
Eu quero seguir vivendo, amor
Eu vou

Por que não, por que não?
Por que não, por que não?
Por que não, por que não?

C) Música: “Não existe amor em SP”, de Criolo

Não existe amor em SP
Um labirinto místico

Onde os grafites gritam
Não dá pra descrever

Numa linda frase
De um postal tão doce
Cuidado com doce
São Paulo é um buquê
Buquês são flores mortas
Num lindo arranjo
Arranjo lindo feito pra você

Não existe amor em SP
Os bares estão cheios de almas tão vazias
A ganância vibra, a vaidade excita

Devolva minha vida e morra
Afogada em seu próprio mar de fel
Aqui ninguém vai pro céu

Não precisa morrer pra ver Deus
Não precisa sofrer pra saber o que é melhor pra você
Encontro duas nuvens
Em cada escombros, em cada esquina
Me dê um gole de vida
Não precisa morrer pra ver Deus

D) Música: “Rua Augusta”, de Emicida

As maquiagem forte esconde os
hematoma na alma.
Fumando calma ela observa os faróis
que vem e vão, viver em vão.
Os que vem e não te tem são se
necessário homem de bem fujão.
Que não aguentou ser solitário.
Mema grana que compra sexo, mata o
amor.
Traz a felicidade, também chama o
rancor.
As madrugada que testemunho vermelho
sangue na unha.
Sem nome várias "alcunha" dentro da
bolsa de punho.
Garota propaganda da cidade fria em
seus caminhos.
1 milhão de seres 1 milhão de seres
sozinhos.
Sonha como se não vivesse, vive se
perguntando.

Porque que não morre mistura lágrima
e suor no corre.
Conta dinheiro no banco do passageiro
e só.
Que vira leite pro filho ou 15 gramas de
pó.
Foda-se se é erro quem fez o certo?
Jesus.
E vocês agradeceram como? Pregando
ele numa cruz!

[Refrão]

Contando as hora com um casaco de
"vizon"
No olho a cor ta combinando com o
batom
Atenta nas buzina ela vai pelo som
Escrevendo sua história com neon...

E o neon piscando no motel as vezes
falha.

Auto-ditada aprimora o estilo enquanto
trabalha.

E se flagra chorando em frente ao
espelho.

Bola mais um acende puxa disfarça o
olho vermelho. Volta.

O seu novo amor ta de partida.

Ele espera acaba a noite ela espera
acaba a vida

Cada cigarro leva 1 ano de sofrimento.

Ela manda um maço, e de novo ta
pronta pro arrebento.

Ri com os "traveco" no breu, com o
vulgo que a rua deu.

Entra no carro se lembrando das amigas
que morreu, Sampa...

Pra quem vem de fora é uma beleza.

Mas a única coisa que todos tem aqui é
a certeza.

Seu pai só reclamava enquanto
trampava ela dormia.

Isso não deixava a vida nos conforme.

Pra se redimir ela vaga todas as
madruga ai.

Fazendo um dim como pode enquanto
ele dorme.

[Refrão]

Contando as hora com um casaco de
"vizon"

No olho a cor ta combinando com o
batom

Atenta nas buzina ela vai pelo som

Escrevendo sua história com neon...

A vizinhança réu, um mar de juiz papel.

Afago pra lá infeliz, mais um trago
miss.

Com sorte passaporte América do
norte. Please.

Europa diz "ahhhh" um sonho eu quis.

Assassinada por um rato, num motel
barato.

Agoniza na cama DRAMA, estatística
fato.

Um nóia sujo advogado bêbado
confuso.

Pai de família, pastor com a fé em
desuso.

Matilha de dois ou de homem grande
vilão.

Cliente viu produto sem coração.

Corpo marcado cicatriz de gado, ao
relento.

Vai pra coleção de sofrimento.

Princesa dos esgoto sujo seio novo
sobre o bojo.

Virgem em solo inimigo, NOJO!

Esperança triste.

Adubo do sonho da infância pura,
buscando em si se isso ainda existe.